

W. L. VON ESCHWEGE

Brasil

BRASIL, NOVO MUNDO

VOLUME II

Tradução
Myriam Ávila

Estudo Introdutório e Notas
Friedrich E. Renger

(81)

Coção
NEIRIANA
Série Clássicos

FAPEMIG

Fundação de Amparo à Pesquisa
do Estado de Minas Gerais



FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO
GOVERNO DE MINAS GERAIS

TD-1849

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

BRASIL, NOVO MUNDO

— VOLUME II —

W. L. VON ESCHWEGE

MT
910.4(8L)
E74bP
U.2

W. L. VON ESCHWEGE

BRASIL, NOVO MUNDO

VOLUME II

Tradução
MYRIAM ÁVILA

Estudo Introdutório e Notas
FRIEDRICH E. RENGER

Sistema Estadual de Planejamento
Fundação João Pinheiro
Centro de Estudos Históricos e Culturais

Belo Horizonte

2001

Governador
ITAMAR FRANCO



Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação-Geral
MAURO SANTOS FERREIRA

Presidente da Fundação João Pinheiro
JOÃO BATISTA REZENDE

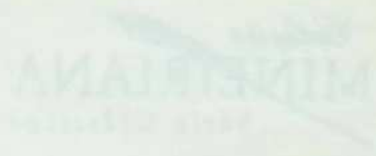
Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais
MARIA MARTA MARTINS ARAÚJO

ISBN 85-85930-36-5

E74b Eschwege, Wilhelm Ludwig von, 1777-1855
Brasil, novo mundo/ W. L. von Eschwege; tradução
Myriam Ávila; estudo, introdução e notas Friedrich E.
Renger: - Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro,
Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2000.
V.2

Tradução de: Brasilien, die neue Welt
1.Descrição de viagens – Rio de Janeiro.
2.Descrição de viagens – São Paulo. 3.Descrição de
viagens – Minas Gerais. 4.Descrição de viagens -
Amazonas. 5.População – Minas Gerais. 6.
Coordenadas geográficas. 7. Siderurgia – São Paulo.
I.Ávila, Myriam. II. Renger, Friedrich E. III. Fundação
João Pinheiro. Centro de Estudos Históricos e
Culturais.

CDU 910.4(81)



PROPOSTA DE PROJETO DE PESQUISA

Este projeto de pesquisa tem como objetivo principal investigar o impacto da cultura na economia local, com foco especial no setor de artesanato. A pesquisa será realizada em uma cidade do interior de Minas Gerais, onde o artesanato representa uma importante fonte de renda para a população. O estudo será dividido em duas partes: uma pesquisa de campo, onde serão entrevistados artesãos e comerciantes locais, e uma pesquisa bibliográfica, onde serão analisados estudos anteriores sobre o tema. Os resultados da pesquisa serão apresentados em um relatório final, que poderá ser utilizado para a elaboração de políticas públicas de incentivo à cultura e ao artesanato.

APOIO CULTURAL:

FAPEMIG — Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais

Coleção
MINEIRIANA
Série Clássicos

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Ávila, Afonso Romano de Sant'Ana, Amílcar Vianna Martins Filho, Angela Gutierrez, Antônio Octávio Cintra, Aluísio Pimenta, Angelo Oswaldo de Araujo Santos, Bernardo Mata Machado, Celina Albano, Clélio Campolina Diniz, Cyro Siqueira, Douglas Cole Libby, Fábio Lucas, Fábio Wanderley Reis, Fernando Correia Dias, Gerson de Britto Mello Boson, Guy de Almeida, Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz, Isaías Golgher, Jarbas Medeiros, João Antônio de Paula, José Aparecido de Oliveira, José Bento Teixeira de Salles, José Ernesto Ballstaedt, José Israel Vargas, José Murilo de Carvalho, Júlio Barbosa, Lucília de Almeida Neves Delgado, Luis Aureliano Gama de Andrade, Maria Antonieta Antunes Cunha, Maria Efigênia Lage de Resende, Miguel Augusto Gonçalves de Souza, Norma Góes Monteiro, Orlando M. Carvalho, Otavio Soares Dulci, Paulo Roberto Haddad, Paulo de Tarso Flexa de Lima, Paulo de Tarso Almeida Paiva, Roberto Borges Martins, Roberto Brant, Rui Mourão, Vera Alice Cardoso, Vivaldi Moreira, Walter Moreira Salles.

Coordenação editorial *MARIA MARTA MARTINS ARAÚJO*

Revisão da tradução *FRIEDRICH E. RENGER*

Projeto gráfico *SÉRGIO LUZ DE SOUZA LIMA*

Produção editorial e executiva *ROSELI DE AGUIAR*

RONARA DE PAULA

Revisão de texto *MARIA DE LOURDES COSTA DE QUEIROZ*

SUMÁRIO

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Friedrich E. Renger11

BRASIL, NOVO MUNDO – Volume II

W. L. von Eschwege21

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Friedrich E. Renger

Brasil, *Novo Mundo* é o segundo livro sobre o Brasil de autoria de Wilhelm Ludwig von Eschwege. O autor escreveu esta obra logo após o seu retorno à Alemanha (1822). Seu primeiro livro foi o *Jornal do Brasil*, editado em 1818, portanto ainda durante a sua estadia no Brasil, ainda não publicado em português, ao qual ele faz numerosas referências. Assim, pode-se considerar *Brasil, Novo Mundo* a continuação do primeiro. Ambas as obras compõem-se de dissertações ou tratados sobre temas diversos, reunindo notícias sobre suas viagens, siderurgia, recursos minerais, bem como informações geográficas, estatísticas ou etnológicas; enfim, um elenco de temas que o autor achou merecedores de uma divulgação ao público alemão. O fato de este livro ter tido três edições ou reimpressões (1824, 1827 e 1830) atesta o seu sucesso editorial. Mesmo assim, a obra tornou-se rara e cara nos dias atuais, porém é clássica e faz parte de todas as boas bibliotecas de "Brasilianas".

11 —

Neste segundo volume do *Brasil, Novo Mundo*, Eschwege reúne cinco dissertações sobre temas tão diversos que convidam a um passeio pela história e geografia do Brasil. São estas seu diário da viagem do Rio de Janeiro a São Paulo, notícias hidrográficas, especialmente da bacia do Rio Amazonas (a pororoca, ele já descreveu no primeiro volume), precedido de um capítulo sobre a origem dos rios e seguido por um extrato de um manuscrito do desembargador Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio sobre a capitania de São José do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas. A terceira dissertação apresenta uma estatística populacional do Bispado de Mariana, a quarta versa sobre os índios do sul do Brasil e as missões dos padres da Companhia de Jesus, e, na quinta, o autor reproduz tabuadas de coordenadas geográficas de diversas partes do Brasil.

Eschwege empreendeu a viagem do Rio de Janeiro a São Paulo nos meses de setembro e outubro de 1820. Teve como companhia o seu ajudante-de-ordem, capitão do Corpo de Engenheiros Carlos Martins Penna, e seu enteado, o menino Ângelo, então com oito anos (ver registro do dia 14 de setembro). Um fato pouco

conhecido, que ilustra um pouco o lado humano do nosso autor: em 1812 foi deixada uma criança enjeitada à porta da sua casa, em Ouro Preto. Eschwege acolheu e adotou essa criança, batizando-a de Ângelo. Mais tarde, soube-se da identidade dos pais da criança: era filho do capitão da Cavalaria João Ulrico de Oeynhausen e da filha do oficial da milícia Almeida em Ouro Preto. Eschwege cuidou e custeou a educação do menino, mandando-o estudar na Alemanha. O rapaz adotou o nome Ernesto Guilherme Ângelo de Almeida e Oeynhausen. Mais tarde a sua avó, a condessa de Oeynhausen e marquesa de Alorna, a famosa poetisa, acolheu o rapaz em Lisboa.

Partindo de São Paulo, Eschwege fez ainda duas excursões, uma para Santos, onde visitou seu amigo e ex-chefe, José Bonifácio de Andrada e Silva, na época vivendo no círculo de sua família em Santos, antes do seu engajamento político. A outra viagem o leva a São João de Ipanema, perto de Sorocaba, onde seu amigo Friedrich Ludwig Wilhelm Varnhagen dirigia a fábrica de ferro. Varnhagen era companheiro de Eschwege em Portugal, para onde ambos foram contratados em 1803 como “mestres de afinar ferro” pelo conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho. É provável que essa contratação tenha sido feita por iniciativa do próprio José Bonifácio, então intendente das Minas e Metais do Reino. Os dois trabalharam inicialmente na fábrica de ferro de Foz d’Alge sob a direção de José Bonifácio. No contrato de Eschwege acha-se a seguinte cláusula: *O abaixo assignado* ajusta o Senhor d’Eschwege como Mestre conductor de afinar o Ferro para o Serviço de Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal, ou para ser empregado no Brazil por dez annos consecutivos.* Com a mudança da corte para o Rio de Janeiro, Varnhagen e Eschwege também foram transferidos para o Brasil. É interessante notar que o contrato de Eschwege já previa seu trabalho no Reino ou no Brasil. Varnhagen, nascido em 1783 na cidade de Arolsen, Hessen, e falecido 1842 em Lisboa, casou-se em 1806, em Portugal, com Maria Flávia de Sá Magalhães. O casal teve nove filhos. O sétimo era Francisco Adolfo de Varnhagen, diplomata e historiador, agraciado em 1874 por D. Pedro II com o título de “Visconde de Porto Seguro”, uma alusão ao historiador do Brasil, nascido na fábrica

* O abaixo-assinado era o Enviado Extraordinário na Corte da Prússia em Berlim, Ministro Plenipotenciário Fernando Correa Henriques de Noronha. O contrato foi assinado em maio de 1802.

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO

de Ipanema em 17 de fevereiro de 1816. O pai, Varnhagen, dirigiu a fábrica de Ipanema de 1815 a 1821, quando voltou a Portugal, onde assumiu o cargo de intendente das Matas do Reino.

Logo após sua chegada ao Brasil, Varnhagen foi designado para acompanhar a “companhia dos fundidores suecos” para Ipanema, a fim de montar a fábrica de ferro e também servir de intérprete. O relatório de Eschwege sobre a fábrica de ferro é, certamente, um tanto parcial e até malicioso no que concerne ao êxito dos suecos. Descrições mais neutras ou menos imparciais da história dessa fábrica podem ser encontrados na obra clássica *As minas do Brasil e sua legislação*, de João Pandiá Calógeras, nos *Apontamentos etc.*, de Azevedo Marques, ou mais moderno e também mais abrangente na *História da Siderurgia de São Paulo*, de Jesuino Felicíssimo Jr. Um relato mais técnico temos da autoria de Leandro Dupré sob o título *Memória sobre a Fábrica de Ferro de S. João de Ipanema*, publicada em 1885 nos *Anais* da Escola de Minas de Ouro Preto. Sobre o estado da fábrica no ano de 1879 informa o *Relatório sobre a Fábrica de Ypanema*, de Carlos Conrado Niemeyer. Nessa época tinha capacidade “para produzir anualmente 900 toneladas de ferro”.

A visita nessa fábrica de ferro ofereceu ao autor a oportunidade de voltar a um dos seus temas prediletos – a siderurgia no Brasil. No seu *Jornal do Brasil*, de 1818, nosso autor já dedica um extenso capítulo à história do ferro no Brasil, e no famoso *Pluto brasiliensis* (1833) o ferro e a siderurgia também ocupam amplo espaço. Todo o diário da campanha de fundição de 1818 na fábrica de Ipanema e as cartas de Varnhagen, aqui publicados em primeira mão, são também reproduzidos no *Pluto*.

Eschwege, Varnhagen e o intendente dos Diamantes Câmara são os três precursores da indústria siderúrgica moderna no Brasil, na época fortemente estimulados pelo príncipe regente D. João. Eschwege construiu a chamada Fábrica Patriótica em Congonhas do Campo, onde conseguiu a primeira corrida de ferro em 17 de dezembro de 1812. Além desta, tinha construído outra fábrica em Timbopeba, que vendeu, em 1º de julho de 1821, pouco antes do seu regresso à Europa, a Roque Schüch (falecido em 1844), bibliotecário da imperatriz Leopoldina. Seu filho, Guilherme Schuch, barão de Capanema, nascido 1816 em Antônio Pereira,

BIBLIOTECA DA
FUNDAÇÃO JOAO PINHEIRO

era geólogo e engenheiro e implantou os primeiros telégrafos no Brasil. Enquanto Eschwege optou por uma indústria de pequeno porte para o abastecimento local, Câmara e Varnhagen tinham planos mais ambiciosos. Câmara sonhou até com a exportação do ferro da usina de Morro do Pilar pelo Rio Doce e conseguiu uma primeira corrida de ferro com a assistência do mestre fundador João Schönewolf, em 3 de dezembro de 1813. Schönewolf era um prático em fundição que Eschwege tinha buscado na Alemanha para o auxiliar nos seus trabalhos na fábrica de ferro de Foz d'Alge. Ele viajou com Eschwege para o Brasil e se tornou seu assistente e companheiro de muitas viagens.

A produção regular da fábrica do Morro de Pilar iniciou-se somente em outubro de 1815. O primeiro ferro do alto-forno de Ipanema correu em abril de 1815. De todas estas fábricas, a de Ipanema teve a vida mais longa, encerrando suas atividades em 1895, por determinação do Congresso.

Em São João de Ipanema, Eschwege encontrou ainda outro colega e velho amigo dos tempos de Portugal, Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner (1772 – 1822), que retornara naquela época da Alemanha, onde contratou trabalhadores especializados para a fábrica de São João de Ipanema. Feldner foi contratado em 1803, junto com Eschwege, Varnhagen e mais alguns outros especialistas em fundições da Alemanha, sob as mesmas condições. Feldner, que tinha experiência prática de mineiro das minas de carvão da Silésia, foi mandado para as minas de carvão de São Pedro da Cova, passando depois para as minas de Buarcos. Feldner deixou um manuscrito que foi publicado em 1828 sob o título *Reisen durch mehrere Provinzen Brasiliens* [Viagens através de várias províncias do Brasil, dois volumes, ainda não publicado em português].

Apesar de anunciar no título deste capítulo o diário da “Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo e de lá até Vila Rica”, o autor interrompe a narração da viagem após a visita a Ipanema e se refere a uma publicação posterior. Parece que Eschwege tinha planejado um terceiro volume do *Brasil, Novo Mundo*, como insinua no prefácio do segundo volume, escrito em março de 1823. Entretanto, nunca foi publicado. O trecho de São Paulo até Vila Rica está descrito geologicamente em outra obra do autor, a saber, nas *Beiträge zur Gebirgskunde Brasiliens* [Contribuições à Orografia do Brasil – Berlin, 1832]. Dessa obra existem, traduzidos por Rodolfo

Jacob, somente alguns capítulos em português, que se referem aos percursos em Minas Gerais. Porém, a descrição nessa obra é muito mais científica e geológica, dispensando o relato do cotidiano de uma viagem em lombo de animal.

Na sua segunda dissertação, Eschwege dá notícias e observações hidrográficas. No primeiro capítulo desenvolve suas idéias sobre a origem dos rios, para depois tratar das grandes bacias hidrográficas brasileiras, nomeando os principais afluentes dos rios Amazonas, Negro, Madeira, Guaporé e Paraguai. Infelizmente não cita sua fonte, já que sabemos que ele mesmo nunca viajou por essa região.

O terceiro capítulo, chamado "Apenso histórico", é um extrato do manuscrito de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio. O desembargador Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1741 – ca. 1812) era, em 1767, juiz de fora e provedor da Fazenda Real da Capitania do Pará, e em 1770 foi nomeado provedor da Fazenda Real e Intendente da Agricultura da Capitania São José do Rio Negro, hoje Estado do Amazonas. Em 1774/1775 fez uma "viagem de visita e correição", sobre a qual deixou um diário. O manuscrito, que se encontra na Biblioteca Nacional (RJ), também foi impresso em 1825 na tipografia da Academia de Lisboa. É possível que Eschwege tenha tido acesso ao manuscrito na própria Academia, da qual ele era sócio.

No acervo dos manuscritos deixados por Eschwege, guardados no Staatsarchiv de Marburg/Alemanha, encontram-se ainda cópias de diversos manuscritos de conteúdo histórico e geográfico, como os de Alexandre Rodrigues Ferreira, de José Bonifácio d'Andrada e Silva e outros.

A terceira dissertação é um comentário sobre a tabela da população do Bispado de Mariana de 1816, na qual o autor mostra novamente sua inclinação à estatística. Tabela semelhante da comarca de Ouro Preto já foi publicada no seu *Jornal do Brasil* (v.1, prancha 5). A população do bispado totalizava 390.685 pessoas, entre brancos e negros, livres e escravos. A partir dos dados de 1816, o autor encontra uma taxa de crescimento de 1.230 almas, ou seja, 0,315 %. Para a época, a população do Brasil é estimada em cerca de 3 milhões de habitantes. Aplicando a taxa de crescimento do Bispado, Eschwege estima uma duplicação da população do Brasil em cem anos. Isto, porém, não levou nem quarenta anos,

Apesar da menção de uma continuação desta obra, uma terceira parte nunca veio à luz. No seu prefácio, Eschwege já alerta que isso poderia demorar, em virtude de uma viagem programada a Portugal, pois o período da sua licença expirou. É interessante notar que o prefácio foi assinado em 18 de março de 1823, o dia do seu casamento com Sophie von Baumbach, seu amor da juventude que ele deixou na Alemanha quando foi a Portugal pela primeira vez em 1803. De fato, logo em seguida viajou para Lisboa, onde chegou em 5 de junho do mesmo ano, desta vez ainda sozinho, deixando a esposa em Weimar.

É nosso dever agradecer a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para a realização desta edição. Queremos expressar nossa gratidão especialmente à Dra. Sabine Lutz, da Biblioteca Brasileira da Robert Bosch GmbH, Stuttgart, que nos forneceu cópias de algumas páginas ilegíveis na reprodução da obra original, que serviram de base para a tradução. Estendemos os agradecimentos também à Sra. Margarethe Cardoso, da Livraria Kosmos no Rio de Janeiro, que forneceu importantes informações bibliográficas.

Bibliografia

- ADONIAS, Isa. *A cartografia da região amazônica*. Rio de Janeiro: CNPq/ Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 1963, 716 p.
- AIRES DE CASAL, Manuel. *Corografia brazilica, ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brazil...* etc. Rio de Janeiro (Impressão Régia) 1817; nova edição Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945; Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia/USP, 1976.
- ALMEIDA, André Ferrand de. Os jesuítas matemáticos e os mapas da América portuguesa (1720 – 1748). *Oceanos* CNCDP: Lisboa, n. 40, p. 66 – 76, 1999.
- ALMEIDA PRADO, João Fernando de. *Thomas Ender – Pintor austríaco na corte de D. João VI no Rio de Janeiro. Um episódio da formação da classe dirigente brasileira 1817/1818*. São Paulo: Editora Nacional, 1955, 383 p. (Brasiliense, Grande Formato, 5ª série, v. 7).
- BARBOSA, Waldemar Almeida de. *Barão de Eschwege*. Belo Horizonte: Casa de Eschwege, 1977, 74 p.
- BECK, Hanno & Heckmann, Fritz (1981) Mit W.L. von Eschwege in Portugal und Brasilien. – Das "Reisebuch" des Schmelzmeisters Johannes Schönewolf. *Das Werraland*, 33. Jg., H. 3:36-7; H. 4: 49-51.

- BICALHO, Maria Fernanda Batista. Sertão de estrelas – A delimitação das latitudes e das fronteiras na América portuguesa. – *Varia Historia*. (Fafich/ UFMG/ Fundação João Pinheiro) v. 21, p. 73-85, 1999.
- CALÓGERAS, João Pandiá. *As minas do Brasil e sua legislação*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1904-905, v. 2.
- CHOFFAT, Paul. Le baron d'Eschwege. In: *Biographies des géologues portugais*, Comm. Serv. Geol. Portugal, v. IX, p. 181-214, 1913.
- CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984, 4 v.
- DINIZ, Pedro Joyce Guilherme, Barão de Eschwege. In: *Subsídios para a história montanística*. Lisboa: Min. de Economia; Dir. Geral de Minas e Serviços Geológicos, 1941, v. II.
- DUPRÉ, Leonardo. Memória sobre a Fábrica de Ferro de S. João de Ipanema. – *Anais Escola de Minas* (Ouro Preto), v. 4, p. 37-68, 1885.
- FELICÍSSIMO JR., Jesuino. *História da siderurgia de São Paulo, seus personagens, seus feitos*. São Paulo, 1969, 153 p.
- GOMES, Francisco Magalhães. *História da siderurgia no Brasil*. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/USP, 1983, 409 p.
- GUERREIRO, Inácio. Fronteiras do Brasil colonial – A cartografia dos limites na segunda metade do século XVIII. *Oceanos*, Lisboa: CNDP, n. 40, p. 24-42, 1999.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus*. Lisboa/ Rio de Janeiro: Portugalia, 1938, v. VIII-IX.
- LEONARDOS, Othon Henry. *José Bonifácio de Andrada e Silva*. – DNPM, DFPM, Avulso 84, 1958, 30 p.
- _____. *Geociências no Brasil – A contribuição germânica*. Rio de Janeiro: Forum-Sulina, 1973, 345 p. (com reg. onomástico).
- MARQUES, Manuel Eufrásio de Azevedo. Fábrica de Ferro de Ipanema. In: *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos e noticiosos da província de São Paulo*. – São Paulo: Martins, 1950, v. 1.
- NIEMEYER, Carlos Conrado. *Relatório... sobre a Fábrica de Ferro de Ypanema*. – Rio de Janeiro (Soares & Niemeyer), 30 p., 1879.
- OLIVEIRA LIMA, Manuel de. *Dom João VI no Brasil*. Rio de Janeiro: Jornal do Comercio, 1909, 2 v. (3. edição com prefácio de W. Martins. Rio de Janeiro: Topbooks 790 p.)
- PAULA, José Antônio de Eschwege. O mundo e o novo mundo – Estudo crítico. In: ESCHWEGE, W. L. von. *Brasil, novo mundo*. Trad. de Domicio de Figueiredo Murta. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro/ CEHC. p. 25-43, 1996.
- SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de. *Diário da viagem que em visitação e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor e*

intendente-geral da mesma, no anno de 1774 e 1775. Lisboa: Tipografia da Academia, 1825, 115 p. [O manuscrito existe na Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro].

SANTOS, Corcino Medeiros dos. Os jesuítas e a demarcação dos lmites estabe-
licidos pelo Tratado de 1750. *Varia Historia*, (Fafich/ UFMG/ Fundação João
Pinheiro), v. 21, p. 171-180, 1990.

SILVA, Innocência Francisco da. *Diccionario biographico portuguez*. Lisboa, 1859,
v. III.

SOMMER, Friedrich. *Wilhelm Ludwig von Eschwege – Das Lebensbild eines Aus-
landdeutschen mit kulturgeschichtlichen Erinnerungen aus Deutschland,
Portugal und Brasilien (1777-1855)*. Stuttgart: Ausland und Heimat Verlag,
1928, (com reg. onomástico).

_____. *Guilherme Luis, Barão de Eschwege – Patriarca da geologia brasileira*.
São Paulo: Melhoramentos, 1952, 120 p. (com reg. onomástico).

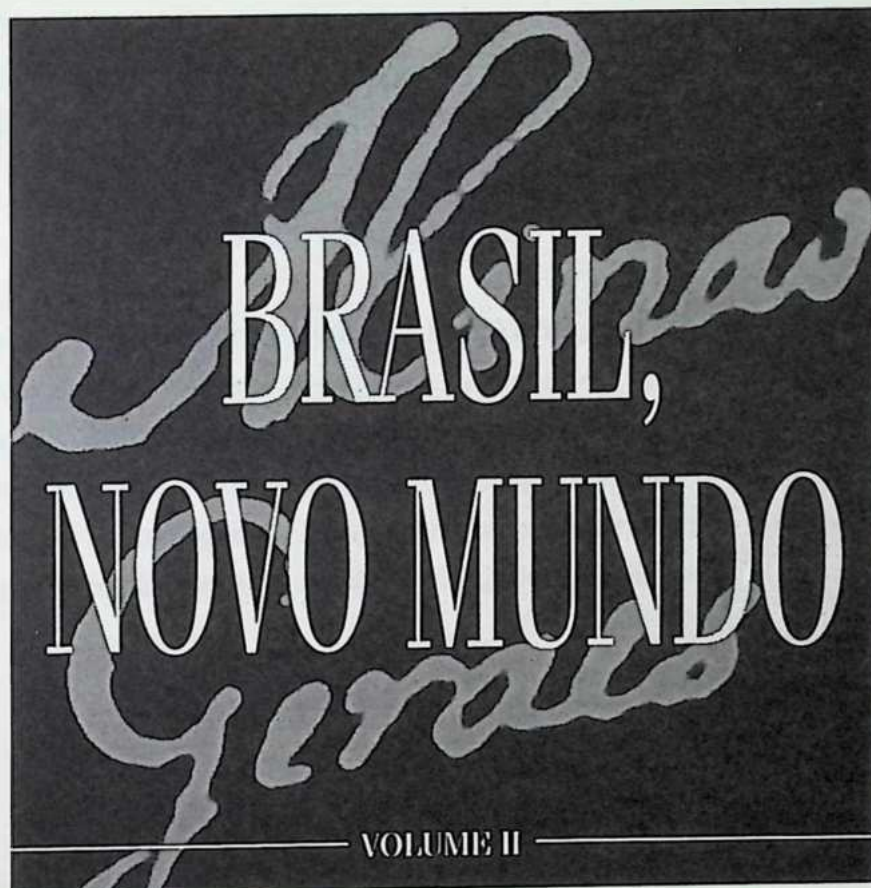
TABUADAS das latitudes dos principais portos, cabos e ilhas do mar dos sul na
América Austral e portuguesa pelos padres Diogo Soares e Domingos Capa-
cis, matemáticos régios no Estado do Brasil. In: CODICE Costa Matoso. Belo
Horizonte: Fundação João Pinheiro, p. 159-116, 1999.

TABOADAS de longitudes e latitudes de grande parte do Brazil, observadas pelos
astrónomos empregados na demarcação. *Rev. Inst. Hist. Geograf. Bras.*,
v. 45, parte I, p. 121-149, 1882.

TAUNAY, Afonso de E. Eschwege e sua obra referente ao Brasil – *An. Mus. Pau-
lista*, v. XII, n. 2, p.5-12, 1945.

TOENGES, Werner Heinz. Wilhelm Ludwig von Eschwege – Ein deutscher Berg-
baupionier in Brasilien. *Der Anschnitt*, v. 38, H. 5/6, p. 212-219, 1986.

W. L. von Eschwege



Tradução
MYRIAM ÁVILA

Revisão da tradução
FRIEDRICH E. RENGER

BRASIL, NOVO MUNDO

Informações topográficas, geológicas, metalúrgicas, naturalistas, políticas e estatísticas, colhidas durante uma estada de onze anos (1810-1821) no Brasil, incluindo apontamentos sobre os últimos acontecimentos, por

W. L. VON ESCHWEGE

Coronel do Corpo de Engenheiros do Exército Real Português, diretor-geral das minas de ouro, inspetor de várias minerações e fundições na província de Minas Gerais; Cavaleiro da Ordem Militar de São Bento de Aviz, sócio correspondente das Academias de Ciências de Lisboa e São Petersburgo; assessor e sócio honorário da Sociedade de Mineralogia de Jena; sócio correspondente das sociedades de ciências naturais e medicina do Baixo Reno, de Halle, Leipzig, etc.

23 —

Em duas partes

2ª Parte

Braunschweig, Casa Friedrich Vieweg

1824

Dedicado aos meus amigos brasileiros

W. L. von Eschwege

PREFÁCIO

Entrego aqui ao público a segunda parte de minhas observações no Brasil, aproveitando para esclarecer que uma nova viagem a Portugal ocasionará um certo estorvo a meu trabalho literário e, conseqüentemente, algum atraso na publicação da próxima parte desta obra. Como já vinha fazendo, continuarei a dar a lume separadamente segmentos que mais tarde virão a formar um todo, que então poderá ser lido com interesse ainda mais vivo.

Os desenvolvimentos recentes por que passou essa bela nação fornecem contínuo alimento à curiosidade, e assim espero que a diversidade das informações aqui contidas corresponda às expectativas de muitos.

Weimar, 18 de março de 1823.

SUMÁRIO

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo e de lá a Vila Rica. 29

PRIMEIRA PARTE – Do Rio de Janeiro a São Paulo – A marcha dos negócios no Rio de Janeiro, no ano de 1820. Dificuldades no início de uma viagem. – Estalagens no Brasil. – A Real Fazenda de Santa Cruz. – Chineses e plantação de chá. – Temporada da Família Real em Santa Cruz. – Registro de Itaguaí. – Vila de Itaguaí; noite desagradável. – Serra de Itaguaí, altura e tipos de rocha. – Noite tempestuosa no rancho de Arrozal de Cima. – Plantações de café. – Temporal nas matas brasileiras. – Oficiais da milícia. – Tipos de rocha e seu arranjo nas proximidades de Miranda e Retiro. – As relações entre as províncias e motivos da atual desavença entre elas. – Construção e manutenção das estradas. – Observações barométricas a cada quarto da noite. – Agregados nas fazendas. – Construções feitas de barro. – Joaquim Gomes. – Vila das Areias. – Criminosos nas fronteiras das três províncias. – Direitos alfandegários na Província de São Paulo. – Delta e curso do Rio Paraíba. – Assassinatos em Estiva. – Ciganos no Brasil. – Doenças venéreas. – Vila de Lorena. – Da elevação de arraiais a vilas. – Afortunadas paragens, onde não há jurisdição secular nem religiosa. – Vila de Guaratinguetá. – Nossa Senhora de Aparecida. – Pedro Leme. – Galo músico. Vila de Pindamonhangaba. – Vila Taubaté. – Vila de S. José dos Campo. – Impressões das regiões desabitadas sobre o espírito. – Vila de Jacareí. – Travessia do Paraíba. – Rio Tietê. – Vila de Mogi (Mogi das Cruzes). – Prados e turfás do Tietê. – Penha, de onde se avista São Paulo. – Traje do homem comum por lá. 29

SEGUNDA PARTE – De São Paulo a Vila Rica – Cidade de São Paulo. – Hospital militar. – Casernas e fábrica de armas. – Divisão da província de São Paulo. – Tabela da população. – Excursão à Vila dos Santos. – Mulas de Ponta Alta – Serra de Cubatão. – Pousada em Cubatão – Portos de Santos. – Vila de São Vicente. – Caminho para lá. – Enormes costelas de baleias na costa. – Posição barométrica em Santos. – Retorno a São Paulo. – Observações geognósticas. – Altitude da Serra de Cubatão. – Preparativos de guerra dos brasileiros na Província do Rio Grande contra Artigas. – Observações barométricas e termométricas em São Paulo. – Notícias diversas da Cidade de São Paulo. – Aniversário do Príncipe Herdeiro. – Circo e Teatro. – Sociedades. – Viagem às Fábricas de Ferro de São João de Ipanema. – Rochas nos arredores de Cotia. – Acampamento entre Cutia e São Roque e encontro com uma serpente. – Pousada em São Roque. – Rochas da região. – Paragens desabitadas. – Vila de Sorocaba. – Comércio de mulas. – Trajeto errado. – Chegada à Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. 77

TERCEIRA PARTE – Descrição e notícias da grande Fábrica de Ferro de São João de Ipanema. – História da Fábrica. – Cartas do Coronel Varnhagen dirigidas a mim. – O diretor sueco da fábrica e seus homens. – A Carta Régia. – Método sueco de fundição. – Consumo de carvão. – Medidas do alto forno. – A fuga dos aprendizes. – Relatório da campanha do alto forno de 1818. – Tabela de fundição da campanha de alto forno de 1819. – Notícias sobre a Fábrica de Ferro da Prata, junto a Congonhas do Campo. – Observações barométricas em São João de Ipanema. – Serra de Araçoiaba. – Fraturamento colunar do arenito. 94

SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Notícias e comentários hidrográficos. 131

PRIMEIRA PARTE – Observações gerais sobre a formação dos rios. 131

SEGUNDA PARTE – Afluentes de alguns rios. – Do Rio Amazonas – Do Rio Negro. – Do Rio Madeira. – Do Rio Mamoré. – Do Rio Guaporé. – Do Rio Paraguai – Do Rio Jauru. – Do Rio Cuiabá. 133

TERCEIRA PARTE – Apenso histórico relativo ao Rio Negro, como extrato das notícias manuscritas de Francisco Xavier Ribeiro Sampaio. – Nome original do rio. – Largura do Rio Negro. – Confluência das águas com as do Amazonas. – Descoberta e navegação do Rio Negro. – Confluência do Rio Negro com o Orenoco através do Rio Casiquiare. – Conhecimento dos espanhóis relativo ao Rio Negro. – Ocupação da parte superior do Rio Negro pelos espanhóis. – Carta do governador do Pará ao “Comissário de Delimitação de Fronteiras” espanhol de Delimitação de fronteiras espanhol. 139

TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Sobre a população do Bispado de Mariana na Província de Minas Gerais. – Especialmente com relação às taxas de crescimento e mortalidade. . . 146

QUARTA DISSERTAÇÃO

Algumas notícias sobre as nações indígenas do sul do Brasil. 150

QUINTA DISSERTAÇÃO

Determinações geográficas de latitudes e longitudes estabelecidas por diversos matemáticos e astrônomos. 157

PRIMEIRA DISSERTAÇÃO

Viagem do Rio de Janeiro a São Paulo e de lá a Vila Rica

PRIMEIRA PARTE

Do Rio de Janeiro a São Paulo

Entusiasmado com meus trabalhos de mineralogia, mas deparando sempre com a resistência das autoridades que, em parte por ignorância, não me podiam e, em parte por má vontade, não me queriam compreender, e assim estorvavam o bom progresso de meus empreendimentos, tinha eu de lutar para remover as maiores dificuldades, especialmente por ocasião das mudanças de ministério. Depois de esperar sem sucesso, durante meses, pela decisão de um dos novos ministros, era preciso, em geral, que eu mesmo fosse buscar a resposta pessoalmente.

Perda de tempo e dinheiro, devido à dispendiosa permanência no Rio, era sempre a conseqüência inevitável, e na maioria das vezes apenas parcialmente satisfeito, após uma estada de muitos meses, empreendia eu então o retorno na esperança de que finalmente as coisas iam melhorar. Mas, geralmente, eu me enganava. Ficava tudo na mesma, muito embora eu, apesar de não conseguir meu intento, prosseguisse com minhas atividades regularmente, sem perder o ânimo.

Também desta vez era o objetivo da minha estada no Rio nada menos do que prevenir a completa ruína da mineração de ouro.

Eu havia apresentado um estudo amplo e profundo e ali permaneci com meu ajudante durante cinco meses. Toda semana eu me dirigia duas vezes à sala de audiências do ministro,¹ assim como à do rei. Porém, quando ao fim de cinco meses o ministro ainda foi capaz de me fazer mais uma vez a pergunta: Mas o que é mesmo que eu desejava? – qualquer pessoa compreenderá que era impossível não perder a paciência. Acostumado, entretanto, há tantos anos, a tal morosidade de atitude, a pergunta não me surpreendeu de todo, principalmente vinda do ministro de então; todavia, levou-me no mesmo instante a tomar a decisão de nada mais fazer: pedi-lhe apenas que me fornecesse um passaporte e a autorização de empreender a viagem de volta a Minas, através de uma parte da Província

¹ André de Melo e Castro, conde de Galveas, sucessor de Rodrigo de Sousa Coutinho, conde de Linhares, que morreu em 1812, no Rio de Janeiro.

de São Paulo. Imediatamente os olhinhos escuros do ilustre estadista se iluminaram e ele desejou-me uma feliz viagem, satisfeito por ter-se desvencilhado de mim em troca de tão pouco.

Deixei a obtenção dos passaportes por conta de meu ajudante que, decorridas duas semanas, finalmente os conseguiu, mas só depois de distribuir aqui e ali, principalmente aos funcionários da Chefatura de Polícia, alguns cruzados para apressar sua emissão para o meu tropeiro.

Narro aqui esses fatos concisamente com o fito de dar ao leitor uma idéia concreta das condições prevalentes naquela época. Uma maquinaria que, particularmente nos últimos anos, só funcionava a poder de ouro. As mais importantes questões de Estado cediam diante dos negócios particulares. Era raro as autoridades das províncias receberem respostas a seus pedidos e representações; o governador da Província de Mato Grosso garantiu-me mesmo que, em dois anos de repetidos relatórios sobre o estado da província, e especialmente sobre as suas relações com as províncias espanholas limítrofes, simplesmente não obtivera qualquer resposta. Não é de espantar, portanto, que todos ansiassem por uma mudança de governo. Pernambuco tomou a frente, porém a revolução não prosperou. Os pontos de vista eram por demais diversificados, e assim ela foi sufocada ainda ao nascer, até que, por fim, Portugal deu o tom.

Não pretendo contar aqui, todavia, uma história da revolução. Estava satisfeito por ter finalmente em mãos o despacho, e, em companhia do meu ajudante, o capitão do Corpo dos Engenheiros Carlos Penna, iniciei a viagem, da qual publico agora um diário não desprovido de interesse, para usufruto de meus amigos alemães.

12 de setembro de 1820, Rio de Janeiro.

Normalmente, os primeiros dias de uma viagem ao Brasil são os mais desagradáveis. Mesmo quando se teve muitas semanas para prepará-la, acaba-se por descobrir que falta isso ou aquilo, ou não funciona. Especialmente a bagagem exige um grande esforço, antes que se a tenha distribuído uniformemente entre os animais de carga. Ora o peso se concentra mais de um lado, ora de outro; centenas de vezes os pacotes têm de ser refeitos; os arreios apertam aqui e ali; os animais arriam sob a carga e se cansam com facilidade, principalmente se perderam, durante o período de espera, o costume de viajar e suportar o peso.

Nesses dias o arrieiro tem de demonstrar toda a sua habilidade; não pode economizar esforços na redistribuição da carga, até que ela esteja bem equilibrada; deve ainda, com grande diligência, aperfeiçoar os arreios nos pontos em que machucam os animais. Caso não o faça, o resultado inevitável é a incapacitação das mulas por longo tempo, quando não sua perda completa. Os viajantes estrangeiros que de início não fazem idéia dessas dificuldades devem, portanto, aconselhar-se com quem entende – os arrieiros profissionais. Desta vez levávamos somente dois animais de carga e éramos bem servidos por um subalterno do meu primeiro tropeiro (que andava por Minas em outras incumbências, com o restante de minhas bestas), além de um dos meus escravos, também entendido em tropas.

Só às nove horas da manhã pudemos pôr o pé na estrada. Eu tinha todos os motivos para estar alegre por partir e para maldizer minha permanência no Rio até então. Meu desejo era alegrar-me, mas não conseguia. A lembrança de ter desperdiçado ali cinco meses, mais a agitação de arranjar a bagagem, o sol escaldante que me queimava a cabeça, uma planície arenosa que refletia o calor, tudo isso deixava meu cérebro como em chamas. Sentia uma dor de cabeça terrível. Vinagre, limonada e repouso são nesses casos meus únicos medicamentos, e congratulei-me ao ver nossa meta do dia diminuída em algumas horas devido às alquebradas mulas. O arrieiro explicou que uma delas não podia mais prosseguir. Paramos, portanto, em Piraquara, em uma pousada à beira da estrada. A marcha fora de menos de 4 léguas; eram apenas três da tarde. Nada de mais premente havia a fazer senão descansar. Depois de algumas horas eu estava completamente restabelecido e só então reparei que aquela estalagem, para os padrões brasileiros, não era nada má. Limpeza, uma galinha bem preparada com couve e um estalajadeiro gordo, roliço e amigável não deixavam nada a desejar, especialmente quando se está, como eu, preparado a reduzir suas expectativas quando em viagem.

Quartos atapetados ou pintados, belos móveis, espelhos e camas com cortinado, um criado lesto ou camareira limpa e corada, que já à entrada atendam às necessidades do hóspede ou tentem adivinhá-las, naturalmente não são de se esperar aqui. Podemos nos considerar felizes se encontrarmos uma casinha caiada, ao rés-do-chão, raramente assoalhada, na maioria das vezes com piso de chão batido. Uma sala de entrada com uma mesa grande e comprida, com um banco de cada lado, e nas duas cabeceiras um tamborete de tábuas, sem encosto, já caracteriza uma estalagem plenamente equipada.

Passa-se da sala de entrada, por uma porta, à venda contígua, onde um barrilzinho da nobre aguardente, guarnecido de torneira, ocupa a mesa de servir. Dois copos de tamanhos diferentes que nunca são lavados e em lugar de borda dourada têm uma crosta profundamente carcomida de diversas tonalidades, que ali se foi depositando dos lábios de cada usuário, encontram-se convidativamente em um canto. Uma grande moringa de cerâmica não envernizada, permeável à umidade e, portanto, sempre fria, junto de um gigantesco copo de borda igualmente incrustada, fica debaixo da mesa. Nas paredes em volta, encontra-se uma espécie de dispensa onde ficam garrafas poeirentas de vinho ou aguardente açucarada, uma nauseabunda carne-seca em farrapos e toucinho gotejante devido ao calor. Sobre os bancos vêem-se redondos e malcheirosos queijos de Minas, duros como pedra. Acima, sobre uma prateleira suspensa por cordas, a salvo de ratos e camundongos, estão quitandas ressecadas e bolos de açúcar. Lingüiças secas e salgadas e peixe seco e fedorento estão pendurados nas paredes.

Em meio a todas essas vitualhas vislumbra-se, em espantosa confusão, misturados a armarinhos variados, toalhas de algodão, cachecóis, ferraduras, fumo, cachimbos de barro pretos, com tubinhos de madeira de cores berrantes, e assim por diante. Esse é o conteúdo de uma taberna bem equipada, ou venda, como dizem por lá. Devo dizer que a visão de uma venda dessas, depois de longa privação, sempre me deixava em êxtase e com uma sensação de bem-estar – a alegria dos meus negros era minha também. A expressão “Aqui há de tudo, nada falta”, quando vinham anunciar-me a pousada com grande satisfação, por não conhecerem nada melhor, em geral contaminava também o meu ânimo. O conforto de que dispõe o viajante europeu eu já esquecera há muito; estava, portanto, plenamente satisfeito.

Na sala de entrada havia várias portas que levavam a pequenas alcovas, contendo um ou dois estrados de madeira, com um colchão de palha grosseiro e sujo, às vezes uma mesinha frágil ou um tamborete. Quase nunca faltam ganchos para pendurar a roupa. Cada viajante leva consigo roupa de cama e colchão; caso alguém peça, no entanto, uma cama nessas estalagens, um saço recheado em geral de palha de milho é sacudido e coberto com lençóis rústicos de algodão branco e colchas de chita estampada. Uma almofada em forma de salsicha serve de travesseiro, coberta por uma fronha, muitas vezes, caprichosamente bordada. Se faz frio nessa cama leve, que a cada movimento faz estalar ruidosamente a palha dura, o jeito é cobrir-se com o manto de viagem.

Os confortos de Piraquara se conformavam à descrição acima. Também a região tinha seus atrativos. As montanhas que seguem a linha do litoral e a outra cadeia, que é a continuação da Serra dos Órgãos, aproximam-se aqui mais e mais, através de ramificações baixas, cujo interior é composto em parte de gnaiss compacto, em parte de material primitivo incompleto e não endurecido, que indica igualmente granito e gnaiss em formação.

Os morros encerram em alguns pontos agradáveis pradarias. A diligência dos moradores, contudo, ainda não foi suficiente para fazê-los derrubar a madeira baixa que salpica esses belos campos cultiváveis, de que já falei na minha viagem à Ilha Grande (ver o *Jornal do Brasil*,² 2ª parte); a região pareceu-me até mais selvagem. Além da mandioca, não se planta qualquer tipo de cereal, e, mesmo aquela, só esparsamente. A população contenta-se com o que os paulistas e mineiros produzem, decerto mais facilmente, mas que exportam por caminhos mais difíceis

13 de setembro, Piraquara.

Praticamente em todo o mundo civilizado os hospedeiros seguem uma mesma máxima: quanto mais solícitos e amáveis, mais elevam as suas contas. Seja porque cobram uma taxa pela amabilidade, ou porque fazem questão de esvaziar a bolsa do freguês da forma mais cordial – enfim, o roliço mulato se fez recompensar extraordinariamente bem. Nossos animais haviam passado a noite em um pasto cercado e assim puderam ser trazidos bem cedo, e já pelas seis horas e pouco nos pusemos em marcha.

Escuso-me de descrever a paisagem até Santa Cruz, da qual já falei bastante no *Jornal* anteriormente mencionado. Embora esta nova viagem se dê dez anos depois, nenhuma alteração notável ocorreu nesse período. A estrada permanecia como era então, sem que nenhum melhoramento fosse feito, muito embora um primeiro-tenente da milícia houvesse sido nomeado, com um belo salário, para o cargo de inspetor da estrada, e somas consideráveis fossem destinadas esta.

Em Coral Falso, na entrada da Fazenda de Santa Cruz, fora nesse tempo estabelecida uma nova estalagem, todavia tão deplorável como as demais, e pouco equipada para fornecer aqueles confortos necessários à nobreza e à classe

² O *Journal von Brasilien* foi publicado em 1818, em dois volumes, edição em português em preparação pela Fundação João Pinheiro.

alta que aqui vêm para cortejar a Família Real, durante sua temporada na fazenda.

A fazenda de Santa Cruz, uma antiga propriedade dos jesuítas, que possui mais de cinqüenta léguas quadradas de superfície e compreende também o grande, plano e frutífero vale dos rios Guandu e Itaguaí, além de estender-se até abranger a mata que cobre a Serra do Itaguaí, pertence a uma das regiões mais frutíferas e, portanto, mais belas do Brasil.

Os jesuítas sabiam valorizá-la. Por meio de dispendiosos canais, longos e profundos, eles não só drenaram todos os pontos pantanosos, como criaram vias aquáticas para pequenas embarcações por toda a região, até alcançar o mar, que fica a mais ou menos uma hora e meia do antigo mosteiro, agora Palácio Real. Milhares de escravos distribuíam-se por diversas granjas, dedicadas à agricultura e à pecuária. Rebanhos de milhares de cabeças pastavam nos terrenos cortados pelos canais, em cujo centro geralmente se erguia, dos corredores relvosos, um imponente outeiro coberto de mata nativa. Traços da atividade e indústria daquele tempo perduram ainda. Mas elas próprias desapareceram há muito tempo.

34

Depois da expulsão dos jesuítas, suas propriedades foram confiscadas e postas sob administração real, e aí acabou-se tudo. A pecuária foi descuidada, os canais assorearam, as granjas ruíram, os escravos tornaram-se criaturas depravadas e inativas. É difícil acreditar como uma propriedade tão bela pôde arruinar-se dessa forma em pouco tempo, a ponto de não mais prover o próprio sustento e exigir a cada ano subsídios maiores para a manutenção de alguns milhares de escravos.

Por outro lado, porém, não se pode estranhar essa decadência, quando sua administração foi entregue a pessoas que não possuíam qualquer dom ou capacidade para tal, na maioria oficiais reformados, velhos e decrépitos. Desde a chegada do rei ao Brasil, os administradores foram substituídos várias vezes.

Uma prova evidente da escassa noção das qualidades atinentes a um bom administrador é a ignorância do ministro de então, que ofereceu a administração da Fazenda ao mineralogista Mawe,³ como ele descreveu na sua obra, só porque este lhe mostrara, durante sua estada ali, como se faz manteiga e queijo.

³ John Mawe, mineralogista inglês, viajou pelo Brasil durante os anos 1807/1808 e publicou o livro *Travels in the Interior of Brazil* (1812).

Por muito tempo não se falou em outra coisa na Corte do Rio a não ser da excelente administração de Santa Cruz, e o rei disse-me certa vez pessoalmente que agora tinha manteiga fresca todos os dias e estava altamente satisfeito com isso.

Por essa época germinava também na cabeça do ministro Linhares o grande projeto de fazer vir ao Brasil dois milhões de chineses, para promover a agricultura no país e arrebatando da China o comércio do chá por meio de plantações brasileiras desse produto. De fato, chegaram a desembarcar alguns carregamentos de chineses, entre 400 e 500 cabeças, mas quase todos homens. Ficaram meses “enquartelados” na Ilha das Cobras antes de poderem ser acolhidos fora dali. Muitos foram para a fábrica de pólvora da Lagoa do Freitas, e uma porção de casinhas chinesas foi construída em Santa Cruz. As plantações de chá prosperaram bem, mas como não era chá da China ninguém o queria comprar. O protetor chinês morreu entretanto, os subsídios do Governo tornaram-se minguados e rarefeitos, e o povinho, que não havia deixado sua pátria para viver em apuros e no celibato na terra alheia, foi-se dispersando e passou a dedicar-se em sua maioria ao comércio, atividade de sua predileção, como o é também dos judeus. Eles pegavam mercadorias chinesas de outros negociantes a crédito e percorriam o interior e as ruas a vendê-las. Outros se deixavam batizar e escolhiam entre as belas da terra sua cara-metade, de modo que em poucos anos a colônia se desfizera, fim que toda nova colônia necessariamente terá em um Brasil ainda tão imaturo.

Desde de 1816 até 1819, o rico visconde do Rio Seco⁴ assumiu a administração. Aparentemente tudo tomou um ar de prosperidade. Foi construída uma estrada através das planícies baixas pantanosas até o Rio Itaguaí, toda plantada com mimosas espinhentas. Uma alameda sombreada ligando Coral Falso ao Mosteiro surgiu em pouco tempo e um grande castelo com duas alas foi erguido ao lado do velho prédio do mosteiro. Milhares de cabeças de gado foram trazidas de Minas e de São Paulo para dar vida aos campos. Restauraram-se algumas quintas e grandes extensões de terra foram aradas. Tudo o que se fazia tinha de ser em grande estilo, para não passar despercebido. Só para fornecer carvão para a cozinha real, empregaram-se cerca de trinta escravos e mais dois fiscais, além

⁴ Joaquim José de Azevedo, visconde de Rio Seco (1761 – 1835), confidente de D. João, ocupou importantes cargos no paço, organizou a retirada da corte para o Brasil em 1807. No Rio de Janeiro, foi financista de D. João VI e um dos fundadores do Banco do Brasil.

de um de nossos compatriotas, que ocupava a diretoria dessa carvoaria com um salário de dois mil *Reichstaler*.⁵ Nas contas do visconde do Rio Seco encontra-se nos anos de 1817 e 1819 uma despesa de 550 contos, ou 1 milhão e 375 mil cruzados. Se desse dispêndio todo resultou de fato melhora real na economia, há motivos para duvidar, pois, após a eclosão das revoltas no Rio de Janeiro, Rio Seco foi igualmente dispensado e os constitucionais se queixavam do desperdício.

Santa Cruz era um das residências de recreio da Família Real, e o rei, em companhia do príncipe e da princesa viúva, passava ali, de costume, algumas semanas do ano, na maior parte do tempo caçando os inúmeros pássaros do banhado, razão pela qual essa região se tornou por decreto uma tapada. Só existiam aqui algumas casinhas, além das que abrigavam os escravos. Agora, porém, muitas pessoas obtiveram licença para construir no local, e assim Santa Cruz virou uma cidadezinha.

Aqui se alugam quartinhos a preços exorbitantes àqueles que, durante a estada da Família Real, vêm a negócios ou em busca de obséquios do rei ou simplesmente compor-lhe o séquito. Os ministros também acorrem vez por outra ou mesmo permanecem aqui a maior parte do tempo.

Os negócios no Brasil não eram tão regulamentados quanto em outros países. Pode-se dizer que tudo dependia dos caprichos, das mercês e do humor do rei e dos ministros. Não é de admirar que se atentasse tantas vezes contra a ordem correta das coisas; não é de admirar que o rei e os ministros estivessem sempre rodeados de centenas de suplicantes. Nenhum suplicante se deixa intimidar aqui tão facilmente quanto em outros países. Sem esmorecimento, com persistência duradoura, a tudo resistente, cada um persegue sua meta pelo tempo necessário até que obtenha pelo menos alguma coisa, pois para cada pedido recusado já têm imediatamente outro de prontidão e, para se desvencilhar do impertinente, acaba-se por fim por lhe conceder ao menos uma parte do que deseja. Conheci pessoas que chegaram a permanecer de dois a três anos no Rio a suplicar. Beijavam a mão ao rei todas as noites, ou seguiam-no em seus passeios, especialmente se estava em Santa Cruz, e diariamente tentavam se colocar em seu caminho só para, com um repetido beija-mão, se fazerem lembrados. O rei tolerava essa situação, e, quando um suplicante habitual não aparecia, perguntava-lhe da próxima vez: "Onde estavas ontem, que não te vi?"

⁵ Corresponde a 1.600 réis.

Na cidade os suplicantes se perdem na multidão; no campo, em Santa Cruz, eles são diariamente visíveis. Lembram-me os freqüentadores de uma estação de águas muito procurada. Nesta correm logo de manhãzinha à fonte em busca de seus poderes curativos; naquela, em busca do rei, dos príncipes, das princesas e dos ministros, que nas horas frescas vão à caça ou fazem caminhadas. Alguns saem com o rabo entre as pernas, como aqueles que não se deram bem com o banho; outros, que atingiram sua meta ou obtiveram uma longínqua esperança, comparo aos banhistas de mais sorte.

O sol subia no céu, e, com calor crescente, lá vinha o rei de volta de seu passeio. Os suplicantes acorriam todos quando ele apeava, formavam duas filas e Sua Majestade passava entre elas, estendendo à direita e à esquerda a mão a beijar, aqui e ali saudando amigavelmente um deles com um movimento da cabeça. Daí em diante as pessoas podiam descansar até a próxima frescata; depois voltavam para casa.

Como havia poucos alojamentos, e caros, vários deles ficavam juntos. Despiam-se e, em mangas de camisa, estendiam-se em esteiras e saboreavam a péssima comida. Um contava então como o rei acenara para ele; outro, como fora buscar na água a ave na qual o príncipe herdeiro atirara e aproveitara para lhe entregar seu requerimento; um terceiro, como atrelara os bodes do príncipe D. Miguel e aproveitara para dar-lhe trela; um quarto, como ele tinha bem ao lado o picador da Princesa Viúva, etc.; outros, entrementes, burilavam novas petições e traçavam novos planos para se fazerem ouvir. A maioria, porém, ia bajular o camareiro do conde de Parati, o predileto do rei, já que era difícil chegar a este.

Durante as horas de calor tudo ficava morto. Só quando vinha a fresca ras-tejavam de volta os aduladores, cada um seguindo o caminho que parecia lhe prometer os mais rápidos resultados, até o cair da noite, quando se comprazia então o rei em dar audiência a quem quer que fosse, sem exceção. Sem respeito à hierarquia, na mais variada das disposições, seguiam os mais altos funcionários aos seus subordinados, os oficiais a seus soldados, os bispos aos mais pobres dos curas. O rei sentava-se em uma cadeira, com a perna doente esticada sobre um escabelo, e, com a maior boa vontade e a mais amável das paciências, ouvia benevolmente as mais imodestas súplicas. Com um dos joelhos em terra e beijando-lhe ao mesmo tempo a mão, entregava-lhe cada um suas petições. Em geral nada mais se passava senão um leve aceno de cabeça ou a resposta menos consoladora de que conversasse com o ministro. Feito o pedido, beijava-se a mão

do rei mais uma vez e partia-se. Vinha então o primeiro do próximo grupo, que se poderia comparar a um bando de gansos em migração, e assim prosseguia-se até o fim, que só se dava, muitas vezes, depois de várias horas. Os que já haviam entregado suas petições voltavam ao beija-mão, como forma de lembrete. Os nobres vinham, na maioria das vezes, apenas perguntar ao rei como ia passando, pois ele adorava esse tipo de cortesia, e, quando lhe apetecia, perguntava ele também como ia o súdito, se estava tudo a contento, etc.

É tempo, porém, de retomarmos nossa viagem. Depois de nos restabelecemos na estalagem de Coral Falso, atravessamos os belos pastos relvados sobre uma estrada bem construída e passamos o Rio Guandu e o Itaguaí. À beira do segundo há um posto de guarda, que aqui se chama Registo, onde todo viajante deve mostrar seu passaporte. Um velho tenente inválido estava instalado ali com alguns soldados malcriados e atrevidos. Tivemos de apeiar "a gosto" e "prestar obediência", como diziam os guardas. Demorou muito até que o "Senhor Tenente", que, como se explicou depois, estava à mesa com seus soldados, resolvesse aparecer. Exalando uma nuvem de vapores de cachaça sob os nossos narizes, discorreu longamente sobre o cumprimento de suas importantes obrigações, e em vez de ler pôr alto os nossos passaportes pôs-se a estudá-los cuidadosamente. Quanto mais evidenciávamos a nossa impaciência em continuar a viagem, mais ele se demorava.

A uma meia hora dali ficava a Vila de Itaguaí, até onde tínhamos de chapinhar por um profundo areal, fatigante para nós e para nossos já esgotados animais.

Itaguaí era originalmente uma aldeia indígena, cujos habitantes se amestigaram de tal forma com portugueses e mulatos que já pouco resta de sua origem. A proximidade do Palácio de Santa Cruz e do crescente comércio do Rio, principalmente de café, também influenciou essa aldeia. Os habitantes tinham melhorado de vida, e o rei a elevara a vila, isto é, uma localidade dotada de sua própria jurisdição e juiz.

Não havia aqui uma estalagem, e, como era dia de festa, as vendas estavam abarrotadas, sem nenhum alojamento disponível. Para a grande fábrica de açúcar de Barroso, onde são muito hospitaleiros, não queríamos seguir, por vários motivos. Depois de muito ir e vir foi-nos arranjado um quartinho em uma venda. Mal havia ali lugar para um caixão de milho e um jirau, ou estrado de madeira, sobre os quais faz-se uma cama. Rapidamente tirou-se dali o despejo e a sujeira que

o ocupavam, e nos instalamos, enquanto o guia teve de permanecer com a bagagem a céu aberto. Tomamos ainda uma refeição sofrível, composta de galinha e feijão, sem suspeitar que tormentos a noite ainda nos traria.

O rumor de que haviam chegado dois oficiais logo atraiu uma multidão de caboclas (moças de progênie indígena), com a intenção de ganhar algum trocado. Mulatos e índios também chegaram ali, portanto era inevitável que começasse uma dança. Um tocava violão e, em um cômodo de 20 pés quadrados, dois pares se esfalfavam banhados em suor. O batuque durou a noite toda, acompanhado sempre por palmas e cantigas arrastadas que pareciam não ter fim. Essa dança é na verdade uma versão grosseira do lundu português, no qual se dança com os braços abertos e o corpo empinado, a pares soltos, que ora se aproximam, ora se afastam, em passos sensuais com movimentos leves de quadril, às vezes mais ligeiros, outras vezes mais suaves, em atitudes lânguidas. Quando mais vivos, os compassos são acompanhados por sonoro estalar de dedos; quando lentos, por um sibilar de língua. É uma dança que se distingue pela sensualidade fina e requintada, mas que seria considerada indecorosa em nossos círculos alemães. Ela é praticada em Portugal, nas melhores sociedades e publicamente no teatro.

No batuque da classe baixa, a voluptuosidade se exprime de forma mais grosseira e direta. Não importam as belas evoluções, e sim os movimentos rápidos dos quadris em todos os passos e a encontrões cadenciados dos abdômes, com tanto ímpeto que é de admirar que não se machuquem.

Impossível dormir com um barulho desses. Para completar, assim que apagamos as luzes vieram os ratos em grande quantidade, atraídos pelo cheiro dos ossos de galinha – restos do nosso jantar – que haviam ficado pelo chão. Como tinham entrada livre por todos os lados, especialmente, porém, quando vinham de um sobrado vizinho, passando pelo telhado do nosso aposento, nossas camas lhes garantiam uma descida sem acidentes. Vários deles pulavam diretamente no meu rosto, obrigando-me a cobri-lo com a colcha. Como pareciam se divertir em pular sobre nós e roubar-nos o sossego, acabamos por levantar e ceder-lhes o quarto. Acendemos uma luz e fomos para o salão de danças assistir àquela escória devassa e depravada. Só pouco antes do nascer do dia, depois que o barulho havia acabado e os ratos voltado a seus esconderijos, pudemos desfrutar algum sono. O aviso de que nossos animais já estavam arreados e o café pronto, interrompendo nosso repouso, foi recebido com muita má vontade.

14 de setembro, Itaguai.

Às sete da manhã, pusemo-nos em marcha; aproximávamo-nos da alta serra por uma passagem mais baixa, porém íngreme, e chegamos depois de uma hora e meia ao último quartel, no pé da serra, onde tivemos de nos apresentar mais uma vez ao suboficial em comando. Daqui em diante começam minhas observações barométricas. O ponto médio do mercúrio de meu barômetro atual mostrava no Rio, mais precisamente a 10 pés acima do nível máximo do mar, ao qual reduzi todas as minhas observações e cálculos a 30',150. O mercúrio alcançava aqui, às quinze para as nove, 30',114 e o termômetro 73° F com vento forte, o que indica a elevação insignificante de 126 pés (ingleses).

A base da serra é formada de granito, mais acima passa a gnaiss com pequena quantidade de hornblenda, e ainda mais no topo esta se desprende totalmente da massa rochosa e aparece em forma de diabásio esférica.

A estrada íngreme e difícil permanecia ainda no mesmo estado de dez anos atrás, com a diferença que o tempo seco continuado a deixara seca. Quando chove muito, porém, ela se torna perigosa. Daquela vez contei cerca de 20 cadáveres de gado e mulas que, ou atolaram na lama e morreram de fome, ou quebraram as pernas entre as rochas, sendo abandonadas por seus condutores. Os urubus haviam se reunido em bandos e devoravam os animais, muitas vezes, ainda vivos. Enquanto alguns se ocupavam de arrancar-lhes os olhos, outros já atacavam o intestino grosso. Não suportando assistir ao sofrimento de um desses animais, atirei-lhe na cabeça. O estouro não chegou a perturbar o trabalho dos abutres. Enquanto eu estava a seu lado, eles permaneceram a uma distância de 20 passos, mas, assim que me afastei, atiraram-se de novo sobre sua presa com avidez. Acredito até que possam tornar-se perigosos para um homem, se embriaguez ou um desmaio o deixar sem sentidos durante algum tempo.

Este é o caminho das tropas que vêm da Província de São Paulo e de uma parte da Província de Minas Gerais para o Rio. A maior parte do café e do fumo segue esse percurso até o Rio, a maior parte dos alimentos que o Rio recebe passa por aqui, e no entanto, durante os séculos em que esta estrada vem sendo usada, nenhum melhoramento foi feito. Nos novos tempos, em que o comércio aumentou tanto e, portanto, o tráfego, ela piorou ainda mais e não há nenhum progresso à vista.

No meio da serra havia uma venda de bebidas, chamada Santo Antônio da Boa Vista, que, ou fora criada após minha primeira viagem, ou me passara des-

percebida daquela feita. O nome Boa Vista se justificava por se ter dali um maravilhoso panorama. Rente à montanha, lá embaixo, vêem-se primeiro os morros baixos, cobertos de mata, salientes e arredondados, que limitam o Rio Itaguaí, e mais atrás as amplas pradarias de Santa Cruz, com seus morros isolados, rochosos e arborizados, que se podem comparar às moitas de flores nos gramados de um parque inglês. O palácio novo, com suas adjacências, ergue-se agradavelmente da planície verde que à direita vai encontrar o mar espumante e salpicado de ilhas e cujos fundos confinam com os altos morros azulados do Rio.

O local é consagrado a Santo Antônio, porque é costume pedir-lhe proteção e auxílio na subida e descida dessas alturas perigosas e estafantes. Ultrapassamos o ponto superior da montanha e paramos em uma casa isolada, chamada Capoeira do Andrada, para almoçar e fazer a sesta.

No pico mais alto da serra, às dez horas da manhã, fiz as seguintes anotações: Barômetro = 28',300, a temperatura de 72° F; estávamos, portanto, subindo à altura de 1.820 pés.

Pouco distante da Capoeira do Andrada, a primeira estrada à direita leva à Província de Minas Gerais. A região permanece ainda altamente enflorestada, acidentada e sombria, sendo cortada por inúmeros regos de água.

Depois das três da tarde, acampamos na Venda do Arrozal de Cima. Um rancho aberto (uma construção aberta com cobertura de telhas ou capim, para abrigo dos viajantes) nos acolheu. Havia ainda uma venda ao lado, mas desprovida de tudo o que nos pudesse refrescar. Morava ali apenas um negro, que não nos podia informar absolutamente nada. Por sorte nossa, apareceu mais tarde um comerciante de galinhas com centenas dessas aves, em busca também de abrigo para a noite. Compramos dele uma certa quantidade de galinhas para nossa ceia e para a refeição matinal, e por essa vez estávamos abastecidos. Milho para os animais teve de ser buscado em uma propriedade que ficava a meia hora floresta adentro. O comerciante, que conhecia bem a região, foi de grande ajuda então, pois o negro, que ainda por cima tinha uma perna enferma, não se movia do lugar.

Todos evitam pernoitar nessa região devido às muitas ervas venenosas que aí crescem, e que levariam à morte os animais que as comessem. Essa informação nos deixou altamente apreensivos, todavia o comerciante consolou-nos com a afirmação de que no tempo seco essas plantas eram menos perigosas, ou mesmo estariam elas totalmente secas, pois nessa época quase não se verificava

nenhum acidente desse tipo. Por fim, aconselhou-nos a mandar pastar nossos animais junto com os dele, que levou a um local onde nunca ocorrera qualquer envenenamento. Não se sabe ainda se as plantas daninhas são arbustos ou gramineas.⁶

Nesse meio de floresta não havia nada de convidativo. Um riacho buliçoso rumorejava em leito profundo, enquanto macacos barbados roncavam dos longes da mata ao cair da noite. Enquanto isso, o rancho fervilhava de atividade. Em compridas manjedouras de bambu, levava-se o alimento às galinhas engaioladas. Orgulhosos e graves, os galos passeavam de lá para cá sobre seus poleiros; sem negar a natureza, demonstravam afeto a suas galinhas por meio de pisões e arranhões impacientes, sacudindo as penas douradas. Também algumas das galinhas, apesar do espaço exíguo, talvez alvoroçadas pelo clima e pelos sinais evidentes de paixão do seu amado, conseguiam com certa habilidade receber os agrados do macho. Não faltavam vizinhos ciumentos, e seguia-se então uma briga sangrenta, que a nós, espectadores ociosos, estendidos sobre nossos colchões, proporcionava um pouco de entretenimento. Os negros traziam lenha, as panelas borbulhavam sobre o fogo e, enquanto o cheiro da comida nos prenunciava um bem-vindo repasto, acudiam também os animais, que reclamavam da comida esperada ansiosamente. Eles foram ferrados às pressas onde era necessário, e as feridas decorrentes da pressão dos arreios foram tratadas. Essa azáfama durou até que os animais finalmente tivessem sido conduzidos ao pasto e a refeição saboreada. Acendeu-se uma vela para aquele que quisesse com a leitura convidar o sono, o qual, afinal, após uma noite em claro, não se fez esperar. Já há muito reluziam clarões ao longe, através da escuridão da mata, e um remoto rolar de trovões anunciava a vinda de uma tempestade; mas o sono era mais poderoso do que as ameaças celestes. Tínhamos gozado bem uma hora de sono quando a tormenta interrompeu com toda fúria, acordando-nos. Um vendaval, que sacudia as árvores da floresta com terrível violência, quase arrancando-as pelas raízes, avançou sobre nós e arrebatou em remoinhos meu cobertor, ao mesmo tempo que arrancava a cobertura do telhado. Acocorados sob couros de boi, diante de um fogo quase extinto, os negros benziam-se a cada raio. Nós também nos colávamos à parede da venda, protegendo-nos das telhas que caíam

⁶ É interessante que Eschwege, depois de dez anos no Brasil e apesar do contato com tantos naturalistas, não soube identificar o "mata-cavalo."

e das bâtegas de chuva que o vento atirava contra nós. Até mesmo nossas mulas e cavalos, assustados com os estrondos e com as árvores que tombavam, fugiram da mata e vieram abrigar-se sob nosso incerto teto.

É difícil fazer uma idéia precisa da grandiosidade espantosa de um temporal noturno em uma mata nativa do Brasil, e enfrentá-lo sem um teto seguro sobre a cabeça é de causar arrepios. Mais difícil ainda é descrever uma situação de tal modo apavorante. Uma tempestade no mar, quando as velas rasgam e os mastros quebram, é certamente, devido ao elemento oscilante, mais perigosa, mas não mais assustadora. No mar são mais terríveis os momentos em que as partes do navio que oferecem resistência à tempestade, os mastros e as velas, ainda não foram recolhidos e adequados à violência do tempo. Isso tendo sido feito, no entanto, e com bom resultado, o viajante pode, em alto-mar, dentro de um veículo impermeável, deixar-se sacudir sem medo. Os uivos do vento nas amarras, o matraquear e o ranger dos mastros e estacas das velas, o distender, sacudir, retorcer e estalar do interior do navio e as ondas que se chocam contra o casco podem ser ouvidos dentro de poucas horas sem medo; a impressão se torna cada vez mais fraca e mesmo a trovoadá deixa de assustar; ela passa ligeira – e permanecemos deitados tranqüilamente em nossos camarotes.

O mesmo não acontece em um temporal como os que vivi tantas vezes nas matas do Brasil. Sempre eram igualmente apavorantes e até os animais pareciam sentir medo, pois inclusive os menores deles ficavam inquietos, em especial os sapos. A bulha do vento nas árvores gigantescas do Brasil, o estampido dos galhos secos que rebentam aqui e acolá, a chuva formando enxurradas, os gritos dos animais selvagens, especialmente dos macacos, talvez expulsos de seus leitos por uma árvore que cai, talvez até danificados por ela, o incessante ribombar do trovão com seus ecos infinitos, a luz espantosa que os relâmpagos brilhantes espalham na escuridão da floresta negra, sem contar o perigo constante de se ser atingido por uma árvore ou galho que despencam – tudo isso deixava-me sempre em estado de pânico.

Também na minha última viagem de Vila Rica ao Rio de Janeiro vivemos uma noite igualmente desagradável. Em um vale profundo, por si só já lúgubre, fechado por altas montanhas rochosas, passa o Rio das Pedras, um riacho inexpressivo, mas que as fortes tempestades podem tornar poderoso. Há sobre ele uma pequena ponte, a pouca distância da embocadura de um outro córrego vindo da mata. O dia tinha sido tão quente e os animais estavam tão fatigados, a

margem gramada do rio e a sombra da encosta coberta de majestosas figueiras-bravas (aqui denominadas *gameleiras*) de copas amplas eram tão convidativas que decidimos montar ali o nosso acampamento para a noite. Lá no alto da montanha morava um lavrador. Era ainda cedo e tínhamos tempo de arranjar nossa cabana. O chão era todo limpo, a grama tão curta que não havia que temer a visita de cobras. Porém, habitavam o local milhões de carrapatos, que nos deram não pouco trabalho. Tivemos de nos despir e esfregar o corpo com suco de fumo bravo para nos vermos livres deles. Confiando no belo entardecer, que parecia anunciar uma noite encantadora, não nos preocupamos em nos proteger contra a chuva. Alguns deitavam-se aqui, outros ali. Eu escolhi ficar sob uma gameleira imponente, estendi um couro de boi sobre o chão e arrumei sobre ele minha cama. Uma fogueira alta dava uma aparência singular aos grupos de homens adormecidos, às bagagens empilhadas e aos arreios que pendiam dos galhos das árvores em torno. Meu pequeno enteado⁷ dormia junto a mim. Demorou até que eu conciliasse o sono. Não passava a menor aragem; apenas se ouvia o murmúrio do rio que coleava à distância entre os penhascos. Toda a natureza parecia adormecida; o fogo ia-se apagando. Quando eu já ia me entregando ao sono, percebi um movimento sobre meu cobertor. Meu primeiro pensamento foi: uma cobra – e, ao querer levantar-me, senti uma coisa gelada nos pés. Levantei-me de um pulo e agarrei um tição para pesquisar a origem do meu susto. Encontrei um sapo gordo ao meu lado e atirei-o para longe. Mas, no mesmo momento, as chamas da fogueira se elevaram mais e pude perceber que uma grande quantidade de sapos se amontoara ali e pulava pelo acampamento e em torno do fogo, em singulares agrupamentos e posições. Satisfeito por só ver sapos, e não cobras, tornei a deitar-me e adormeci.

Por volta da meia-noite fomos despertados pela trovoada distante e pelos relâmpagos; a borrasca aproximava-se rapidamente e era preciso tomar medidas imediatas para nos protegermos da chuva. Os fogos foram alimentados, as bagagens cobertas com couros de boi. Logo turbilhonavam vento, chuva, relâmpago e trovão; cada um se enfiou em sua cabaninha de couro, encolhendo-se para caber

⁷ Eschwege adotou uma criança enjeitada que foi deixada à porta de sua casa em Ouro Preto, provavelmente em 1812. Adotou e criou essa criança, batizando-a de Ângelo. Mais tarde descobriu-se a identidade do verdadeiro pai, o conde João Ulrico de Oeynhausen, oficial da Cavalaria em Minas Gerais. A mãe era filha de um oficial da milícia de nome Almeida. O rapaz adotou, então, o nome Ernesto Guilherme Ângelo de Almeida e Oeynhausen. Eschwege levou seu enteado em 1821 para Lisboa e o apresentou à sua avó, a condessa de Alorna, que o reconheceu como neto.

todo ali. A princípio nos protegeram as grossas copas das árvores; mais tarde, porém, estas vergaram em golfadas d'água ainda mais grossas. As fogueiras se apagaram com a chuva incessante; os córregos que desciam da mata troavam com furor. A mais negra das noites nos cercava. Meu pequeno companheiro de cama grudou-se a mim, e tanto uns, perdidos na contemplação do difícil momento, como outros, especialmente os negros, no temor do deus da Ira, permaneceram calados e quietos, até que um estrondo fragoroso nos arrancou gritos de horror. Mil suposições, medo, dúvida, temor e espanto alternavam-se entre uns e outros. Estaríamos seguros ali ou sujeitos ao perigo? Aproximava-se a morte, ou que tremendo fenômeno da natureza ter-se-ia desencadeado? Tudo isso nos permanecia oculto pela noite escura e nos entregamos à Divina Providência. Foi nesse estado angustiante de pavor, entre os gemidos de "Misericórdia, meu Deus!" dos negros, que permanecemos até o romper do dia, quando o sol, com sua luz consoladora, iluminou uma encosta desmoronada próxima a nós, que poderia muito bem ter-nos soterrado a todos. Felizes por termos escapado do desastre, seguimos viagem sem demora, deixando o sol secar nossas roupas encharcadas.

15 de setembro, Arrozal de Cima.

45 —

Depois da tempestade noturna, o sol nascera claro e os animais haviam voltado por si mesmos ao rancho, em parte porque pouco pasto haviam encontrado e em parte, como já disse, por instinto, para se protegerem da chuva e das intempéries, e assim pudemos partir mais cedo do que o habitual.

O barômetro apontava para quinze para as oito, 28',730, a uma temperatura de 66°, o que dá para o lugar uma altitude de 790 pés.

A estrada seguia ainda por florestas em terreno acidentado, onde aqui e ali se encontrava uma plantação de café isolada. A Fazenda e Engenho das Araras, localizada em um belo vale verdejante, era a mais linda delas. Os outeiros à sua volta tinham sido desmatados e exibiam densas fileiras de pés de café. Nesse ponto afastamo-nos da estrada principal e entramos à esquerda, rumo à Vila de São João do Príncipe, antes denominada São João Marcos, que já mencionei em minha viagem a Ilha Grande (ver *Jornal do Brasil*, v. 2). A localidade crescera imensamente desde então, com um aumento de pelo menos 100 casas, e fora elevada a vila. O cultivo do café a engrandecera de tal modo que a maioria da população era abastada. As matas que outrora a cercavam haviam desaparecido, e tudo fora replantado com cafezais, que aqui têm a fama de produzir mais grãos

e de melhor qualidade. Calcula-se aqui, para cada mil pés de café, uma colheita de 1.600 libras, ou seja, mais de uma libra e meia para cada pé, e cada negro pode, em um ano, cultivar e colher 1.500 pés de café, o que garante um lucro extraordinário. Ouvi de outras pessoas, entretanto, que não se deveria contar com mais de uma libra por pé e que o proprietário poderia se dar por satisfeito se um negro desse conta de mil pés. Ainda assim, com os elevados preços atuais do café, com a arroba (de 32 libras) sendo vendida no Rio a 10 *Reichsthaler*, ainda se tem um lucro considerável. Nessas redondezas tinha um proprietário que vendeu, no corrente ano, 80 mil cruzados em café.

Hospedamo-nos na casa de um amigo do meu ajudante, o coronel de milícia do Regimento de Cavalaria de São João Marcos, onde fomos recebidos com um excelente almoço. Sua esposa, uma velha matrona cercada de cãezinhos bologneses a ladrar, e ele, um homem pequeno, grisalho, mas de espírito jovem, descansam aqui sobre seus louros e cultivam café.

Para os oficiais de chefia e os ajudantes dos regimentos de milícia dá-se preferência àqueles que serviram em regimentos de linha, sendo em parte esses cargos considerados uma espécie de aposentadoria. Há, porém, aqueles abastados que chegaram a tenente ou a capitão nas tropas de linha e que procuram esses cargos para, com a elevação de posto, de *status* e soldo, levar uma vida mais confortável. Os capitães dos regimentos de linha tornam-se coronéis de milícia com o soldo que recebiam como capitães. Tenentes tornam-se majores e tenentes-coronéis, e os sargentos, ou mesmo alferes, tornam-se ajudantes-de-campo com o mesmo soldo que recebiam nos regimentos de linha. Essa instituição seria bem eficiente e econômica se não fosse tão mal utilizada. Basta dizer que raramente há um regimento que não tenha alguns coronéis, vários tenentes-coronéis, majores e ajudantes-de-campo. Todos recebem soldo, muitos deles um alto soldo, ocasionando um custo extraordinário para o Estado. Na Província de Minas o custo montava a 50 mil cruzados por ano, soma que pode ser considerada desperdício, já que não traz vantagem alguma. Quem conhece essas milícias concordará inteiramente comigo que com elas não se pode enfrentar uma guerra. Compõem-se, em sua maioria, de proprietários de terras, e como poderiam estes, sem problema, abandonar suas famílias e fazendas? Até mesmo o seu único encontro mensal para manobras torna-se difícil, extremamente complexo, devido à distância em que vivem uns dos outros (alguns chegam a morar a seis ou oito horas de distância de seus capitães, outros estão mais de vinte horas

afastados de seu chefe). Daí só advêm desvantagens para o desenvolvimento desse Estado ainda tão jovem e imaturo.

O regimento de milícias de São João Marcos era igualmente ruim quando por ali passei durante a minha viagem anterior, mas agora o encontrava excelente. Ele fora enviado, companhia por companhia, ao Rio para aprender o serviço e agora podia figurar ao lado de qualquer regimento de linha. Os homens estavam bem equipados com armas e montarias, o que, entretanto, causara a ruína de muitas famílias. O brasileiro tem um talento natural para aprender os exercícios militares e dar-se um ar militar, especialmente na cavalaria, já que desde bem jovens acostumaram-se a montar a cavalo e esmeram-se na arte da equitação. O regimento de cavalaria de linha de Minas Gerais, por exemplo, que na verdade só cumpre a função de gendarmes e nunca se exercitara em manobras, já fazia, três meses após a nova organização, suas manobras com tal precisão que nada deixava a desejar.

À uma hora da tarde o barômetro igualava 28',610, o termômetro indicava 72°; portanto, uma altitude de 1.534 pés acima do nível do mar em São João Marcos.

Só já com noite fechada chegamos à Fazenda do Estêvão, no Rio Pirai, onde não encontramos, no entanto, a famosa hospitalidade brasileira, e sim tivemos de vadear o rio, de tamanho considerável, para nos acomodarmos do outro lado, no rancho aberto comum.

Na Fazenda do Retiro havia sienito à vista, com direção de suas camadas na segunda e terceira horas,⁹ e, a pouca distância do Rancho do Miranda, anfibólito xisto com um veio das camadas na nona hora, portanto, exatamente na direção perpendicular à daquela rocha.

Essa observação fornece uma confirmação importante para, entre as diversas hipóteses sobre a origem dessas rochas, a hipótese da formação não-coeval de ambas as rochas (ver *Geognostisches Gemälde von Brasilien*),⁹ mas não con-

⁹ A bússola 360° corresponde a 24 horas; cada hora a 15°; segunda hora = 30° Az (N 30° E); terceira hora = 45° Az (N 45° E); nona hora = 135° Az (N 45° W).

⁹ A obra *Geognostisches Gemälde von Brasilien und wahrscheinliches Muttergestein der Diamanten*. [Quadro geognóstico do Brasil e a provável rocha matriz dos diamantes], Weimar, 1822 (44 p.) ainda não foi traduzida na íntegra para o português. Um resumo foi publicado sob o título "Bosquejo geognóstico do Brasil com uma dissertação sobre a matriz dos diamantes", na *Geologia Elementar* de Nereo Boubée (Rio de Janeiro, 1846), sendo este uma tradução do extrato da mesma obra, publicado em francês nos *Annales des Mines de Paris* (t. VIII, 1823).

tradiz a minha, pois na separação da hornblenda do sienito pode ocorrer tanto uma corrente sinuosa como uma corrente unidirecional, dependendo do efeito do ponto central resultante. Quantas vezes não vemos, especialmente no xisto argiloso primitivo, essa disposição sinuosa, e daí o acamamento e a direção (da foliação) totalmente divergentes?

O Rio Pirai faz nessa estrada a fronteira entre as Províncias de São Paulo e do Rio de Janeiro. A de São Paulo estende aqui como que uma língua estreita de terreno pelo Rio de Janeiro adentro, sobre 10 léguas, uma faixa que tem no máximo 4 ou 5 léguas de largura. Outra língua de terreno igualmente mesquinha da Província do Rio de Janeiro espreme-se entre a de Minas Gerais e a de São Paulo pelo Rio Paraíba acima, até bem além do Rio Pirai, e uma outra tira, ainda mais estreita, alonga-se pela costa abaixo até a Vila de Parati.

As diversas províncias do Brasil comportaram-se desde sempre como territórios estranhos, até mesmo inimigos uns dos outros, situação que impede um arredondamento conveniente e adequado das províncias. Nenhuma delas quer abdicar de seus direitos sobre distritos que chegou a possuir e dos quais foram os primeiros descobridores.

Os paulistas foram os primeiros a abrir uma estrada para a cidade do Rio de Janeiro e esbarraram na altura do Rio Pirai em fazendas que pertenciam à Província do Rio de Janeiro. Até o rio, diziam então, vai a nossa divisa, e os governadores de São Paulo chegaram a estabelecer ali uma alfândega e quartel de fronteira. Lateralmente a essa estrada, subindo o Rio Paraíba, a Província do Rio avançou até bem além do Rio Pirai, onde fundaram a Vila de Resende, e também pela costa abaixo até a Vila de Parati.

Para ir de uma província, ou, como se dizia antes, capitania, para outra, tinha-se de estar munido de todos os passaportes possíveis, tinha-se de pagar direitos de alfândega, era-se revistado e tratado do modo mais desagradável por soldados, não sem grande prejuízo para o comércio. Desenvolveu-se a partir dessas circunstâncias, que colocavam os interesses de uma província contra os de outra, uma certa nacionalidade provincial, e daí uma rivalidade que muitas vezes deu margem a distúrbios e até a pequenas guerras. Especialmente sangrentos foram os confrontos a partir da descoberta das riquezas de ouro na Província de Minas Gerais. Depois que os paulistas descobriram ouro e se embrenharam por regiões então completamente ermas, uniram-se por outro lado os habitantes da Província do Rio e muitos europeus a disputar seu direito à descoberta.

Por muitos anos prevaleceram esses litígios, até a expulsão dos paulistas de Minas e a nomeação de um governador-geral para Minas Gerais.

De europeus, paulistas e cariocas originou-se em Minas uma geração própria, que recebeu o nome de mineiros. Um tipo de gente mais bonita do que o de qualquer outra província, de temperamento tranqüilo e de bom coração, mas que, por quase se envergonhar de sua procedência, não tolera nem os paulistas nem os do Rio.

A razão dessa total diferença de disposição, que foi ficando cada vez mais acentuada, está na Constituição. Cada província tinha seu próprio governador-geral, que sempre era nomeado por apenas três anos pelo rei, com o título de "capitão-geral".

Esses sátrapas eram, principalmente nos tempos antigos, antes de a sede ter sido transferida para o Brasil, déspotas soberanos. Podiam estabelecer leis que tinham a força de decretos reais e que eram conhecidas como Bandos. Como só tinham de prestar contas ao ministro das colônias, ou ministro do ultra-mar, nunca havia consenso entre eles. Cada um governava sua província como lhe parecia mais vantajoso para ela mesma, sem levar em consideração o interesse comum ou sem procurar saber se suas decisões prejudicavam a província vizinha. Cada um só cuidava de fazer valer suas próprias ações, e as reclamações raramente eram ouvidas do outro lado do vasto oceano. Daí as taxas alfandegárias extremamente nocivas nas fronteiras da maioria das províncias, que ou eram arrendadas ou administradas à custa da Coroa, e de armas em punho defendia-se com rigor a posse das velhas fronteiras.

Se as províncias brasileiras não se unirem durante a crise atual, o que, diante da disparidade de espírito delas, é mais de se esperar do que duvidar, isso se deverá àquela errônea Constituição inicial, na qual o interesse de cada província era diferente. Sobre a moralidade tiveram também aqueles princípios constitucionais a mais decisiva e adversa influência. Por um lado, as pessoas foram mantidas em uma submissão mais do que servil e tinham de se tornar hipócritas; por outro, gozavam das mais desenfreadas liberdades através da impunidade dos maiores criminosos e formaram, assim, um caráter empreendedor que estava disposto a tudo.

Onde, porém, prevalece o patriotismo provincial não pode vir a medrar um patriotismo nacional, o que de fato acontece no Brasil. Assim, as províncias, embora já não contrárias umas às outras, permanecem separadas.

Perdoem-me esta pequena digressão, que me permitiu apontar para as causas da atual situação do Brasil.

Até este ponto a estrada era extremamente ruim; era evidente que por muitos anos não trabalhara ali nem pá nem ancinho. As mulas, que seguiam sempre em fila, abriam sulcos na estrada, que mais tarde a água da chuva vinha transformar em profundas valas escorregadias. Não havia a mais simples ponte sobre os córregos menores, e o Rio Pirai, na época da cheia, impedia qualquer travessia. Só agora o proprietário que vivia nas redondezas resolvera construir com recursos próprios uma ponte, mas em um ponto mais abaixo, onde era mais útil a ele do que aos viajantes.

Muitos viajantes poderão achar estranho que exatamente na Província do Rio de Janeiro, assim como na vizinhança das capitais de outras províncias, as estradas sejam tão ruins, e alguns deles não conseguirão entender o motivo. É desse modo, no entanto, que funcionam as leis relativas à construção de estradas: cada proprietário é obrigado a manter as estradas que atravessam a sua propriedade, assim como a construir com os próprios recursos, se os tiver, as pontes necessárias sobre os córregos. Os capitães-mores (maiores e chefes das ordenanças ou milícias) e os comandantes de distritos são encarregados de supervisionar essas melhorias. Como estes muitas vezes também possuem propriedades junto à estrada, deixam de fazer os melhoramentos necessários, em parte por economia, em parte por pena de seus compadres e parentes que têm igualmente terras na redondeza, e em parte para não criarem inimizades devido a seu zelo profissional. Só quando há inúmeras queixas dos tropeiros ou de viajantes importantes, e mesmo assim nem sempre, pode às vezes uma ordem do governador pôr limites ao desmando.

Na Província do Rio de Janeiro, que comparada às demais é muito pequena, extinguiu-se, com a chegada do rei ao Rio, o cargo equivalente a capitão-general ou governador, que aqui levava o título de vice-rei, e o intendente-geral da Polícia, não sei bem, tendo sido encarregado disso ou talvez arrogando a si mesmo o poder, tinha sob seu comando a construção de estradas. As reclamações das quais a Polícia não podia tirar vantagens imediatas raramente chegavam a essa repartição, muito menos eram atendidas. Deixavam-se as estradas no estado em que estavam, e, mesmo quando uma ordem era enviada aos capitães-mores, ainda assim ficava sem efeito, já que a estes faltava, quando não a boa vontade, o poder de fazê-la executar. A maioria dos proprietários se esquivava por meio

de declarações, dispensas e privilégios, comprando a proteção das autoridades da capital vizinha com subornos.

Era assim na vizinhança das sedes de governo das províncias, mas não nos lugares mais distantes. Os governadores enviavam ordens rigorosas aos capitães-mores e os responsabilizavam. Faziam-nos vir muitas vezes de uma distância de 100 léguas para repreendê-los de viva voz. As pessoas temiam ter de fazer uma viagem tão longa. Intercessões e isenções eram difíceis de obter devido à distância, e com isso acabavam melhorando as estradas.

O atual governador de São Paulo, João Carlos de Oeynhausen,¹⁰ dedica-se especialmente à melhoria completa de todas as estradas da província, com vontade sincera conseguiu que quase todas elas sejam carroçáveis, para o que o coronel do Corpo dos Engenheiros Müller,¹¹ filho do antigo pregador protestante alemão em Lisboa, contribuiu muito.

A princípio se mostrara também ali pouca vontade de respeitar as ordens com exatidão. Só depois que os capitães-mores viram com que seriedade elas eram proferidas, pois o governador freqüentemente, após uma longa viagem, os mantinha detidos por um período de oito a quatorze dias em uma propriedade real a 4 léguas de São Paulo e depois os enviava de volta com uma dura repreensão, passaram a seguir as ordens ao pé da letra.

Na venda contígua ao rancho, que porém estava desprovida de qualquer mantimento, morava uma família de negros que nos vendeu algumas galinhas e ainda as preparou para nós. Uma verdadeira caridade, pois já era tarde para procurar lenha e instalar as panelas. Passamos uma noite fria de vento, e temo que não me acreditem se eu disser que tive de puxar duas toucas de dormir sobre as orelhas.

¹⁰ João Carlos Augusto de Oeynhausen-Grevenburg, marquês de Aracati (1776-1838), último governador e capitão-geral de São Paulo (abril de 1819 a junho de 1821) e presidente do primeiro governo provisório de São Paulo (1821-1822), veio para o Brasil como governador do Pará e do Rio Negro, passando depois a exercer as funções no Ceará (1802) e Mato Grosso (1807). Escolhido senador do Império por Ceará em 1826, de 1827 a 1831 ministro das Relações Exteriores e da Marinha, em 1836 aceitou o posto de governador e capitão-general de Moçambique.

¹¹ Daniel Pedro Müller (1786-1841), filho do pastor luterano de Lisboa, ajudante-de-ordem do governador e capitão-geral de São Paulo.

16 de setembro, Fazenda do Estêvão.

Minhas observações barométricas às sete da manhã foram as seguintes: 28',650 no barômetro, 68° no termômetro, o que dá uma altitude de 1.490'.

Nas redondezas do Rio Pirai havia gnaiss afflorante, com direção de suas camadas na segunda hora.¹² Mais adiante, nos pontos mais elevados, affloravam diabásio e anfibolito, que quase sempre acompanham aquela rocha primitiva.

O sol lançava, após a noite fria, raios escaldantes, e depois de uma marcha de cerca de 3 léguas ansiávamos por sombra e repouso. Assim, pousamos no Rancho Grande, onde encontramos uma venda bem abastecida. Lingüiças salgadas, queijo e roscas havia em abundância, e comemos a fartar. Pelo rancho se via a prosperidade do fazendeiro. (Asseguraram-me que naquele ano ele colhera e vendera 80 mil cruzados de café.) O rancho era de construção recente, feito de madeira fortíssima, e o maior que eu já vira. A carga de centenas de mulas cabia ali.

Para chegarmos mais cedo ao nosso alojamento noturno, descansamos menos tempo do que necessitávamos e queríamos, e no calor do meio-dia pusemo-nos de novo em marcha. O terreno já não era tão sombrio e inóspito, as fazendas eram maiores e mais próximas umas das outras, e havia várias moradias intermediárias de gente que obtivera a permissão do dono para se estabelecer em suas terras. Embora em sua maioria pobres e sem nada de seu, é de crer que esses agregados sejam bem-vindos ao proprietário, especialmente nas regiões despovoadas do interior, onde faltam trabalhadores em geral e artesãos em particular. Erra, porém, quem julgar que essas pessoas trazem mais lucro do que prejuízo. O homem livre, que não se acostumou desde a juventude a trabalhar, raramente se conforma em fazê-lo. Prefere viver na maior das penúrias, que muitas vezes o levam a cometer uma série de contravenções, do que trabalhar. Freqüentemente aprendem ofícios como o de sapateiro, alfaiate e pedreiro, reunindo várias atividades em uma única pessoa. Mesmo essas atividades eles as exercem apenas em caso de extrema necessidade e pedem por um dia de trabalho o suficiente para passarem oito dias sem trabalhar. Em geral casados ou amasiados, procuram, por meio de compadrio, criar um parentesco espiritual-religioso com o fazendeiro, e assim passam a ter direito a um pedacinho de terra que lhes cede o proprietário. Com isso consideram-se parte da família, comem

¹² Segunda hora = 30° Az (N 30° E).

à mesa do “seu compadre”, e para compensar executam pequenos serviços desprezíveis. Esse parentesco espiritual-religioso é muito mais honrado do que os próprios laços de sangue. É mais fácil alguém apontar contra o próprio irmão do que cometer a mais leve das ofensas contra um compadre. Quantos assassinos não são cometidos contra parentes próximos! Não creio, porém, que jamais compadres tenham matado uns aos outros no Brasil.

Esses agregados são em geral mulatos e negros, que não passam de uma quarta parte da população. Na Fazenda de Pompéu, em Minas Gerais, que mede mais de 150 léguas quadradas, haviam penetrado mais de 150 colonos, uma parte com e outra sem a anuência da proprietária. Mas o abuso era tal (pois viviam, em pleno ócio, do roubo de reses) que a senhora, normalmente generosa e tolerante, viu-se obrigada a expulsá-los todos à força e mandar queimar suas casas e cabanas.

Depois de três horas chegamos ao Arraial do Bananal, um lugarejo de cerca de 20 casas, e fomos nos alojar na bem provida venda do Barbosa. Um caixeirinho lesto e solícito, natural da província do Minho, fez todo o possível para tornar nossas acomodações agradáveis e, mesmo tendo de nos contentar de sentar em caixotes dentro da própria taverna, sentimo-nos com essa atenciosa acolhida melhor e mais *à notre aise* do que se estivéssemos hospedados na casa de um rico fazendeiro. Não faltou nem mesmo um bom vinho do Porto.

Há pessoas que nunca estão satisfeitas com a condição em que se encontram em um determinado momento. Não podendo esquecer os padrões de um belo passado, azedam o próprio humor e muitas vezes o de seus companheiros. Nunca aceitam as pessoas e coisas como são, mas as querem como deveriam ser. Conheci vários naturalistas alemães em viagem pelo Brasil, que um prato sujo a eles oferecido roubava-lhes todo o apetite, ou se amarguravam quando uma mula empacava na estrada. Os hotéis de Berlim ou Viena, carruagens e diligências confortáveis viviam na imaginação deles, e nem mesmo as mais belas manifestações da natureza lhes serviam, a princípio, de compensação. Eu, já há muito desacostumado de qualquer conforto, procurava adaptar-me de tal forma a tudo o que me rodeava, que nada me oprimia. *Cômodo* ou *comfortable*, como dizem os ingleses, era portanto quase sempre o meu estado, sempre que o passado próximo era pior em comparação com o presente.

Nossas acomodações na Venda do Barbosa não sustentam uma comparação sequer com a pior estalagem alemã de aldeia. Entretanto, comparadas com os

três pousos noturnos anteriores, nossa situação era agora quase invejável. Meu ajudante pensava do mesmo modo, e estendidos, um sobre o enorme caixote de mantimentos, outro sobre a mesa da taverna, cada qual com um copo grande de ponche diante de si, brindamos até altas horas nossos amigos ausentes, e ao falar da Alemanha recordava-me dos meus e da Pátria com saudade cada vez mais ardente.

17 de setembro, Bananal.

Vêm-se no Brasil numerosos prédios, especialmente igrejas, cujas paredes de sustentação são construídas de barro batido, dentre as quais as duas grandes igrejas matrizes de Vila Rica, que já estão de pé há mais de cem anos. Elas, apesar de não terem nada de excepcional, possuem uma grandeza que não se espera encontrar no interior de um país ainda tão jovem. A Igreja do Carmo, toda de pedra, mais nova e bem maior do que as duas primeiras, ergue-se sobre um morro destacado e avançado com relação à serra principal com uma fachada cujo estilo é verdadeiramente dos mais agradáveis, dominando quase com imponência as casas menores do terreno mais baixo ao redor. O inusitado prospecto que essa cidade oferece – plantada em uma serra íngreme, marcada por talhos e saliências e rasgada pelas minas de ouro – ganha ainda mais contraste com a presença desse belo prédio.

Também aqui em Bananal houve a preocupação de construir uma igreja nova de paredes de barro, e já se chegava então às torres. A massa era argilosa e misturada com cascalho. Era levemente umedecida, colocada com a altura de um pé e meio entre tábuas fixas e ali socada com pilões de madeira. A simplicidade dessa técnica de construção a torna muito recomendável em um país como o Brasil, onde ainda faltam artífices hábeis em quantidade suficiente.

Antes de nossa partida, por volta de sete horas, o barômetro indicava 28',600, o termômetro 69°. Encontrávamo-nos, portanto, a uma altura de 1.540 pés acima do mar.

O caminho de hoje, embora muito montanhoso e acidentado, não o era tanto quanto o que leva do Rio a Minas, pois neste último atravessam-se as serras, enquanto no de São Paulo segue-se ao longo delas, acompanhando pelo alto o seu percurso.

Aqui se encontram alguns belos e graciosos vales relvosos, especialmente às margens do Ribeirão do Lambari. Muitos desses ribeirões – Lambari, Formoso

e Capitão-mor – confluem para formar depois o Rio das Sesmarias, que na altura de Resende despeja no Rio Paraíba.

Granito e gnaisse, com cumes insignificantes de arenito superposto, eram as rochas principais que pude observar.

Perto de uma hora da tarde, depois de uma caminhada de 4 ¼ léguas, chegamos a Fazenda Formosa. A chuva estava cai, não cai, e quase não pudemos alcançar o Rancho. Uma grossa camada de poeira, que se depositara com o chafurdar dos porcos na terra seca, e uma porção desses famintos fregueses que ameaçavam devorar-nos os arreios constantemente, assim como uma multidão de bichos-do-pé (*pulexpenetrans*), eternos acompanhantes dos suínos, tornaram nossa pousada extremamente desagradável e desconfortável; e, como no casebre de negros próximo nada se podia obter, resolvemos tentar a hospitalidade do fazendeiro. Joaquim Gomes era seu nome, tinha o cargo de capitão da milícia, e desejo louvá-lo aqui de coração, pois ele nos recebeu de braços abertos, desinteressadamente, sem ao menos perguntar-nos o nome ou sobre nossos negócios.

Quando se é recebido em casa estranha com tanta tranqüilidade, sem cerimônia ou embaraço, quando as crianças da casa continuam a brincar ou recebem os forasteiros com alegria, quando os domésticos, em vez de correrem atarantados, prosseguem com suas tarefas no ritmo costumeiro, pôde-se ter a certeza de que, se não se é uma visita aprazível, pelo menos se é bem-vindo. Quando, ao contrário, o forasteiro vem alterar a rotina doméstica, quando as crianças se recusam a se aproximar do recém-chegado e as criadas correm daqui para ali com o semblante carregado, ele que se apresse a partir – e um “Graças a Deus” soarà às suas costas assim que se for.

A casa de Joaquim Gomes era uma daquelas em que se adquire confiança desde o primeiro momento. O viajante sente-se logo em casa, e anfitrião e hóspede se interessam um pelo outro. Em lugares onde as pessoas vivem mais perto umas das outras, encontrando-se com freqüência, tal hospitalidade é mais rara do que no interior do Brasil, especialmente nos locais mais afastados das estradas principais. Não se leva em conta então a posição social do hóspede, mas apenas a pessoa. O andarilho mal vestido e de aparência modesta é tão bem recebido quanto as personagens importantes, ataviadas, e ambos são convidados a tomar lugar à mesma mesa.

A amabilidade da família de Joaquim Gomes ficou mais evidente quando meu amigo Pena expressou desejo de obter umas plumas de capão, difíceis de

encontrar no Brasil, para o seu penacho. Como ali ciscavam muitos capões, a família toda pôs-se a persegui-los para arrancar-lhes o ornamento.

Após uma noite das mais bem-dormidas, pois não nos deixaram usar as camas de acampamento, despedimo-nos com o coração cheio de gratidão de nosso hospedeiro, que só consentiu em receber pagamento pelo milho dos animais.

18 de setembro, Fazenda Formosa.

Minhas observações forneceram às sete horas da manhã o seguinte resultado: o barômetro mostrava 28',550, o termômetro, 64°, perfazendo uma altitude de 1.580 pés.

Nossa marcha desse dia, que era de 4 léguas até a Vila das Areias, foi menos interessante. As casas espalhadas eram mais próximas umas das outras do que antes, mas parecia haver mais pobreza.

Na altura da Fazenda do Monjolinho havia gnaïsse vermelho ferruginoso à vista, um tipo de rocha que parece não ter em sua cristalização alcançado o total desenvolvimento, assim como camadas semelhantes ao arenito e misturadas com muita turmalina negra. Massas inteiras de turmalina negra, isoladas, surgiram dali a meia hora de marcha, no local onde um agrupamento de casas recebe o nome de Barreiros. O terreno era muito acidentado, a estrada subia e descia, mas permanecíamos mais ou menos no mesmo nível.

Por volta das duas da tarde chegamos a Vila das Areias. Um dos meus amigos do Rio, que viera de São Paulo havia pouco, apregoara muito a simpatia e a hospitalidade do capitão-mor e convenceu-nos a visitá-lo. Para verificar se, naquela ocasião, teria sido uma ordem do governador de São Paulo o que o fizera tão hospitaleiro ou se ele era amável por natureza, decidimos ir até sua casa.

A algumas centenas de passos da vila encontramos uma venda bem montada. Perguntei a meu companheiro se não seria mais prudente visitar o capitão-mor de estômago cheio. A princípio ele não concordou comigo e achava que seríamos mais bem servidos lá do que aqui. Mas, por fim, venceu a minha sugestão. Depois de enchermos o estômago (não posso chamar aquilo de refeição, como, aliás, os viajantes nessa terra não podem ter outra ambição que a de pôr algo no estômago, seja o que for; nós comemos algumas dúzias de bananas com queijo fresco), cavalgamos até a casa do capitão-mor. Um homem alto, vestido com uma sobrecasaca longa recebeu-nos sentado. Ele jogava cartas tão avida-

mente com dois colegas que nem sequer nos convidou a sentar. O amigo Penna explicou-lhe, acabado o jogo, quem éramos nós, na esperança de melhorar suas maneiras; mas o homem permaneceu imóvel em sua afetada tranqüilidade. Foi sorte não estarmos famintos, pois não se mencionou nada de comer. Ele nem se ofendeu quando mandamos vir milho da venda para os animais e também se mostrou indiferente quando começamos a dar ordens em sua casa. À tardinha sentamo-nos diante da porta, e pouco depois ele veio também. Uma vizinha gritou-lhe espantada: "Compadre, vosmecê está de botas e esporas! Para que é isso?" – "Ah, é que ontem houve festa na igreja e eu tive de me vestir, daí continuei vestido até hoje", foi a resposta. Entabulou então uma longa conversa com a vizinha e só pouco antes das dez foi-nos oferecido um pouco de couve com carne seca, e em seguida fomos levados a um quarto sujo, onde havia duas camas com colchões sujos e rasgados. O meu amigo do Rio sempre fora anunciado por uma ordem do governador de São Paulo para que o recebessem da melhor maneira possível. As pessoas, em parte por medo, em parte para terem crédito com o governador, fazem de tudo para que se espalhe sua boa fama, mesmo que muitas vezes com a cara azeda.

No momento fazem-se negociações no sentido de ampliar até aqui as fronteiras da Província do Rio de Janeiro. Pela pouca energia que o governo vem empregando na questão, duvido que se chegue a resolvê-la.

Devido à população mais densa, principalmente de vadios, que se concentra nessa região, atraída pelo encontro das fronteiras de Minas, Rio e São Paulo, habitam aí mais velhacos que vivem do furto do que em qualquer outra parte. A facilidade com que se pode passar de uma província para outra, e assim fugir da justiça, é-lhes tão útil como conveniente para suas patifarias, pois, antes que as autoridades, devido às grandes distâncias, possam dar ciência do fato umas às outras, o contraventor ou criminoso já escapou há muito tempo, motivo preponderante pelo qual a maioria dos crimes não é punida. Por outro lado, por meio da rápida justiça despótica, de que fazem uso não só o governador, como principalmente as autoridades militares, foram agarrados alguns bandidos que talvez fossem inocentes de alguma acusação levantada contra eles, mas em compensação confessaram dez outras.

Com a falta de moralidade generalizada no Brasil, um certo despotismo torna-se não apenas necessário como até útil. As idéias liberais, que têm como pressuposto um povo moralmente educado – por exemplo, a de que ninguém

deve ser preso sem que haja flagrante do delito – como se quer estabelecer na nova Constituição, não funcionam no Brasil. Nesse caso, raramente se puniria um crime, a não ser que se acrescentassem exceções especiais a essa lei, as quais acabariam por ser mais extensas que a própria lei. Em casos judiciais, principalmente criminais, é indispensável no Brasil primeiro se agarrarem os suspeitos e prendê-los, já que eles têm tão pouco amor à sua propriedade que preferem fugir, mesmo sendo inocentes, do que se submeterem ao processo normal de uma investigação.

Para a melhoria das estradas na Província de São Paulo foi criada uma pequena taxa de 80 réis (25 réis = 1 Ggr.¹³) sobre cada cabeça de gado exportada. Uma receita importante, com a qual se poderiam fazer melhoramentos em muitas estradas. Como, porém, nessa província as despesas superam sempre as receitas, logo se destinou esse dinheiro para outros fins. Aliás, no Brasil foi sempre incerta a utilização de fundos específicos para fins determinados. Podia-se contar como certo que, passado algum tempo, as somas destinadas a fins tais e quais, a cada mudança de ministério, por meio de avisos reais, recebiam outras destinações, e este é o motivo pelo qual toda obra começada que demandasse tempo para ser concluída raramente o era.

As taxas alfandegárias de importação e exportação entre as províncias eram uma das receitas mais importantes para elas, sendo as aduanas às vezes arrendadas, outras vezes administradas por conta da Coroa. Os contratadores fechavam contrato normalmente por três anos, após os quais era feita nova licitação. A experiência mostra que, embora os contratadores ganhassem mais de 100% e muitas vezes ficassem devendo a quantia relativa ao contrato, a Fazenda Real das províncias obtinha mais do que quando se fazia administrar a alfândega pelas autoridades, porque então eram inúmeros os desfalques e a administração, péssima.

As taxas de exportação da Província de São Paulo na alfândega que ficava nesse caminho para o Rio eram as seguintes:

– por uma mula	320 réis
– por um cavalo	200 réis
– por um bezerro	160 réis
– por um porco	240 réis
– toucinho cru (a arroba)	40 réis

¹³ Ggr. = *Guter Grosehen* = 1/24 *Reichsthaler*.

– açúcar (a arroba)	40 réis
– café (a arroba)	80 réis
– tabaco (a arroba)	80 réis
– algodão cru (a arroba)	40 réis
– cem varas de tecido de algodão	300 réis
– o garrafão de aguardente	40 réis

Essas aduanas eram na época arrendadas a 50 mil cruzados por três anos.

19 de setembro, Vila das Areias.

Após uma noite desagradável passada em claro sobre sacos de palha, cujos talos se podiam contar de tão duros, surgiu para nós, atormentados além do mais pelos insetos, a tão esperada luz do sol. Como, porém, os animais se perderam em um péssimo pasto, só pudemos nos pôr a caminho às onze horas da manhã, não sem causar palpitações no capitão-mor, que, tendo servido como despedida um cafezinho ralo, temia agora que ficássemos também para o almoço. (Meu amigo do Rio tinha naquela casa dormido em lençóis de seda, sendo servido com pratos suculentos. Que cortante era o contraste entre sua recomendação e a recepção que tivemos, que gritante a diferença entre sua opinião e a nossa experiência! Que grande diferença entre o homem que se preparou para receber um hóspede e o que é surpreendido em sua vida cotidiana.)

A altitude da vila achei-a em 1.510 pés, após uma observação feita às oito horas da manhã; o barômetro mostrava 28',630, o termômetro 56º; fazia um frio úmido.

A região pela qual passávamos hoje era mais plana – uma mata, apesar de não apresentar árvores altas, senão arbustos e árvores menores, restos da floresta original que fora derrubada e queimada acrescidos de plantas de crescimento recente. Predominava ainda a cadeia de rochas gnáissicas, como se podia observar nas proximidades do Rancho de Taguçaba e ainda mais diante, na passagem do Ribeirão do Taguçaba, onde se vê um xisto micáceo vermelho que passa a xisto argiloso. À direita, distante algumas léguas, para lá do Rio Paraíba, elevava-se, paralelamente a nós, a sobranceira Serra da Mantiqueira.

O Rio Paraíba forma aqui um singular delta, como se pode ver pelo mapa.¹⁴ Ele nasce nas montanhas mais altas, a cerca de 3 léguas da Vila das Areias e a

¹⁴ Existem três edições do *Brasil, Novo Mundo* (1824, 1827, 1830), mas nenhuma é acompanhada de um mapa.

1 légua do mar, de onde desce em direção à costa, não longe da Vila da Cunha correndo em direção sudoeste paralelamente ao litoral por quase 30 léguas, esbarrando então com um braço da serra que avança da Serra da Mantiqueira ou da grande Serra do Espinhaço para a costa, unindo-se à Serra do Mar. A partir da Vila de Jacaraí, o rio toma a direção nordeste, deixando entre si apenas uma língua de terreno de poucas léguas, e prossegue então por trás das Serra de Itaguai, da Estrela e dos Órgãos novamente ao longo da costa, atravessando-as finalmente na altura da Vila de São Salvador, voltando-se totalmente para o leste e formando os belos Campos dos Goitacases, onde deságua no mar. As muitas cataratas que forma o tornam não navegável, sendo no entanto percorrido, em trechos mais calmos, por pequenas canoas.

Quando, no ano passado, meu amigo do Rio viajou por essa região, ocorreu-me uma aventura não muito feliz. Na vizinhança de um grupo de casebres, que ele encontrara vazios, embora, se não me falha a memória, exibindo ainda os restos de uma queimada, ele viu uma série de pessoas assassinadas havia poucas horas, dentre quais uma criancinha cujo crânio estava esmagado. Era o primeiro a deparar com a terrível cena e, curioso para ver o que aconteceria em seguida, permaneceu no local até que um grupo de pessoas se aproximou. Ele não conseguiu obter outra informação a não ser a de que se tratava de uma família de ciganos que morara ali durante um bom tempo. Os mortos foram deixados lá até que a justiça viesse e fizesse as investigações necessárias.

Aqui, onde as pessoas vivem tão distantes umas das outras e as autoridades policiais ficam tão longe, as vítimas de assassinatos permanecem, às vezes, dias sem serem enterradas, apodrecendo em consequência das altas temperaturas. Freqüentemente acontece também, especialmente nos sertões, de a justiça não ser notificada. Mesmo onde as autoridades estão perto, mostram-se morosas. Lembro-me de que, em 1817, quando permaneci vários meses no Rio, onde alugara, junto com um grupo de amigos, uma casa em Mata Porcos, em uma casa a uns 100 passos adiante da minha, uma linda negra se enforcara em uma árvore. Acharam-na logo ao romper do dia e notificaram prontamente a justiça. Por volta de meia-noite, voltava eu da cidade com um amigo. Era lua cheia, e a curiosidade levou-nos a procurar saber se o corpo já fora retirado. Encontramo-lo, porém, ainda pendurado na árvore. Um sentimento de melancolia apossou-se de mim, quando pensei no sofrimento dessa moça que parecia ter no máximo 15 anos de idade e estar grávida. Bem cruel devia ser o

seu senhor, se mesmo a leviandade da juventude não a pôde fazer desistir de um ato tão medonho. Não me seria possível deixá-la ali exposta em cena tão violenta. Acreditávamos fazer um favor à alma que partira quando desfizemos o nó que a levava à morte.

O lugar onde se dera aquele múltiplo assassinato chamava-se Estiva, e em uma pequena venda, que não ficava distante dos casebres destruídos, fiquei sabendo que haviam sido encontrados e presos dois suspeitos que moravam a algumas léguas dali, pois haviam feito ameaças de morte àquela família. Se eu fosse da polícia, ou se fosse juiz, teria prendido imediatamente o sujeito que me contou esse fato. Seu semblante malicioso e repulsivo e uma voz íntima me diziam que esse patife era cúmplice dos outros. Eu certamente não cometeria um erro se o fizesse. Ele era o vizinho mais próximo dos infelizes, morava a apenas 10 minutos deles e garantia não ter escutado nada.

Os ciganos do Brasil vieram de Portugal ou da Espanha. Distinguem-se, como em outros países, pelo moreno mais acentuado da pele e pelos cabelos pretos. Conversam em um idioma próprio, vivem quase sempre de escambo e comércio, principalmente de cavalos, mudam constantemente de moradia e são acusados de numerosos delitos. Na maioria dos casos, atribui-se a eles o roubo de cavalos e mulas. Mesmo quando vivem no meio dos demais cidadãos, conservam em suas casas costumes e normas próprias, casando-se com os de sua casta.

No Rio há muitas famílias ciganas abastadas, especialmente de negociantes de escravos. Na ocasião das grandes festas em comemoração ao casamento do infante espanhol Dom Pedro com a mais velha das princesas de Portugal, essas famílias foram convidadas e apresentaram uma dança muito elaborada. Dela participaram as mais belas moças ciganas, que viraram a cabeça tanto de jovens como de velhos. Os ciganos vinham aos pares, montados em cavalos ricamente ajaezados, entravam no picadeiro de um circo ou anfiteatro e, como é costume entre eles, traziam cada um na garupa a sua amada, que sem recato enlaçava com um braço o namorado, aconchegando-se a ele. Com infinita leveza, pulavam dos cavalos e punham-se a dançar a mais airosa das danças a que já assisti. Todos só tinham olhos para eles; as demais danças de diversas nações pareciam só existir para realçar a beleza da dança dos ciganos.

Chamam-se aqui sítios às casinhas isoladas às quais pertence ainda uma porção de terra pouco considerável, que não constitui sesmaria (propriedade medida e concedida por uma carta de vassalagem), e sim deve ser considerada

pertencente a uma propriedade maior. Também se usa esse nome em muitas regiões de Minas Gerais.

A um desses sítios, conhecido como o Sítio do Manoel Joaquim, chegamos por volta das cinco da tarde. A venda, porém, estava abaixo dos padrões menos exigentes; foi-nos negada até uma panela para cozinhar. Tivemos de nos abrigar no rancho aberto. Já era tarde e não tínhamos muito tempo para nos prepararmos para a noite. Juntamos lenha em quantidade, arrastando-a, pois o vento nos açoitava de todos os lados. Enquanto a nossa gente esperava pacientemente que os feijões pretos ficassem cozidos, nós outros preparamos rapidamente um chá, que tomamos com provisões secas, e fomos logo dormir.

20 de setembro, Sítio do Manoel Joaquim.

O frio nos arrancou mais cedo do que de costume da cama, levando-nos para perto do fogo. O barômetro indicava 28",060 e o termômetro 56°, o que dava uma altitude de 2.050 pés.

Os animais também apareceram mais cedo e pudemos partir já às sete horas da manhã.

O principal tipo de rocha observado nesse dia foi ainda o granito e o gnaise, principalmente no sítio do Manoel Gonçalves, misturado aqui e ali com rochedos de arenito quartzoso.

As florestas ficavam para trás, sendo substituídas por campinas. Da região do Rancho dos Mineiros parte outra estrada principal para a Província de Minas Gerais, subindo a Serra da Mantiqueira, cujas encostas mais altas ficam a 21/2 léguas daqui.

Mais agradável é a região de Cachoeira, perto do Rio Paraíba. Na margem esquerda do rio fica, no alto de uma ladeira, a Igreja de Bom Jesus, solitária e tranqüila, cercada de capinzais, por onde serpenteia a estrada de Minas.

Entramos na pequena venda de Cachoeira não apenas por necessidade de descanso, mas também por curiosidade, pois meu amigo do Rio gabara as belas moças dali. É tão raro encontrar no Brasil belas faces brancas e frescas que, qualquer um acostumado às escuras e amarelas e a todos os tons intermediários entre o preto e o branco, entre o branco e o cobre, tem como bela qualquer pessoa branca de traços regulares. Aqui circulavam três raparigas de boa aparência, que a nosso pedido prepararam-nos umas panquecas. Depois de comer, servidos pelas travessas ninfas de pés ligeiros, meu amigo Penna bem gostaria

de passar a noite ali, se a história do meu amigo do Rio não estivesse ainda muito viva em sua memória.

Meu amigo do Rio havia passado uma noite nesse lugar e conquistara imediatamente a filha da casa. Só mesmo uma conversa noturna com o pai de família a respeito das conseqüências de doenças venéreas que corriam na família fê-lo decidir-se a trancar sua alcova e fingir que não ouvia as leves e insistentes batidas em sua porta. (Fala-se desse mal aqui no Brasil abertamente e sem pudor, na presença de pessoas dos dois sexos, mais ou menos do modo como se comenta um resfriado na Alemanha. Acredita-se que toda pessoa tem latente em si essa doença ou que ela persegue uma família como uma maldição, da qual decorrem todas as demais moléstias. Quando não é conseqüência de uma vida dissoluta ou de contaminação, é herança dos pais. Diz-se: "É gálico dos seus pais." * Quantas vezes não ouvi os médicos perguntarem às senhoras ou moças que se queixavam a eles se tinham tido gonorréia ou algo semelhante e a freqüente resposta positiva, com a menção do remédio de que haviam feito uso.)

Em grandes famílias que possuem numerosos escravos, os filhos desde a mais tenra juventude, acostumam-se com essas doenças, pois há sempre um escravo ou escrava precisando de tratamento, ministrado em geral pela dona da casa, muitas vezes auxiliada por suas filhas.

Comidas as panquecas e feitas algumas graçolas inocentes, seguimos viagem, chegando por volta das duas horas da tarde na Vila de Lorena, um vilarejo de algumas centenas de casas com ruas retas, mas não pavimentadas. A vila fica às margens do Rio Paraíba, cuja corrente mais lenta o torna nesse ponto navegável por várias milhas a jusante e a montante. Ele tem aqui mais ou menos a largura do Weser, na altura de Hannoverisch-Münden.

Entramos em uma venda e só no fim da tarde fomos visitar as redondezas. Vêm-se aqui várias lojas bem postas. O principal meio de vida dos habitantes é, contudo, a criação de gado bovino e suíno e alguma plantação de café.

* Em português no original (N.T.)

21 de setembro, Vila de Lorena.

Não me recordo qual era o nome desse lugarejo antes de sua elevação a vila Lorena¹⁵ era o sobrenome de um governador da Província de São Paulo que há cerca de dezoito anos residira ali e em cuja homenagem se batizara a nova vila.

A elevação a vila de lugarejos insignificantes tornou-se moda nos últimos anos. É raro que se leve em conta o bem comum; mais fácil é que uns poucos poderosos venham a ganhar com isso, à custa da maioria.

Não estou capacitado aqui a listar todos os direitos que um arraial adquire ao passar a vila; um dos principais, porém, é a instalação de um juizado próprio. Compõe-na uma multidão de pessoas, que vivem à custa dos habitantes do distrito, ao qual se conferiu a honra de ser enobrecido com o título de Vila. Constrói-se uma prefeitura, institui-se um senado. Os vereadores são escolhidos entre as pessoas mais importantes do lugar. O juiz – que é ou nomeado pelo rei, caso em que é intitulado *juiz de fora*; ou escolhido pela população, caso em que é chamado simplesmente de *juiz da terra* – preside o senado. Este decide em primeira instância, depois da qual se pode apelar aos corregedores, ou ouvidores, como são chamados no Brasil. Com exceção do juiz de fora, ninguém tem um salário fixo; a paga de todos os outros, até mesmo dos funcionários do tribunal, resume-se a emolumentos.

Se os habitantes de uma região viviam em concórdia, a introdução do foro judicial vem logo destruí-la, embora se devesse dar o contrário. Como haveria então de viver a chusma dos subalternos se os abastados entre seus próximos não lhes enchessem a bolsa e as mãos? Disso não se podem acusar os primeiros senadores, pois estes são pessoas de posses, que se contentam com a honra e o poder de, quando muito, oprimir o seu próximo e distribuir favores – mas é bem o caso da canalha miúda dos inúmeros funcionários subalternos que se acumulam ali.

Vivem mais felizes, mais tranqüilas e mais à vontade no Brasil as pessoas que estão mais distantes dos tribunais e das paróquias. Quando surge uma briga ou esta se decide com boa vontade, ou, o que beira o barbarismo, faz-se justiça com as próprias mãos. Impera o poder do mais forte; os mais fracos vingam-se

¹⁵ Bernardo José Maria da Silveira e Lorena, 5º conde de Sarzedas (1756-1818), em 1787 foi governador de São Paulo, em 1797 governador de Minas Gerais e posteriormente vice-rei da Índia. Morreu no Rio de Janeiro.

com assassinatos. Mas esse barbarismo não é erradicado pela nomeação de juizes, do modo como no Brasil se desempenham as tarefas judiciais, pois, com a parcialidade do juizes, os fracos e os pobres são quase sempre injustiçados. Os custos processuais arruinam as famílias e não se evita a vingança, uma vez já ajustada e jurada.

Nas minas de chumbo de Abaeté empreguei um feitor de 80 anos, natural de Pernambuco, que se chamava Roma. Ele, escaldado pelas experiências de uma longa vida, contou-me que já se mudara numerosas vezes e sempre escolhia para morar os lugares onde ainda não haviam chegado nem as autoridades judiciais nem as eclesiásticas; não porque lhes devesse algo, mas porque temia ser acusado por elas. Garantiu-me também que se eu construísse ali uma capela, como era minha intenção, e trouxesse um padre, ele abandonaria a região em um piscar de olhos. Era um homem íntegro e temente a Deus, mas a conduta desregrada, imoral e cúpida dos padres, especialmente dos que andam pelos sertões a confessar as pessoas, assim como dos oficiais de justiça que executam penhoras sem dó nem piedade, criara nele uma grande repugnância por essas duas classes de pessoas que deveriam representar o que há de mais nobre e elevado na vida.

Desviei-me, porém, da enumeração dos motivos que geralmente levam à elevação de um mero lugarejo a vila. Passo aqui a nomeá-los:

1. Rivalidade de um arraial com outro que já tem juizado próprio.
2. Desejo dos maioraes do local de obter mais prestígio na região por meio de um assento no senado ou do título de capitão-mor.
3. Desejo de algum candidato recém-saído da universidade de, através de parentes ou padrinhos poderosos, obter imediatamente uma colocação. Deve-se lembrar aqui que à primeira autoridade judicial ou juiz de fora a tomar posse em uma nova vila não apenas é conferido maior mérito, que ele não deixa de evocar a cada requerimento ou procuração, como ainda a posição é muito favorável a sua bolsa. A simples rubrica de seu nome nos numerosos livros inaugurados lhe rende uma imensa quantia.
4. Exigência do governador da província de que a nova vila receba e imortalize seu próprio nome ou o de uma pessoa de sua preferência.

Ocorrendo mais de um desses motivos ao mesmo tempo, ninguém pergunta se a coisa é de fato útil e necessária; pressupõe-se que o seja e procede-se de acordo.

Por ocasião da separação dos distritos de Desemboque e Araxá da Província de Goiás – distritos que compõem uma faixa de terreno do tamanho do reino de Portugal – recebi a incumbência de determinar a fronteira entre eles. Algumas pessoas vieram oferecer-me presentes consideráveis para que eu conseguisse que o recente arraial de São Domingos do Araxá fosse elevado a vila, só para ter primazia sobre o arraial mais antigo de Desemboque e para que uma determinada pessoa importante do lugar fosse nomeada capitão-mor. Como a região é muito fértil, queriam que o nome fosse mudado para Vila Viçosa, o que, lembrando o nome da bela residência de campo do rei em Portugal, lisonjearia Sua Majestade. O governador, porém, não apoiou a petição, principalmente porque isso não lhe parecia trazer nenhuma vantagem. Mas não se oporia a que batizassem a vila com seu próprio nome. Os de Desemboque também eram contra porque achavam que o direito pertencia ao arraial mais antigo, e a maioria dos habitantes tampouco o queria, por temor à justiça, já que tinha fugido para lá justamente para escapar dela. Sem levar em conta de forma alguma os presentes a mim oferecidos, o que nem é preciso dizer, fui contra, pois acredito que esses distritos são mais bem controlados por soldados do que por oficiais de justiça.

66

Comento isso apenas para demonstrar quão pouco se leva em conta o bem-estar comum no Brasil, como os indivíduos se preocupam apenas com intrigas, não visando ao próprio lucro então pelo menos o prejuízo do próximo. Não é de esperar que se desenvolva tão cedo um espírito comum no Brasil, e difícil será, por isso mesmo, promover sua felicidade por meio de uma constituição liberal.

Minhas observações barométricas da manhã, às seis e meia, foram: 28", 390 no barômetro e 62° no termômetro, resultando em uma altitude de 1.740 pés.

A Vila de Guaratinguetá e a Capela de Nossa Senhora de Aparecida, a primeira mais ou menos do tamanho da de Lorena e a segunda famosa por uma milagrosa imagem de Madona, foram as maiores atrações de nossa marcha de hoje. A Capela de Nossa Senhora de Aparecida apresenta-se grande, rica e bela, imponente diante dos casebres de palha que a rodeiam.

Na altura do sítio do Tanque encontrei depósitos de seixos rolados de quartzo e sobre eles uma terra argilosa.

Na Vila de Guaratinguetá passa à esquerda uma serra na qual aflora granito. O vale que o Paraíba forma deve ter nesse ponto bem uma légua e meia de largura. No Rancho de Taguaçu, às margens do Paraíba, aparece um granito porfirítico em grandes blocos.

Na venda e rancho de Pedro Leme, situados em uma bela planície, montamos nosso acampamento, depois de uma marcha de 5 léguas. Como chegáramos às duas e meia, tivemos tempo suficiente para passear pelas redondezas, onde se achavam muitas casinhas dispersas, escondidas por arbustos. Reparei que aqui dão muito valor ao galo de canto doméstico. São esses galos que se distinguem por um longo cocoricó que lançam com o pescoço muito esticado, curvando-o depois cada vez mais até tocar o chão com o bico (ver o *Jornal do Brasil*, 2ª parte). Um galo simples custa aqui meia pataca, ou cerca de 6 Ggr.; por um bom galo de canto pagam-se até 8 patacas, ou 4 Rtlr. 6 Ggr.¹⁶ Diante de uma das casinhas estava um homem que assistia com prazer à exibição de seu galo músico, que encerrava seu canto demorado sempre com tons abemolados. Admirei o galo, e o homem respondeu-me, comovido: "Oh! Ele canta triste, mui saudosos!" * Será que algum alemão é capaz de perceber comoção e saudade no canto de um galo? Explicar-se-á esse ponto de vista pela paixão? Por curiosidade, levei alguns para Lisboa. No navio, cantavam ainda como antes, mas, lá chegados, em poucas semanas cantavam como os galos comuns, sem outro efeito que o de chamar os colegas.

22 de setembro, Pedro Leme.

67 —

O barômetro indicava, às sete da manhã, 28",470 e o termômetro estava em 62°, o que dá uma altitude de 1.660 pés.

A paisagem ficava cada vez mais movimentada com o grande número de casinhas espalhadas pelo campo, embora sua pobreza não oferecesse uma visão alegre, e seus habitantes, não obstante ser essa uma região mais alta e mais saudável, tivessem a aparência pálida e doentia.

Próximo à venda das Taipas e redondezas encontram-se incontáveis cupins de térmitas, de altura não superior a 6 pés. Aproximamo-nos da grande serra à direita a 1 légua de distância, em Crupatuba [*sic*].

Chegávamos agora a um lugarejo desprezível, a Vila de Pindamonhangaba, menor que Guaratinguetá. Ela fica às margens do Paraíba, em um cenário não desprovido de encantos, mas ainda aqui os moradores levam uma existência miserável. Duas vezes percorremos cada rua em busca de uma venda na qual pudéssemos comer algo; fomos forçados a voltar à primeira a cujas portas

¹⁶ Rter = *Reichsthaler*, 1 Rtlr = 24 Ggr. (*Groscher*).

* Em português no original (N.T.).

háviamos batido e a nos contentar com sardinhas salgadas picantes e farinha seca. Infelizmente, para nós, a filha de um homem importante morrera e todos tinham ido reunir-se ao cortejo fúnebre. Aqui começam os campos propriamente ditos com seus arbustos típicos. Muitas vezes pantanosos, exibem nos vales mais úmidos capões, ou pequenos bosques, pujantes de vegetação mais alta.

Depois das duas horas da tarde e de uma marcha de 5 léguas e meia, viemos dar na Vila de Taubaté, que é muito maior do que todas as anteriores, pois conta mais de 600 fogos; as casas são pequenas e ruins, mas as ruas são bonitas, largas, retas e cortam umas às outras em ângulos retos.

O costume de cobrir as portas e janelas abertas com esteiras de vime trançado lembrou-me as cidadezinhas que ficam ao longo do Tejo, em Portugal, onde há o mesmo hábito. Talvez os primeiros habitantes desse lugar tenham vindo de lá. É assim que se transplantam os costumes de uma parte do mundo a outra, acabando por parecer nativos aqui como lá. Quando o vime é trançado reto, tem-se a desvantagem de não se poder enxergar do lado através dele. Aqui se contornou esse defeito dando às esteiras uma conformação abaulada que permite livre visão para todos os lados. Com a falta de vidraças, esse sistema mantém os aposentos sombreados, permite pequena corrente de ar e impede que se veja de fora para dentro da casa. Nessa vila produzem-se numerosos objetos de palha e vime trançados, cestas e esteiras coloridas. Estas últimas são especialmente úteis na época do calor, quando é difícil obter um leito fresco e repousante. Foram-se as camas com elas para dormir.

Comprei uma porção desses lindos objetos coloridos para os meus amigos na Alemanha; mas depois que as despachei de São Paulo por navio para o Rio, tendo de passar pelas mãos de tanta gente inescrupulosa, nunca mais as vi, assim como dois caixotes de amostras de minerais e uma caixa com colibris empalhados. O transporte de objetos pela cabotagem é muito inseguro, principalmente quando se trata de coisas miúdas. Aconselho muita cautela a quem quiser enviar encomendas por esse meio.

Os principais produtos comercializados na região são o tabaco e o café. O primeiro vem em sua maioria da Província de Minas, de Sapucaí-Mirim, Bae-pendi, etc., que ficam apenas a 6 léguas daqui, do outro lado da Serra da Mantiqueira, que pertence à cadeia da Serra do Espinhaço.

Existe aqui uma estalagem razoavelmente limpa, onde nos hospedamos. Um de meus animais estava bastante alquebrado, e vimo-nos obrigados a requisitar

outro ao capitão-mor. Ele não estava em casa, e sim na fazenda. Recebeu-nos em seu lugar um rapaz muito educado, não sei se genro ou sobrinho dele, que tomou todas as providências necessárias, visitou-nos na estalagem e insistiu para que nos hospedássemos em sua casa. Mas, como tudo já fora resolvido a contento, agradecemos sua boa vontade e declinamos do amável convite.

23 de setembro, Vila de Taubaté.

Perto de sete horas da manhã, com céu encoberto, o barômetro indicava 28",440, o termômetro 59°. Taubaté fica, portanto, a 1.690 pés acima do nível do mar.

O dia transcorreu de forma tão monótona que nada surgiu que mereça um comentário. Mantivemo-nos mais ou menos nas proximidades da margem do Paraíba. O caminho era quase sempre arenoso e bom, de modo que fizemos hoje uma marcha de 6 $\frac{3}{4}$ léguas. Era domingo; embora só tivéssemos chegado às quatro da tarde à venda do Sítio das Chagas, os moradores ainda não haviam retornado de sua ida à igreja na Vila de São José. Um cangalheiro – homem que faz a armação de madeira para as cangalhas – foi o único a nos dar pelo menos o consolo de saber que os fiéis logo chegariam em casa. Tivemos de nos conformar com a nossa sorte, pois não havia como prosseguir viagem. O rancho tinha paredes até a metade e estava limpo; acampamos ali. No vale corria um riachinho de nome Putuí, de cujas margens erguia-se um gracioso relvado por uma elevação suave e uma planície que se estendia até a Vila de São José. Mas a mais graciosa das paisagens não satisfaz quando não se vê nela sinal de atividade humana. Há séculos adornada daquele modo pela natureza, ricamente dotada como poucas, desperta, quando quase nunca pisada por pés humanos, a mesma melancolia de uma casa belamente construída que jamais foi habitada, ou cujos habitantes já faleceram há longo tempo. Nunca me senti tão só e abandonado como quando pernoitava ou errava pelos campos sem fim, em geral tão belos, dos sertões de Minas. O silêncio e o ermo à minha volta enchiam-me de tristeza. Não ver em lugar nenhum uma só pegada humana, não ver em canto algum um produto da inteligência do homem nessa natureza tão rica de adornos, quase que inúteis; não poder supor a existência de um morador na margem do próximo rio ou atrás deste ou daquele morro – esse sentimento inefável de solidão apertava-me o peito. Meu coração se confrangia violentamente quando, depois de muitas milhas de estrada, tendo subido uma colina ou uma montanha, de lá via novas colinas

e montanhas que teria de subir sem contar com a doce expectativa de encontrar do outro lado uma habitação humana ou uma pessoa que fosse. Quando após uma longa marcha o guia finalmente dizia: "Debaixo daquele palmeiral, à margem daquele rio passaremos a noite"—sobrevinha-me o pavor de ter de guardar no peito o vivido, que com tanto prazer teria compartilhado. Deitava-se o sol por trás das altas matas escuras, punham-se as aves da noite a soltar seus gritos perturbadores, cobria-se tudo em torno do negrume da noite, e eu jazia insone sobre o duro leito. Eu teria então morrido de tristeza se não me acoresse à mente a lembrança de minha Pátria, cujas imagens transportavam-me por sobre montanhas e mares de volta à terra da juventude e dos sonhos há tanto tempo esvanecidos. Todos os anseios de nostalgia, de amor, de amizade despertavam nessa hora no peito comovido. Desejos brotavam de desejos, e a eles se enredava a angustiante sensação do inalcançável e da impalpabilidade deles, até que enfim as cenas cada vez mais confusas escureciam e se tornavam nebulosas e o sono fechava-me os olhos cansados. Para o conjunto desses sentimentos que me esforcei por descrever ao leitor, tem o português a palavra saudade, que não se pode traduzir por nenhuma outra nos idiomas que conheço.

— 70

Quando, ao contrário, o sol vinha de manhã iluminar a campina, os pássaros coloridos voavam em busca de alimento e eu contemplava de uma elevação a região deserta à minha volta, onde tudo era tão desolado, e no entanto tão exuberante, tudo tão selvagem, e no entanto tão suave, sentia-me como Adão no paraíso, quando ele ainda estava só. Como ele, também eu era ali senhor de tudo o que meus olhos alcançavam. Certamente ele se sentira tão solitário quanto eu, até que apareceu Eva, em cujo seio pôde derramar todos os seus sentimentos e sensações. Creio que a mim também, como a todos em que se encontrassem em situação semelhante, uma Eva teria feito feliz.¹⁷

Nossos hospedeiros apareceram finalmente à tardinha. Milho para os animais foi a primeira coisa que pedimos. Aqui vendem-no ainda na espiga, às mãos; cada mão tem 15 atilhos e cada atilho 4 espigas. Um costume estranho que obriga o viajante a ainda debulhar os grãos. Cada mão custava 6 vinténs, cerca de 4 Ggr.¹⁸

¹⁷ Eschwege deixou sua namorada na Alemanha, pois os pais dela não consentiram no casamento. Só depois da sua volta do Brasil, e aos 45 anos, casou-se em 18 de março de 1823, em Weimar, com Sophie von Baumbach.

¹⁸ Gute Groschen.

O Paraíba ficava a ½ légua de distância dali; mais adiante, onde ainda não tem volume considerável, recebe nomes diferentes.

Os anfitriões eram amáveis e atenciosos e prepararam-nos uma bela ceia, que só teve o defeito de ser ingerida quando já havíamos dormido algumas horas. Pensei em dispensá-la, mas como nessas viagens raramente se consegue algo de bom para comer, não se deve recusar a degustação do alimento mesmo no meio do sono.

24 de setembro, Chagas.

Gosto sempre de saber em que atmosfera respiro; por isso observo com tanta freqüência o barômetro, mesmo em locais irrelevantes. Às sete horas da manhã o barômetro mostrava 28",450, o termômetro 61º; conseqüentemente, eu me achava a uma altitude de 1.680' acima do mar, o que dá uma diferença mínima de minhas observações de ontem.

A Vila de São José, um lugarejo pequeno, insignificante e miserável, à uma hora daqui, deve ficar cerca de 100 pés acima desse local. Estou arrependido do pequeno desvio que fiz para visitá-lo, pois teve de ser feito à custa dos cascos dos meus animais.

Perto das onze horas chegamos à Vila de Jaquerá ou Jacaré, onde é preciso transpor o Rio Paraíba, que faz sua grande volta a pouca distância daqui. Sua origem se deve na verdade a dois rios – o Paraibuna e o Paratinga. Uma légua acima da vila eles se reúnem e recebem o nome comum de Paraíba.

Para não ter de parar duas vezes, atravessamos toda a vila um tanto considerável até o rio, onde tivemos de descarregar as mulas de qualquer maneira, que teriam de atravessar a nado enquanto a carga era levada por pequenas canoas. Apesar do incômodo, é preciso ainda pagar 4 vinténs por cavalo e 1 vintém por mula. Essa travessia foi arrendada há três anos por 1.500 mil réis, e como o contratador teria de fornecer ele mesmo as canoas não é de espantar que não mande construir nenhuma balsa decente, alegando todo tipo de obstáculo. Se os viajantes se dispusessem também atravessar a nado, o homem não teria escrúpulos de continuar cobrando pela passagem.

Quem viaja a serviço do rei ou com uma portaria não paga nem por si nem por sua escolta. Não estávamos a serviço do rei, nem com uma portaria, mas sim com passaportes da Secretaria de Estado. Isso jamais ocorrera ao homem e tivemos grande dificuldade em fazê-lo compreender que não pagaríamos nada.

Enquanto isso, mandáramos buscar na vila algo para comer, mas nada pôde ser obtido além de algumas dúzias de bananas.

O nível do rio ficava aqui a 1.560 pés acima do mar; o barômetro mostrava 28",580 e o termômetro 62° com céu nublado e um vento sul frio.

A região a partir daqui era muito montanhosa; às vezes surgia à vista gnaisse compacto ou gnaisse vermelho ferruginoso, cujas camadas orientavam-se na terceira hora.¹⁹

Todas as pessoas que encontrávamos tinham uma aparência amarelada e estúpida, descurada pela natureza, que suas respostas só confirmavam, pois eram marcadas pela parvoíce. Na verdade, esse é um fenômeno raro no Brasil, onde, mesmo quando a aparência é doentia, o espírito permanece são e, associado a uma moral das mais frouxas, cozinha malfeitos em quantidade suficiente.

No rancho e venda de Goiaba demos por encerrado o percurso de hoje. Começou a chover e buscamos refúgio em um estábulo cheio de palha de arroz. Quiseram nos abrigar em uma casinha a 100 passos dali, mas já nos havíamos acomodado tão bem sobre a palha que não nos dispusemos a sair de novo. A venda era bem provida de tudo e pudemos nos fartar e relaxar com muito gosto.

Dia 25 de setembro, Goiaba.

A altitude de Goiaba acima do mar era de 1.680 pés, o barômetro indicava, às sete horas da manhã, com tempo chuvoso, 28",450; o termômetro estava em 60°.

Na altura da Freguesia das Escudas topamos pela última vez com o Rio Paraíba. A partir desse ponto a estrada se volta para o divisor de águas, que de um lado encaminha a água para o Paraíba e de outro para o Tietê.

O embasamento desse divisor de águas parece ser constituído de gnaisse, passando a micaxisto. Junto à pequena fazenda de Francisco da Cunha, suas camadas seguem a direção da quarta hora.²⁰ No cascalho encontrei turmalina preta mesclada com quartzo. Comparece aqui também minério de ferro marrom e amarelo. Em geral, parece-me que predomina a formação de itacolomito.²¹

Depois de passarmos pela Fazenda dos Frades, uma propriedade pertencente a um convento de São Paulo, medi dois cumes de serra para verificar a altura do divisor de águas. Em um dos cumes o barômetro mostrou, às onze

¹⁹ Terceira hora = 45° Az (N 45° E).

²⁰ Quarta hora = 60° Az (N 60° E).

²¹ Quartzito.

horas da manhã, com tempo chuvoso, 27",960 e o termômetro 65°, o que dá uma altitude de 2.450 pés. A cerca de 1 1/4 léguas adiante, à uma da tarde, com o mesmo tempo fechado e chuvoso, o barômetro indicou 27",650, o termômetro 60°, o que corresponde a uma altitude de 2.550 pés.

O granito era o embasamento dessa região.

Dá-se a essa cadeia de montanhas o nome de Serra do Mogi, devido à proximidade da Vila de Mogi. Logo atrás da serra corre o Rio Tietê, sobre o qual há uma ponte. O vale desse rio é, nesse ponto, muito plano e amplo, e parece sujeito a ligeiras inundações nas enchentes. Por toda parte é visível uma turfa preta; com o aumento da população local e a escassez de lenha, pode ser de grande vantagem a introdução da extração de turfa.

Às duas e meia da tarde chegamos à Vila de Mogi, que é mais considerável do que todas as anteriores. As casas têm todas um andar superior e as ruas são largas. O convento dos carmelitas, onde agora só habitam três monges, é grande e espaçoso, e, se não me engano, subordinado ao convento da mesma ordem em São Paulo.

Na vila propriamente dita não havia estalagem; asseguraram-nos, porém, que mais adiante, a algumas centenas de passos, existia uma hospedaria grande. Por mais que fosse continuar cavalgando sob a chuva cada vez mais forte, a necessidade levava-nos a procurá-la. Finalmente encontramos o casarão imenso que nos fora prometido, e nele uma longa série de aposentos sujos. Até que a dona decidisse abrir alguns desses quartos para nos acolher, as goteiras já nos tinham ensopado. Depois foi preciso livrar os quartos da imundície mais grossa, o que levantou uma grande quantidade de poeira, que veio se amalgamar às roupas molhadas. Custa bastante acostumar-se a tanta porcaria, mas a que não se acostuma um viajante no Brasil!

Tínhamos agora um teto sobre a cabeça, mas que decepcionante foi para nós a informação da dona de que nada havia para comer, nem ela se dispunha a preparar-nos alguma coisa, pois já tinha trabalho mais do que suficiente. Nem mesmo lenha ela nos quis fornecer.

Irritados com a má vontade da mulher, tomamos à força o que não podíamos obter de outro modo. Matamos suas galinhas, tiramos lenha de sua cozinha e enviamos vários homens à vila para comprar o necessário. Assim preparamos da melhor maneira possível nossa refeição, no que um outro viajante e sua mãe, que vinham da Vila da Cunha e se tinham reunido a nós, muito nos ajudaram. Só no

fim da tarde nossos empregados voltaram carregados de mantimentos, inclusive um bom pão, alimento que, para nossa tristeza, quase não prováramos desde o início da viagem.

Quando já nos encharcamos durante o dia, e a noite continua tempestuosa e fria, que felicidade é ter um teto sobre si e poder descansar! Se tantas vezes eu, debaixo de chuva, alegrei-me por poder deitar-me sob as carretas de um canhão ou sob as caixas de um carro de munição, que satisfação não sentiria agora, de posse de um quarto com chave. Sem me importar muito com a comida, estava contente por simplesmente poder deitar-me na cama. No dia seguinte nem tinha vontade de me levantar. A chuva ainda era torrencial, e decidimos proporcionar a nossos animais, que pouco comiam nesse tempo chuvoso, e a nós mesmos um dia inteiro de descanso. Por outro lado, não era fácil descobrir com que passar o tempo, já que não era possível sair nem abrir portas e janelas, fustigadas pela chuva. Em situações como essa é que se comprova o deleite proporcionado pelas *Mil e uma Noites*, ou a narração de contos de fadas. Certificamo-nos disso, ademais, pela escuridão do quarto, que aumentava a atenção dos ouvintes e dava mais emoção às histórias.

74

Meu amigo Pena e alguns dos negros que estavam a meu serviço eram os meus sultões, e eu lhes contei contos da minha infância, que eles ouviram com um silêncio atento e maravilhado. Como meus contos provinham na maioria daquela coleção oriental, tinham para os meus acompanhantes negros um interesse dobrado; parecia-me mesmo que soavam para eles como ecos de sua mais tenra idade.

27 de setembro, Vila de Mogi.

No dia anterior, às cinco da tarde, com tempo carregado e chuva, o barômetro indicava 27",780 e o termômetro, 58°, e hoje às sete da manhã, com céu encoberto, mas sem chuva, marcava o barômetro 27",764, com o termômetro em 56°. A altitude média obtida a partir daí é de 2.330 pés acima do nível do mar; o mesmo para o Rio Tietê, cujas fontes não ficam distantes das fontes do Paraíba. Ele segue para o interior em direção ao Paraná e é razoavelmente navegável a partir de Porto Feliz, de modo que a maior parte dos viajantes e comerciantes utiliza essa e outras vias fluviais, que ainda descreverei mais tarde, para chegar a Mato Grosso.

A estrada segue a partir daqui às vezes mais próxima, às vezes mais distante do Rio Tietê, descendo as belas Campinas pantanosas do rio, e forma no

ponto onde é ameaçada por inundações um dique elevado. Como, porém, ela não é calçada, no tempo das chuvas os animais afundam até a barriga na terra preta. O Rio Tamariduaté e o Rio Taiacupeba são dois outros caudais consideráveis que se unem aqui ao Tietê. Há pontes sobre os dois; no último, no entanto, termina o aterrado.

Próximo ao rancho de Goió vê-se um arenito mais recente; mas não parece ser muito extenso.

Colinas baixas fecham a margem esquerda do Tietê; a direita é formada pelos morros que antecipam a alta Serra da Mantiqueira.²²

Poderíamos bem ter chegado até São Paulo hoje, mas como nos disseram que não há estalagens lá, tendo nós que buscar hospedagem em uma casa particular, permanecemos em Jagüí, ou Casa Pintada, uma casa solitária, e enviamos adiante um dos nossos criados para arranjar, através de um amigo, alojamento para nós. Se a donade Mogi era extremamente descortês, a daqui era uma velhinha muito solícita, cujos cuidados aumentaram mais ainda para com o meu amigo Penna, que, apesar da chuva, tinha dado uma volta em Mogi para ver as moças bonitas e assim se resfriara, sobrevivendo-lhe uma violenta febre.

28 de setembro, Jagüí ou Jacuí.

O barômetro indicava, às sete da manhã, com céu encoberto, 27",850, e o termômetro 58°, portanto uma altitude de 2.160 pés. Encontramo-nos a menos 130 pés de altitude do que em Mogi, o que demonstra uma forte queda do Tietê, que corre a apenas meia hora daqui.

Toda a região em torno traz o caráter de uma formação mais recente. Uma argila colorida alterna-se com a crosta de um conglomerado de arenito misturado com minério de ferro, de pouco mais de uma polegada de espessura. Muitas vezes tem-se apenas o conglomerado de arenito entre camadas de argila ferruginosa, e sob o solo da faixa de campina aparece uma camada de minério de ferro concrecionário de alguns pés de espessura.

Avançamos até Penha, um lugarejo e freguesia a uma hora e meia de São Paulo. Daqui se obtém uma maravilhosa vista do vale plano que desce até São Paulo, cujas torres o limitam de forma atraente.

²² No original, Eschwege usou a expressão *Serra do Espinhaço*; hoje, porém, a Serra do Espinhaço está restrita aos Estados de Minas Gerais e Bahia.

Imersos em visões aprazíveis como essas aguardávamos que nosso criado trouxesse uma notícia positiva sobre nosso alojamento.

A região em si era movimentada e percebia-se a proximidade de uma cidade. Pessoas iam e vinham, a prover as necessidades citadinas. O homem comum traja aqui, como é o costume em praticamente toda a extensão daqui até Buenos Aires, calças brancas de algodão, camisa solta sobre as calças e por cima o chamado poncho, que é um simples pano comprido, com um buraco para a cabeça, que pende na frente e nas costas, com quinas arredondadas. O complemento é um grande chapéu redondo de palha. Não usa sapatos nem quando está montado, prendendo as enormes esporas de ferro nos pés descalços. O poncho serve para tudo, como o sobretudo dos portugueses. Protege contra chuva e sol, serve de colchão e de cobertor.

A casa de nosso amigo e semicompatriota meu, Francisco de Mello Franco, ficava a um quarto de hora da cidade. Ali ele nos esperava com ansiedade. Como médico do exército, trajava uniforme, um gigantesco bigode e o maior sabre que se poderia encontrar. Embora de pequena estatura, tinha algo de marcial em toda a sua aparência, mesmo sem aqueles emblemas do soldado.

76

Seu pai, um famoso médico de câmara do rei, queria que seu filho chegasse a ser tão conhecido como médico como ele próprio o era e enviou-o, por esse motivo, à Alemanha, para a Universidade de Göttingen. Dotado em grande medida do espírito de soldado e contra sua vocação, fez no entanto grande progresso nas ciências e uniu-se, ainda estudante, em casamento com uma moça da região de Düsseldorf, mesmo sem a permissão do pai. Viveu alguns anos em Hamm praticando a medicina, até que seu pai o chamou de volta a Lisboa, onde, como médico da princesa real, acompanhou-a ao Brasil. Acostumado ao modo de vida alemão, o Rio absolutamente não lhe agradava. Decidiu, assim, escolher São Paulo como domicílio. Vivia ali com sua esposa e filhos. Comprara esta chácara, e com sua habilidade teria uma boa renda, se tivesse menos espírito soldadesco.

Tivemos de ficar para o almoço. A família apareceu e, como a conversa era em alemão, entregamo-nos com prazer à agradável ilusão de nos encontrarmos na pátria de nascença ou de escolha. Já à tardinha ele nos acompanhou à cidade, onde alugara cômodos para nós. Mandamos comprar as refeições em um estabelecimento francês, e assim nos instalamos em São Paulo às mil maravilhas.

SEGUNDA PARTE

De São Paulo a Vila Rica

No dia seguinte cedo fizemos nossa visita ao governador e passeamos pela cidade, que fica sobre uma pequena elevação acima do vale do Rio Tietê, em terreno plano.

O palácio do governador, um antigo mosteiro que ainda conserva alguma coisa de religioso, ocupa os três lados de uma grande praça retangular. As ruas são bem pavimentadas e muitos prédios se destacam pelo tamanho e imponência. Aqui parece reinar mais opulência e luxo do que na capital de Minas.

As casernas e oficinas da fábrica de armas anexas, embora as últimas só estejam sendo montadas agora, merecem sempre ser vistas, principalmente por se tratar das primeiras instalações desse tipo no Brasil, devendo seu bom andamento ao zelo do atual governador. Vários alemães, artesãos de espingardas, que já treinaram cerca de 70 aprendizes, estiveram empregados aqui e as armas para os dois batalhões de caça de São Paulo já foram fabricadas nessas oficinas. Fabricam-se também lâminas de espadas, embora ainda pouco satisfatórias. Todo o ferro vem da grande fábrica de ferro de São João de Ipanema. Havia um grande estoque de peças de ferro fundido, tais como almofarizes, sinos, tampas de fogão, panelas, caçarolas, etc., amontoado em um galpão separado; mas a mercadoria não tem muita saída, em parte porque não se criou ainda o hábito, em parte porque era vendida a preços elevados.

O Hospital Militar, onde também se ensinava cirurgia, fora equipado de forma exemplar pelo nosso Mello.

Não é esse um ponto desfavorável para apresentarmos algumas notícias geográfico-estatísticas sobre a Província de São Paulo. Ela se limita ao norte e noroeste com as Províncias de Minas e Goiás. A oeste, estende-se por pouca extensão até o território de domínio espanhol, e ao sul e sudoeste faz fronteira com a Província de Rio Grande. Segundo minhas estimativas aproximadas, pois as cartas ainda são extremamente inexatas, sua superfície deve ser de 15 mil léguas quadradas.

Segundo os relatórios oficiais de 1811, a província se divide em três comarcas:

1. a comarca da Cidade de São Paulo;

2. a de Paranaguá ou Curitiba;

3. a de Itu.

A comarca de São Paulo contém a Cidade de São Paulo e mais 16 vilas: São Vicente, Santos, Itanhaém, Mogi das Cruzes, Paranaíba, São Sebastião, Ubatuba, Taubaté, Guaratinguetá, Jacareí, Jundiaí, Pindamonhangaba, São José, Atibaia, Paraitinga, Cunha, Lorena, Nova Bragança e Vila da Princesa.²³ A primeira, a segunda, a terceira, a sexta, a sétima e a última ficam no litoral. Mais tarde foi anexada ainda a Vila de Areias, perfazendo agora 17, portanto. A Cidade de São Paulo tem 11 paróquias; Atibaia (Tybaya) e Itanhaém, 2 cada; Mogi das Cruzes e Lorena, 3 cada; Paranaíba, 4; e cada uma das outras, 1; no todo, 40 freguesias.

A comarca de Paranaguá compreende as seguintes 9 vilas: Curitiba, Paranaguá, Cananéia, Iguape, Guaratuba, Lagos, Castro, Antonina e Vila Nova do Príncipe. A segunda, a terceira, a quarta, a quinta e a oitava ficam no litoral. Mais tarde foi acrescida ainda a vila de São José, o que perfaz agora 10 vilas, que possuem ao todo 10 paróquias.

A comarca de Itu, ou Hitu, tem 8 vilas: Itu, Sorocaba, São Carlos, Mogi-Mirim, Porto Feliz, Itapitininga, Itapeba e Apiaí. Mais tarde foi acrescentada também a Vila da Palma. Mogi-Mirim tem 3 paróquias; Porto Feliz e Itapitininga, 2 cada; no todo são, portanto, 13 paróquias.

Logo, a soma total das povoações é: 1 cidade, 39 vilas e 65 paróquias.

A Cidade de São Paulo tem 4.017 fogos e uma população de 23.674 almas, ou seja, perto de 6 pessoas por casa. As pessoas se dividem em: 5.298 homens brancos, 6.319 mulheres brancas; 377 homens negros livres, 485 mulheres negras livres; 2.394 mulatos livres, 3.279 mulatas livres; 1.967 escravos negros do sexo masculino, 1.914 escravas negras; 745 mulatos escravos; 896 mulatas escravas. Predomina aqui, portanto, um desequilíbrio entre os sexos, com um incompreensível excedente de 2.112 mulheres. Sendo assim, não é de espantar que os últimos estejam sujeitos às maiores tentações, e ocorram mais separações de casais do que em qualquer outro lugar! O bispo de São Paulo assegurou-me pessoalmente que em 1820 o número de separações sob sua alçada chegara a 74. Em 1811 nasceram 1.301 crianças e morreram 785 pessoas de ambos os sexos, ao todo. Logo, a população aumentou nesse ano em 516 almas. As uniões foram 233.

²³ São 19 as vilas nomeadas.

Das vilas, a mais populosa é a de Sorocaba; ela conta 1.777 fogos e 10.181 habitantes, dos quais 2/3 são brancos, o que nesta província é raro, ocorrendo apenas em Taubaté e Mogi-Mirim, além dali. Esta última possui 9.045 habitantes e Curitiba, 9.916.

Como as tabelas de população em todas as províncias são bem pouco confiáveis, por motivos que já expus em algum outro lugar, submeto aqui aos leitores a tabela de 1811 para que possam compará-la com a de 1813, que publiquei no *Jornal do Brasil* (ver tabela anexa).

Fica claro que ou uma ou a outra contém erros grosseiros. O aumento da população branca é aparentemente exagerado, assim como a grande diminuição de mulatas livres é incompreensível, já que não grassou nenhuma peste entre elas. O pior no entanto é a redução de quase 7 mil fogos, já que ao aumento total da população deveria corresponder maior número de casas. A relação entre os nascimentos e mortes também parece-me falha; já expliquei em outro local por que motivos são registrados muito menos mortos. Os nascimentos somariam em média 4,4%, o que, de acordo com minha experiência na Província de Minas Gerais, estaria correto. Os óbitos seriam apenas 2,2% centenas quando não se pode crer que seja menos de 3%.

79 —

Nasceram em 1811	8.916
Falecidos	4.498
Crescimento da população	4.418
Casamentos celebrados	2.543

1º de outubro, São Paulo.

Volto agora ao relato de minha viagem. Passei dois dias em São Paulo; resolvi então seguir para a Vila e porto de Santos, localizada no litoral, a 9 léguas daqui, para visitar meu velho amigo e protetor José Bonifácio de Andrada e Silva. Ex-intendente-geral das minas em Portugal, vivia ele agora no seio de sua família,²⁴ em Santos, uma vida despreocupada.

²⁴ Em 1822 ele foi nomeado ministro de Estado para Assuntos Internos e Externos pelo príncipe herdeiro (o futuro D. Pedro I). Eschwege e José Bonifácio se conheceram em Portugal, onde Eschwege trabalhou de 1803 a 1809 sob sua chefia.

TABELA POPULACIONAL DA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO, DOS ANOS 1811 E 1812

Comar	Branços		Mulatos				Pretos				Soma	Cidades	V
	Masc.	Fem.	Livres		Escravos		Livres		Escravos				
			Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.			
São Paulo	3.0218	33.694	11.297	13.894	3.104	3.439	1.098	1.162	1.1375	9.063	118.344	1	
Paranaguá	8.904	9.436	4.143	4.688	1.136	1.287	449	480	2.344	2.153	35.020	-	
Itu	11.276	12.436	5.461	5.680	902	915	357	353	5.853	3.888	47.124	-	
Soma	50.398	55.566	20.901	24.262	5.142	5.641	1.904	1.995	19.575	15.104	200.488	1	
Em 1813 essa população montava a	53.663	59.302	21.074	22.979	5.178	5.470	1.771	2.180	21.326	16.276	209.219	1	
Diferença (+ ou -)	+3.262	+3.736	+173	-1.283	+36	-171	-133	+185	+1.751	+1.172	+8.731	=	

Observação – Em 1812, a população da província de São Paulo compunha-se de 205.667 almas, tendo havido um aumento de 5.179 cabeças. O crescimento em 1813 foi de apenas 3.552, ou seja, 1.627 cabeças a menos; apesar de, nesse ano o número de nascimento ter sido superior em 4.569 ao de pessoas falecidas. As 1.017 cabeças que faltam são devido à guerra com Artigas e aos fugitivos que abandonaram a província por causa da guerra.

Um amigo de São Paulo deu-nos uma carta de recomendação ao chefe da alfândega de Cubatão, para o caso de precisarmos passar lá a noite, e outra endereçada ao cônsul inglês em Santos, Whitekar, por não existir na vila uma estalagem ou outro tipo de alojamento. Mandáramos vir mulas de Ponte Alta, a meio caminho entre São Paulo e Cubatão, as quais, acostumadas já com o percurso, fizeram-no em pouco tempo. Às quinze para nove da manhã saímos de São Paulo e, em um ritmo muito acelerado, chegamos logo a Ponte Alta, uma estalagem muito boa para os padrões do País. Teríamos prosseguido com prazer, mas as mulas não o permitiram: estavam em casa ali e prefeririam morrer de apanhar a dar um só passo adiante. Até que fossem trazidos novos animais de um pasto afastado, passara-se uma hora e meia.

O barômetro indicava, por volta de uma da tarde, em dia de sol e céu quase sem nuvens, 27",790; o termômetro 68°. Este pareceu-me um dos pontos eminentes do planalto, que mostra aqui pouca fertilidade. A freguesia de Borda do Campo oferecia ainda o terreno mais encantador plano até agora. Sobre um platô elevado e plano, não muito afastado da vertente da Serra de Cubatão, verifiquei novamente o barômetro; estava em 27",900, com o termômetro em 60°, com forte nevoeiro.

Raramente se encontrará aqui a atmosfera livre de bruma, motivo pelo qual também tivemos de renunciar à bela vista de cima da planície pantanosa de Santos, limitada pelas montanhas.

Uma estrada calçada, a pique como um telhado e toda em ziguezague, leva montanha abaixo da maneira mais incômoda. É difícil saber se é melhor apear e seguir a pé ou permanecer montado, pois as duas coisas são igualmente cansativas. Em certos locais, olhando para trás, pode-se ver a estrada serpenteando rochedo acima, como em uma torre. Voltando os olhos para baixo vêem-se, de uma altura estonteante, os mais terríveis abismos.

Mawe, em seu relato de viagem, admira-se, diante dessa estrada, do espírito empreendedor dos brasileiros, considerando-a uma grande obra. Seria mais o caso de lamentar que tanto tempo e dinheiro não tenham sido gastos melhor na construção de uma estrada acessível e carroçável, que contornasse a serra de um ou de outro lado.

Chegamos a Cubatão com o crepúsculo: um pequeno entreposto, com muitos armazéns e poucas casas de má qualidade. Todas as mercadorias que vêm de Santos ou para lá vão são carregadas ou descarregadas aqui. Isso dá, com

as muitas centenas de mulas que recebem ou são aliviadas de suas cargas, a imagem de uma atividade ininterrupta. Por todas as mercadorias que chegam ou que partem deve ser paga uma determinada taxa, e cada pessoa paga 6 vinténs pela autorização para viajar até Santos ou vir de lá.

Fomos imediatamente para a casa da alfândega com nossa carta de recomendação. Ali fomos recebidos por fisionomias hostis e carrancudas, e disseram-nos que se quiséssemos passar a noite em algum dos armazéns, estavam prontos a abrir um deles; aliás, não poderiam fornecer-nos leitos de modo algum. Quando perguntamos se poderíamos obter algo para comer, a resposta foi igualmente negativa e até mesmo uma sugestão foi-nos recusada com um movimento de ombros. Irritados com a má vontade dos funcionários, saímos de lá dispostos, em caso extremo – pois nem uma balsa se consegue à noite para ir a Santos – a pedir comida a qualquer tropeiro que encontrássemos. Nesse momento avistamos em um casebre uma lamparina a óleo. Batemos e pedimos a uma velhinha que apareceu que nos acolhesse. Um barulhinho agradável para tais pessoas, que fiz soar batendo em minha bolsa, ajudou a mulher a se decidir a nosso favor. Fomos acolhidos. Preparou-nos uma refeição pouco apetitosa e recebemos dois colchões de palha para dormir. Não havia lugar para estendê-los, e vi-me então obrigado a colocar meu colchão sobre uma mesa pequena, de onde pendiam meus pés calçados com botas e esporas. Apesar da falta de conforto, logo adormeci.

Há coisas neste mundo que são difíceis de compreender, como o fato de não haver estalagens em Cubatão – um lugar em que não se passa uma hora sem que cheguem novos forasteiros deveria sentir necessidade delas. Mawe esteve aqui dez anos antes de mim e, embora louve a solícitude dos funcionários da alfândega, fica claro, inclusive por isso, que, então como agora, não havia estalagem nem em Santos nem em Cubatão. A razão disso é sem dúvida a falta de cabeças ativas e especulativas e empreendedoras.

Com a espinha e as costas em pandarecos, como se tivéssemos levado uma surra, tomamos logo cedo uma barca e enveredamos pelo labirinto sinuoso do estreito rio sob a vegetação do mangue, passando por baixo de arbustos e árvores cujas raízes – que se erguem a três pés da terra – sustentam o tronco ou caule como se devessem pairar acima das águas da cheia.

Através de muitos canais estreitos, formados em águas tormentosas, os quais só era possível atravessar na maré cheia, passamos dos complicados

meandros onde antigamente viviam numerosos caimãs para uma via fluvial larga e aberta.

A superfície da baía era lisa como um espelho e, com esforço redobrado dos remadores, chegamos à Vila de Santos depois de três horas de viagem, apesar da distância total não chegar a uma hora e meia.

Procurei imediatamente o meu amigo Andrada, enquanto o amigo Pena se informava a respeito do cônsul inglês. Como não encontrei ninguém da família em casa, dirigi-me também à casa do senhor Whitekar, que nos recebeu com grande hospitalidade. Só à noite encontrei Andrada na residência de sua mãe de 80 anos de idade. Grande foi a alegria do reencontro; a conversa não tinha fim, e logo estávamos mergulhados em um longo colóquio a respeito de nosso ofício.

Oito dias permaneci na companhia dessas interessantes pessoas e devo dizer que as conto entre as mais agradáveis com que privei no Brasil. Os irmãos de Andrada são cérebros igualmente talentosos e inteligentes. Um deles ainda estava, nessa época, preso na Bahia, em consequência da revolução de Pernambuco, e temia-se que fosse executado.²⁵

O Porto de Santos é na verdade formado pelas Ilhas de São Vicente e Santo Amaro; cada uma delas tem 4 ou 5 léguas de extensão, mas bem menos de largura. A última tinha originalmente o nome de Guaíba. Três entradas são formadas por essas ilhas. A do sul é de São Vicente; a do meio tem o nome de Barra Larga ou Santos; a do norte é a de Bertioga.

Santos é o único porto da Província de São Paulo que tem capacidade de receber frotas de guerra.

A ilha de Santo Amaro tem poucos habitantes e quase não tem construções; ao contrário da de São Vicente. A vila dos Santos fica na porção norte desta ilha, é populosa e movimenta um considerável comércio. Ela foi fundada no em 1545 e é uma das vilas mais antigas do Brasil. Possui uma Casa de Misericórdia, um convento de franciscanos, um hospício dos beneditinos e um dos carmelitas. O antigo Colégio Jesuíta de São Miguel foi mais tarde transformado em hospital militar.

²⁵ Com a recente revolução no Brasil, os mártires da Revolução de 1817 foram libertados, e João Carlos de Andrada saiu da prisão para ser deputado da Corte em Lisboa. Martim Francisco de Andrada, o irmão mais velho, foi recentemente nomeado ministro das Finanças no Rio. (Nota de von Eschwege.)

A maioria das casas é feita de pedra e tem apenas um andar. As ruas são relativamente limpas e seu calçamento é novo, mas não servem de modelo já que, em vez de serem abauladas, têm uma vala no meio para conduzir as águas.²⁶

Uma montanha mais alta, chamada Montserrat, estende-se com suas encostas até a Vila. Sua base consiste em granito e, mais acima, gnaisse. O granito é freqüentemente misturado a anfibólio e há pontos, como se pode observar na costa, em direção a São Vicente, em que passa completamente para anfibólito. Silexito²⁷ é encontrado nas planícies pantanosas. Um penedo conhecido como Pedra Feiticeira aparece isolado, lembrando um imenso monumento de eras passadas, dando testemunho de uma destruição pretérita.

84

Duas léguas a sudoeste de Santos fica a velha Vila de São Vicente. Um caminho gracioso, margeado de arbustos, leva até ali, contornando o Montserrat. Ela foi a primeira vila da província, que antes tinha o mesmo nome. Seu comércio era intenso, mas desde que Santos prosperou, devido à sua situação mais estratégica, e com a crescente invasão da entrada de seu porto por bancos de areia, a populosa localidade caiu em decadência, estando hoje reduzida a poucas casas abandonadas. A pescaria é a única ocupação dos poucos que ainda vivem nessas ruínas. Na maré vazante pode-se voltar de São Vicente a Santos pelo mar, o que é uma volta bem longa, compensada, entretanto, pela vista de maravilhosas enseadas e fragas sobre o belo fundo arenoso do mar. Quem aprecia as conchas encontrará nessa costa uma riqueza e variedade imensa delas. Causam admiração as numerosas e colossais carcaças de baleias, em parte enterradas na areia e em parte acima da superfície, que, quando ainda frescas e cobertas de carne, servem de alimento aos abutres. Aqui se poderia escolher um admirável esqueleto para um museu. Antigamente a caça à baleia era muito considerável aqui, tanto que se construiu na entrada do porto de Bertioga uma armação de baleias.

A entrada do porto de Santos, que tem no máximo 100 passos de largura, é protegida por dois fortes. O forte do lado sul foi agora, sob a direção do coronel Müller, totalmente reconstruído.

As principais mercadorias exportadas de Santos são: açúcar, aguardente, panos de algodão, café, couros crus e curtidos e tocinho.

²⁶ Eschwege publicou em uma memória sobre a construção de estradas – *Odologia dos engenheiros... etc.* Lisboa, 1843.

²⁷ *Hornstein* no original.

O barômetro marcava em Santos uma média de 30",700, numa altitude de 50 pés acima do nível do mar.

Dizem que em grande parte do ano caem estas chuvas fortes, o que deve ter sua causa provavelmente na posição da planície pantanosa cercada pelas altas montanhas.

10 de outubro, de volta a São Paulo.

O coronel Müller teve a amabilidade de nos mandar transportar até Cubatão na galera real que se encontrava à sua disposição. Eu teria ido com prazer pela nova e bela estrada que leva até lá, mas faltavam ainda duas pontes, não só porque não se consegue chegar a um consenso a respeito, como porque não há de onde tirar o dinheiro para construí-las.

Queríamos ter partido bem cedo, mas o dia já se aproximava. A belíssima manhã compensou-nos por acordarmos de madrugada, e quando o sol se levantou já deslizávamos sobre a superfície lisa do mar em direção ao labirinto de canais. Gaivotas, garças, patos, pelicanos e outras aves acabavam de acordar e animavam os ares em busca de comida fresca. Até mesmo os peixes pareciam se alegrar com o sol levante, pois se aproximavam da superfície e às vezes pulavam vários pés fora da água, exibindo suas armaduras de escamas prateadas.

A vazante começou mais cedo do que esperávamos, e com esforço redobrado os remadores lutavam contra a corrente, o que atrasou bastante nossa chegada a Cubatão. Não se perdera nada, no entanto, pois tivemos de esperar até depois de nove horas pelas mulas que tinham sido encomendadas de Ponte Alta. A seguir havia ainda o íngreme caminho em ziguezague, que as mulas, sem estarem ferradas, mas já acostumadas ao percurso, escalaram com perseverança pelas quais tínhamos de pagar 1.600 réis ao chegarmos em São Paulo.

De propósito, não mencionei nada com respeito à geologia na viagem a Santos. Queria ver duas vezes para ter certeza do que via; por isso adiei meus comentários até este ponto. Mawe diz a respeito da Serra de Cubatão: "A composição da serra aparenta ser granito e muitas vezes arenito friável e ferruginoso; a altitude tida como a menor seria de 6 mil pés e a superfície consistiria em quartzo com areia."

Varnhagen, em suas observações, diz (ver *Jornal do Brasil*, 2ª parte): "Na parte de baixo percebe-se o afloramento de gnaisse, freqüentemente contendo fragmentos de limonito; mais acima encontra-se granito de granulação grosseira.

A altitude máxima, sobre a qual passa a estrada, seria de 2.220 pés ingleses, e sobre ela haveria xistosa grauvaca em camadas, e no meio limonita argilosa em buchos."

Quando se tomam opiniões tão divergentes, tem-se de ficar duplamente atento e gasta-se mais tempo para estabelecer a verdade.

Até o primeiro patamar da serra identifico, como o Sr. V. (arnhagen) observou corretamente, gnaisse, dali em diante ele passa a ser mais decomposto e ferruginoso. Uma camada de limonita pobre (manganesífero), misturado com alguma mica, merece notícia; tudo isso no entanto em, estado de profunda decomposição. Mais acima ainda continua o gnaisse ferruginoso decomposto, passando frequentemente a xisto argiloso vermelho-ferruginoso, com precipitações pretas em suas fraturas, o que se encontra muito em Minas, contendo óxido de cobalto preto.

Chega-se agora, no meio da serra, ao último posto de descanso. A partir daqui não se vê mais o gnaisse ferruginoso; ele contém anfibólio e passa cada vez mais ao sienito. O cume extremo, entretanto, compõe-se novamente de gnaisse vermelho-ferruginoso, passando a xisto argiloso.

O barômetro indicava aqui 27",664, o termômetro 80°, o que, combinado com minhas observações na viagem de ida, dá uma altitude média de 2.320 pés para a Serra de Cubatão.

Estamos agora sobre um platô elevado e plano, que é arenoso e contém muitos pedaços de quartzo, parecendo-me que aqui começa o itacolumito. A direção de toda a massa de montanha aponta para a terceira e quarta horas.²⁸

Depois do Rio das Pedras o platô se encontra algo descaído e aqui aparece, à direita das encostas relativamente fortes, uma rocha de anfibólio, que é usada para calçamento de ruas. Vê-se também essa rocha em matações, misturada com feldspato, como diabásio, amontoada à beira da estrada. Um pouco mais adiante aparece de novo a formação do itacolomito. A base, de gnaisse bastante decomposto, volta a aparecer em Ponte Alta e continua até Ponte dos Meninos Velhos, de onde então se estendem as camadas rochosas mais recentes da Cidade de São Paulo.

Em Ponte Alta juntou-se a nós para o almoço um major da legião que vinha recentemente da Província do Rio Grande, onde lutara durante seis anos contra Artegas. O tempero da comida foi a descrição do estado lamentável das tropas

²⁸ Terceira hora = 45°Az (N 45° E); quarta hora = 60°Az (N 60° E).

portuguesas, e de seus adversários que, organizados em quadrilha de assaltantes, eram chefiados e comandados por Artegas. A narração foi tão aterrorizante que tiraria de qualquer um a vontade de colher louros naquela guerra.

A guerra da província do Rio Grande é, aliás, difícil de entender. Por que haveriam as Províncias de São Paulo e Rio Grande de carregar sozinhas o peso dessa guerra? Um fardo que lhes custa homens e dinheiro, dois artigos de que já sofrem as duas tanta escassez e cuja redução só pode acarretar sua ruína, enquanto as demais províncias não fornecem num único recruta. O corpo português atua por si próprio em Montevideu e é pago diretamente de Portugal.

Em Ponte Alta o barômetro indicava 27"384, o termômetro, 76°, o que, comparado com a primeira observação, dá uma altitude média de 2.510 pés. Portanto, este seria um dos pontos mais elevados do alto platô, sem contar algumas cabeças de montanha que devem ser de 500 a 600 pés mais altas.

Até 16 de outubro permanecemos ainda em São Paulo e tivemos nesse tempo oportunidades suficientes para melhor conhecer este lugar, tão famoso na história brasileira.

Minhas observações barométricas e termométricas na mesma elevação do Palácio do Governador foram as seguintes:

Dia	Hora	Barôm.	Term.	Observações
30 set.	– 8 da manhã	27",750	61°	céu encoberto
1° out.	– 8 da manhã	27",788	61°	nublado
1° out.	– 1 da tarde	27",750	65°	céu claro
1° out.	– 8 da noite	27",810	61°	nuvens
2 out.	– 7 da manhã	27",848	62°	nuvens
11 out.	– meio-dia	27",550	70°	céu claro
11 out.	– 2 da tarde	27",500	75°	claro, vento forte
11 out.	– 5 da tarde	27",480	75°	ensolarado
11 out.	– 9 da noite	27",500	74°	enluarado, sem vento
12 out.	– 9 da manhã	27",520	72°	encoberto, vento forte
12 out.	– meio-dia	27",540	72°	encoberto, chuva
13 out.	– meio-dia	27",522	68°	muita chuva
13 out.	– 9 da noite	27",540	65°	chuva
14 out.	– 9 da manhã	27",600	63°	tempo claro
14 out.	– 10 da noite	27",638	65°	tempo claro
15 out.	– 8 da manhã	27",732	63°	tempo claro

Depois dessas duas semanas de observações o barômetro indicara em média 27", 628, a uma temperatura média de 67°, o que dá uma altitude de 2.472 pés acima do mar.

Outros viajantes já escreveram muito sobre essa cidade e seus arredores. Só mencionarei o que ainda não foi comentado. Ela consiste em duas paróquias, a da catedral e a de Santa Efigênia, e possui uma população de 23.760 habitantes em 4.020 fogos.

Os jesuítas deram início ao povoamento em 1552, através da fundação de um colégio, que é o atual palácio do governador, e dois anos depois celebraram a primeira missa no dia de São Paulo, do qual vem o seu nome. Somente seis anos depois ela foi elevada a vila.

Os primeiros habitantes provinham de uma família de índios guaianás com seu cacique Tibiriçá, que habitava a aldeia próxima de Piratinim, às margens do rio de mesmo nome, de onde procede o título de São Paulo de Piratininga, que manteve até 1712, quando foi elevada a cidade. Em 1746 ela foi escolhida como sede de bispado. Aos poucos foram surgindo a Casa de Misericórdia, três hospitais, conventos dos beneditinos, dos franciscanos e dos carmelitas, e duas casas para a acolhida de pessoas do sexo feminino, os chamados "recolhimentos", uma espécie de convento.

Aos índios veio juntar-se em breve uma grande quantidade de europeus, que aqueles denominavam emboabas, pois as calças que lhes cobriam as pernas lembravam aves que têm penas até os pés.

Com a união de europeus com as índias surgiu uma nova classe de pessoas, que levou o nome de mamelucos, o que promoveu um grande aumento da população. A mais antiga nobreza de São Paulo descende daí e se orgulha de uma procedência tão antiga.

Em um grande banquete que o governador ofereceu por ocasião do aniversário do príncipe herdeiro, e ao qual também compareci, encontravam-se reunidos todas os próceres locais. A animação era geral. Os poetas e improvisadores emulavam em volta da mesa em louvar a Família Real e a do governador. Os militares exibiram-se em grande parada, com maior destaque para o primeiro regimento de milícias, composto de homens brancos e altos. À noite, a alta sociedade reuniu-se em um baile na residência do governador. Imperava ali o último gosto europeu e muito luxo.

Uma sociedade hípica inglesa que ali se estabeleceu naquela época, e que mostrou sua arte em um domingo, deu-nos oportunidade de ver também as clas-

ses média e baixa da população, nas quais se introduzem da mesma forma a moda e o luxo. Um circo montado exclusivamente para a ocasião exibiu essas pessoas em seu melhor aspecto. Em comparação com outras cidades grandes do Brasil, vêem-se aqui muito mais indivíduos brancos, e as paulistas têm fama de serem as mais belas mulheres do País.

O teatro e os atores são muito piores do que os de Vila Rica.

Embora tenham-me garantido em São Paulo que se o governador não desse o tom a cidade seria tão morta quanto as demais capitais de província, pareceu-me, entretanto, que aqui as pessoas são mais sociáveis e mais propensas à alegria do que em Vila Rica. (É estranho que os brasileiros precisem sempre de um líder para predispô-los a se divertirem; desde que se dê o primeiro empurrão, o resto vai por si. Como não clamaram numerosas famílias de Vila Rica, quando o governador D. M. de P. e C.,* que era solteiro, deu o primeiro baile. Pareceu-lhes a princípio a coisa mais provocante e escandalosa e pouco faltou para que as damas dispostas a comparecer fossem proscritas da sociedade; mas o governador não se deixou intimidar e, por fim, apareceram, com muito prazer, todos os que haviam sido convidados. Assim, no entanto, que o governador viajou, pôs-se fim a todo divertimento e danças, como se jamais houvessem existido. Deve se dar o mesmo em São Paulo, apesar de aqui a população ser muito maior e o número de pessoas ilustres e casas opulentas, maior.)

89 —

16 de outubro, São Paulo.

Parti de São Paulo para visitar a grande e nova fábrica de ferro de São João de Ipanema, distante daqui 18 léguas e dirigida por meu amigo, o tenente-coronel von Varnhagen.²⁹ Muitas pessoas distintas nos acompanharam, segundo é costume, até um certo ponto do caminho; alguns já se dispersaram logo à saída da cidade; outros prosseguiram ainda um pedaço; e por fim vimo-nos reduzidos a nós mesmos.

A região era em geral plana ou ondulada. À direita da freguesia de Pinheiros, a mais ou menos 1 légua de distância, ergue-se isolada a Serra do Jaraguá, em que antigamente se minerava muito ouro. Uma terra argilosa cobria os terrenos

* Dom Manuel de Portugal e Castro (N.T.), último governador-geral de Minas Gerais (1814-1821) e presidente do governo provisório (setembro de 1821 a outubro de 1822).

²⁹ Friedrich Ludwig Wilhem Varnhagen não usou o "von" da nobreza alemã. (Ver dados biográficos no Estudo Introdutório.)

mais baixos e muito provavelmente a base aqui é um xisto argiloso mais recente. Não distante do Sítio de Javari, onde a região se torna mais montanhosa, aparecem gnaisses e xistos argilosos intemperizados, cobertos por arenito ferruginoso, e mais adiante afloram grandes blocos de gnaisses; como junto à freguesia de Cutia, mostra-se um gnaiss fresco e maciço. Sob ele encontra-se um granito de grão fino, cujas camadas estão na segunda hora.³⁰

O local é pequeno e miserável e mal pudemos achar, em uma vendinha, o alojamento necessário.

17 de outubro, Cutia.

Uma forte neblina cobria a região, e o barômetro indicava, às seis horas da manhã, 27",480, com temperatura de 60°. Estávamos, portanto, a 2.620 de altitude acima do mar e a 252 pés mais alto do que São Paulo.

A princípio mostrava-se ainda um granito de grão grosso passando a gnaisses. Em Vargem Grande surgiu um granito com grandes pedaços de feldspato. O caminho de São Paulo até aqui é bom por natureza e poderia ser transformado em uma excelente estrada de rodagem, fazendo-se um pouco de esforço nesse sentido. Daqui em diante ele se torna mais montanhoso e as montanhas são cobertas de araucárias, que os brasileiros denominam pinheiros.

As duas montanhas dessa região parecem ser ramificações da Serra da Mantiqueira. Elas são interrompidas pelo Rio Tietê e desaparecem para a planície. Uma se encontra entre Cutia e São Roque, a outra entre São Roque e Sorocaba. A primeira, cujas costas atravessamos, compunha-se, como as demais partes elevadas dessa região, de granito e era coberta de florestas.

Um vale de vegetação baixa, provavelmente habitado em outras épocas, acolheu-nos em seu seio. As copas viçosas de marmeleiros há muito degenerados sombreavam a margem de um riachinho, dando testemunho de remota atividade humana. Tal convite era irrecusável e, em homenagem à passada presença ali de seres racionais, assim como levados pelo frescor do ambiente, desarreamos nossas montarias e, enquanto estas iam em busca do capim verde, degustamos o que trazíamos conosco e repousamos. Preparei um leito sob uns arbustos cerrados, mas limpos, e descansamos todos. Não pude, entretanto, aproveitar essa doce pausa por muito tempo, pois meu cavalo, provavelmente atraído pela

³⁰ Segunda hora = 30°Az (N 30° E).

grama mais fresca ou por meu bom gênio, veio para tão perto de mim que se encostou em meu corpo e acordou-me. Toquei-o para longe algumas vezes, mas ele voltava sempre e acabou por afugentar de todo o meu sono. Fiquei deitado, olhando pensativo através da folhas o céu azul, procurando na distância infinita as estrelas deslizantes, pedindo-lhes que levassem lembranças minhas à Pátria, e assim me esqueci do que me rodeava. Entretanto, o cavalo que antes me despertara do sono despertou-me agora de meus devaneios. Para pôr termo de forma mais confortável a suas impertinências, passei os olhos pela ramagem que se debruçava sobre mim em busca de uma vara para açoitá-lo. Percebi, então, enrolada em um galho, uma daquelas terríveis criaturas que trazem consigo a morte certa – uma serpente –, que me encarava com grandes olhos arregalados e provavelmente só esperava ser perturbada em seu repouso para dar o bote. Um pauzinho seco que caiu sobre mim enquanto olhava deixou-me quase em pânico. Pensei que era a cobra; não havia tempo para pular, portanto valsei uns bons passos para longe dali. Logo percebi meu engano e agora vi que a cobra descia agilmente do galho. Meus negros vieram com porretes, mas ela, com a velocidade de um raio, escorregou em movimentos sinuosos para o fundo do capim alto.

Não quisemos mais permanecer ali; arreamos os cavalos e seguimos em frente.

Aqui e ali surgia gnaisse ferruginoso, cujas camadas tinham sua direção na terceira hora,³¹ com mergulho para a nona hora em direção noroeste. Também vi em um ou outro ponto xisto quartzoso de granulação fina.³² Um belo granito de grão grosseiro com feldspato vermelho se encontrava em São Roque, em parte contendo camadas e ninhos de quartzo listrado escuro, quase preto.

Uma casinha vazia foi-nos apontada pelo sargento que comandava a polícia do lugar, já que não havia a mais pobre das vendas em todo o povoado, que no entanto é maior do que Cutia.

18 de outubro, São Roque.

O barômetro indicava, às seis horas da manhã, 27", 640, o termômetro 57°, o que dá uma altitude de 2.461 pés.

³¹ Terceira hora = 45° Az (N 45° E).

³² *Kieselschiefer* no original.

A partir de São Roque aproximávamos agora da segunda das cadeias de montanhas, ramificada da grande serra, onde a formação de transição do xisto argiloso começa. Ele aparece em alguns pontos vermelho, ferruginoso e mole com direção na segunda hora³³ e um mergulho para leste na oitava hora.

As matas desapareceram e só se vêem campos, até onde a vista alcança. Vales profundos cortam a planície alta, e tudo lembrava o caráter dos sertões de Indaiá e Abaeté, em Minas.

Para verificar em que altitude nos encontrávamos, fiz as seguintes observações no ponto mais elevado da estrada, com sol claro e vento leste, às oito horas: o barômetro indicava 27",144, o termômetro 69°. Estávamos, portanto, a 2.956 pés acima do nível do mar. À esquerda do caminho havia uma colina aproximadamente 100 pés mais alta.

Xisto argiloso permanecia como a rocha de base; às vezes vermelho, às vezes azulado, conservava sua inclinação para a segunda e a terceira hora, e freqüentemente seu acamamento era vertical. Os pontos mais elevados se caracterizavam por cabeças de arenito mais recente, exatamente como no sertão de Indaiá e Abaeté.

Mais adiante, na vizinhança de um grupo de casinhas que leva o nome de Inhuaíba, aparecem cabeças de quartzo sobre o xisto argiloso, e um pouco mais adiante a rocha parece passar para grauvaca e grauvaca xistosa.

A região era deserta, erma e despovoada, e atravessamos numerosos córregos maiores e menores, de cujos nomes não foi possível informar-me. Passamos um monte de gnaisse; próximo a Sorocaba, surgiu o granito.

Uma carta de recomendação do governador dirigida a um certo Senhor Rafael nos precedera. Ele achava que passaríamos a noite em sua casa e nos recebeu consoante a recomendação. Eu, porém, tinha urgência em ver meu amigo, e após a refeição apressamo-nos em direção à fundição, distante 2½ léguas, montando os animais descansados que o Senhor Rafael nos fornecera. Os animais de carga ficaram para trás. Sem percebermos, tínhamos descido do planalto ao vale do Rio Sorocaba. Na casa do Senhor Rafael, que deve ficar aproximadamente 100 pés acima da altitude do rio, o barômetro indicava, às quatro e meia da tarde, 28",160, o termômetro 79°, o que daria uma altitude para Sorocaba de 1.960 pés; encontrávamos, portanto, quase 1.000 pés abaixo do ponto mais elevado.

³³ Segunda hora = 30°Az (N 30° E).

Sorocaba é uma vila bastante grande e bem situada, com habitantes abastados, que vivem principalmente do comércio de mulas de carga e cavalos. Eles os trazem de Curitiba e da Província do Rio Grande. Põem-nos, então, a pastar nos bons pastos da região, para se recuperarem da viagem, e depois os enviam aos milhares para as províncias de Minas Gerais, Goiás, Bahia e Rio de Janeiro. Há dois anos um burro selvagem custava aqui de 8 a 10 mil-réis, agora, porém, custa de 25 a 30 mil; o aumento de preço deve-se em grande parte à guerra contra Artegas.

Embora cavalgássemos em ritmo bastante acelerado, a noite nos alcançou e acabamos nos perdendo, não obstante ter-nos sido garantido que não havia como errar o caminho. Foi ficando cada vez mais escuro e mal se podia notar ainda a trilha estreita sobre a campina. Cavalgamos e cavalgamos sem encontrar nada; a alta montanha de Araçoiaba, que até então nos servira de guia, ameaçava desaparecer na escuridão a qualquer momento. Quase não se percebia mais seu contorno no céu pouco claro quando, para nosso pesar, pareceu se afastar para a esquerda. Agora tínhamos certeza de ter tomado o caminho errado. Paramos e deliberamos o que se deveria fazer – se prosseguir nesse caminho, que decerto nos levaria a alguma habitação, ou retornar a Sorocaba. Ambos eram arriscados, pois, a prosseguir nessa região, talvez só encontrássemos alguém no dia seguinte, o que seria por vários motivos muito desagradável. Nessa indecisão, ocorreu-me então fazer soar meu apito de caça, e assim talvez ser ouvido por alguma alma. De fato, não longe de nós, em um matagal escuro, um cão respondeu. Apeamos, amarramos os cavalos e avançamos através de espinhos e valas, pois o cão continuava a latir, até que alcançamos uma casinha onde encontramos um guia, que nos levou à fundição, localizada a quinze minutos dali.

A alegria pela nossa chegada foi imensa, pois há anos eu não via meu amigo e sua família. Permanecemos junto ao alto-forno, assistindo à sangria do ferro. Estava presente ainda o tenente-coronel Feldner,³⁴ que trouxera os moldadores alemães de Berlim havia alguns dias.

Demoramo-nos até o dia 24 de outubro na fundição, que descrevo em seguida, junto com as notícias de meu amigo sobre sua administração.

³⁴ Wilhelm Christian Gotthelf von Feldner (1772-1822) veio em 1803 com Eschwege para Portugal, onde trabalhou nas minas de carvão. Acompanhou Eschwege em 1810 para o Brasil. Autor da obra (póstuma) *Reisendurch mehrere Provinzen Brasiliens* (1828), ainda não editada em português.

TERCEIRA PARTE

Descrição e notícias da grande Fábrica de Ferro de São João de Ipanema

Na minha história resumida da fabricação do ferro do Brasil (ver *Jornal do Brasil*, 1ª parte) e nas *Notícias sobre a província de São Paulo* de (von) Varnhagen (ver *Jornal do Brasil*, 2ª parte), essa fundição e suas imediações já foram mencionadas, e relatado ainda como os chamados metalúrgicos suecos foram despedidos e a direção entregue, na época, ao major (von) Varnhagen.

Como eu me encontrava naquele tempo no Rio de Janeiro, tive de comparecer a uma reunião dos ministros de Estado e tesoureiros da Fazenda Real para fazer minha avaliação dessa fábrica de ferro e propor um orçamento aproximado para o capital a ser ainda despendido na instalação de altos-fornos. Tendo sido bastante bem informado a respeito do local por meu amigo, estabeleci um prazo de dois anos para a construção deles e um capital de 50 mil cruzados a ser empregado nisso. Meu amigo teve também de enviar seu parecer e, apesar de não termos combinado nada, sua opinião coincidiu exatamente com a minha.

Mas não pretendo antecipar o assunto. Prefiro antes acrescentar alguns fatos históricos sobre a fundição de ferro construída pelo diretor sueco H.,³⁵ que ajudarão não somente a dar uma idéia do estado da usina, como também farão conhecer detalhes que comprovam como o Ministério se deixou enganar facilmente e, mesmo depois que se lhe abriram os olhos, não o quis admitir, e levando a coisa tão longe que os fundos se perderam todos.

Extratos de cartas do coronel Varnhagen a mim, do ano de 1814, datadas de São Paulo

"Já vejo que do nosso encontro no Rio nada sairá, pois não consigo obter uma permissão nem uma ordem para viajar até aí, por mais que me esforce. Minha presença no Rio seria agora em muitos aspectos impreterivelmente necessária. Primeiro, para arrancar do Erário meu soldo atrasado, pelo qual suspiro há um ano e nove meses; segundo, porque já é mais do que hora de trazer a

³⁵ Gustavo Hedberg.

público as incríveis roubalheiras do sueco, que, no entanto, se tentam abafar, já que comprometem dois homens influentes, o general N.³⁶ e o marquês A.³⁷

Vós deveis se lembrar do que vos contei já há alguns anos sobre a companhia sueca e seu diretor, que eles não colocariam nenhuma fábrica de ferro em funcionamento. Hedberg era escriturário de uma companhia de mineração na Suécia e mais tarde arrendou as minas de Adelfors, onde em vez de lucros teve grandes prejuízos. Entre seus credores encontrava-se também o cônsul de Portugal, Mr. Bayer, com um crédito de 10 mil cruzados. Para sorte deste, a legação portuguesa tinha então a missão de contratar fundidores suecos para vir ao Brasil. Hedberg foi nomeado diretor com excelente remuneração e, desse modo, o Brasil foi escolhido para pagar as dívidas do sueco. O plano funcionou e Mr. Bayer veio recentemente aqui e buscou o seu dinheiro.

Em 1811 eu já dera uma olhada na planta do sueco, que só se empenhava em prolongar as obras para sempre. Protestou-se na Junta contra o seu plano de equipar a fábrica para 50 mil *zentner*³⁸ de ferro. Ela estabeleceu então a quota em 10 mil *zentner* e decidiu a construção de um alto-forno.

É de vosso conhecimento que desde que o sueco chegou eu não queria ter mais nada a ver com essa fábrica, cujo triste fim já previa, e tentei livrar-me repetidas vezes dela. Mas em 1812, estando no Rio, recebi nova incumbência, desta vez de acompanhar o general Napion, que deve examinar o estado da fábrica. No meio de outubro chegamos ali, e Napion, que já visitara usinas alemãs e francesas, estando, portanto, capacitado a avaliar corretamente uma instalação dessa natureza, comentou, na presença de diversas pessoas, que estava preparado para encontrá-la em mau estado mas que a realidade era dez vezes pior do que pensara. Entretanto, em consideração a seu amigo, o falecido Ministro L.,³⁹ não teve coragem de pôr cobro ao malfeito, e assim prejudicou ainda mais a situação. Mais tarde, como o sueco lhe apresentasse seu plano de preparar 10 mil *zentner*

³⁶ Carlos Antônio Napion, militar italiano a serviço de Portugal, natural do Piemonte; veio para Portugal a convite do conde de Linhares e acompanhou a família real para o Brasil. Morreu em 1814 no Rio de Janeiro. Escreveu *Experiências e observações sobre a liga dos Bronzes, que devem servir nas fundições das peças de artilharia*, traduzidos por Carlos Jalião, sargento-mor com exercício no Arsenal Real, Lisboa, 1801.

³⁷ Marquês de Alegrete, Luis Teles da Silva Caminha e Meneses (1775-1828), capitão-geral e governador de São Paulo (novembro de 1811 a agosto de 1813).

³⁸ *Zentner* = 100 libras (cerca de 45 kg).

³⁹ Conde de Linhares, Domingos Rodrigo de Souza Coutinho (1755-1812), ministro do príncipe regente Dom João, em Portugal e no Brasil.

de barras de ferro em barras em quatro fornhos de roça, deu crédito a essa evidente impossibilidade e deixou a realização por conta do sueco. Não quis dar ouvidos a minhas idéias e fiquei sem saber o que era mais espantoso: se sua política às avessas, sua ignorância a respeito da fundição ou a má-fé com que trabalhava abertamente contra o progresso da fábrica.

Napion sancionou, portanto, o plano do sueco, que prometera levá-lo a cabo dentro de seis meses, com 20 mil cruzados, e decretou que, enquanto o plano não tivesse sido executado, ninguém deveria se intrometer nas questões da fundição. Contudo, antes de partir, escolheu ainda o lugar onde eu deveria mais tarde construir os altos-fornos, sobre os quais ele queria garantir para si a direção geral, naturalmente com um belo ordenado. Também combinou comigo que eu buscaria convencer o ex-ministro Alegrete, nosso amigo, a fazer ver ao príncipe regente que só sob sua direção geral a fábrica poderia prosperar; por cujo favor prometeu-me mundos e fundos, sem cumprir nunca o prometido.

No dia 1º de julho de 1813 recebi de Napion uma carta, da qual vos divulgo o seguinte excerto:

96

Um empreendimento mal iniciado nunca pode ter um bom sucesso e assim não se deve desde o início esperar muito deste. Entretanto, não se pode negar que com o tempo ela pode vir a ser uma das maiores instalações siderúrgicas, chegando-se a aproveitar mesmo o que já foi construído pelo diretor Hedberg. Ele escreveu-me há pouco, informando que está tudo pronto para pôr em funcionamento os fornos e pede autorização para viajar aqui para o Rio. [Essa notícia não está em consonância com outras, pois todos dizem o contrário, parece-me que exagerando bastante. A chegada do Senhor Bayer causou sensação (ninguém sabia antes da dívida de H. para com ele), mas o governo está atento e não se deixará iludir com tanta facilidade. Quanto mais os estrangeiros trabalharem para que não saia nada dessa usina, mais o governo empregará todos os meios para anular seus esforços.] O que mais me admira é que se prendam todos a conversas vazias em vez de pedir um relatório sério mensal sobre o estado da fábrica. À incompetência do diretor junta-se a grande intriga, e daí não pode sair nada de bom.

O vosso projeto para a fundição em Pinheiros parece vantajoso; mas creio que não se deve pensar em sua realização até que esteja pronta a anterior. Como se começará a fundir dentro em breve, gostaria que preparásseis um relato detalhado de tudo, inclusive explicando como funcionam as carvoeiras e sobre a soma de dinheiro ainda disponível.

Napion

A essa carta o amigo Varnhagen respondeu de São Paulo, no dia 22 de julho de 1813. Transcrevo a seguir um trecho dessa resposta:

‘Com respeito à fábrica de Sorocaba, para onde, desde aquela data em que acompanhei Vossa Excelência até lá, nunca mais fui enviado, só posso informar o que me foi relatado pelo feitor-geral G., que esteve lá há poucos dias. Até o momento nada ficou pronto; portanto, é falso o que Hedberg contou a V. Sa. É verdade que se fabricaram alguns pregos, mas a partir de ferro importado; e para levar a água até a roda foi feita uma pequena represa de terra, pois a principal também ainda não está pronta. A chegada do Senhor Bayer só serviu para que ele embolsasse 10 mil cruzados que Hedberg lhe devia, além de outros 10 mil cruzados para o pai do secretário de H. que Mr. Bayer também avalizara. O governador enviou recentemente um relatório sobre a situação da fábrica ao Ministério, ao qual não tive acesso.

Portanto, o plano do sueco de pagar as próprias dívidas à custa do governo português foi bem-sucedido. Aparentemente ele tentará delongar a coisa ainda mais, e seu pedido de férias no Rio parece-me ter como objetivo desligar-se de todo da fabricação de ferro, pois não conseguirá cumprir a promessa de fornecer os 10 mil *zentner*’.

Varnhagen

‘Jamais recebi resposta a esta carta, nem às muitas outras posteriores que escrevi depois de ter sido enviado várias vezes pelo governo à fábrica. Passo agora a vossas mãos uma história resumida dos fundidores suecos que o secretário particular de H., Carl Prinzenschold, me contou e que vos divertirá muito.

O diretor Hedberg promete em seu contrato colocar à disposição 14 fundidores e mineiros, para cujos salários recebe do governo 14 mil-réis (23 Rtlr.⁴⁰) diariamente até o dia de hoje, embora dois deles já tenham falecido.

I – *Carl Gustav Hedberg*, filho de um serralheiro, aprendeu de início o ofício de seu pai, mas demonstrava capacidade e tinha uma boa letra, tornando-se por isso escrevente de fundição e depois de mineração nas minas de ouro de Adelfors. Como empreendedor, arrendou mais tarde a mesma mina, para cujo negócio levantou aproximadamente 60 mil florins em empréstimos por todo o reino.

⁴⁰ *Reichsthaler*.

Passou a viver, então, em grande estilo, e o resultado foi que nem pôde pagar o arrendamento ao rei, nem os juros aos credores, e assim lhe foi seqüestrada toda a fortuna. Com isso, ele voltou à casa do pai, que adquirira uma pequena fábrica de ferro, tomou-a sob seu controle e construiu um alto-forno que rachou logo na primeira fundição. Construiu então um maior, mas também não teve sorte.

Seus credores caíram sobre ele e queriam-no mandar prender, mas sua estrela se erguia agora no Brasil. Mr. Bayer foi o seu benfeitor, recomendando-o à legação portuguesa, e seu fiador, para que os demais credores o liberassem. Hedberg assinou seu vantajoso contrato com o embaixador e empregou, por uma ninharia, os seguintes homens:

1. Hullgren, carpinteiro de profissão, recebe 800 réis por dia de salário.
2. Sandahl foi criado de Hedberg na Suécia e nunca aprendeu um ofício. Em Sorocaba está empregado como serrador e recebe 340 réis.
3. Dahlström foi serralheiro da fábrica de Hedberg e recebe hoje 340 réis por dia.
4. Hult foi aprendiz de ferreiro na fábrica de Hedberg e hoje recebe 340 réis por dia de salário.
5. Lindström é alfaiate e veio para o Brasil para receber os 300 florins que Hedberg lhe devia. Costura para Hedberg e recebe por dia 320 réis.
6. Lind, carvoeiro e sapateiro, pratica em Sorocaba ambos os ofícios, mas principalmente o segundo, recebendo por dia 340 réis.
7. Jolidon foi ajudante na cozinha da rainha da Suécia; hoje é cozinheiro de Hedberg, ganhando 960 réis por dia.
8. Hagelhund (*sic*) foi carpinteiro e depois serviu junto ao dragão da Smalândia, reformado por má audição. Em Sorocaba, trabalhava com Hedberg como marceneiro; foi muito maltratado por aquele. Enforcou-se em 1812.
9. Strömbeck, filho de camponês que não aprendeu nenhum ofício, é empregado no carroto de madeira para construção; ganha por dia 300 réis.
10. Ulsrim, aprendiz de pedreiro que não gosta de trabalhar e foge constantemente do serviço; ganha 180 réis por dia.
11. Noormann, sobrinho de Hedberg, não domina nenhum ofício, é capataz na pedreira e ganha 180 réis por dia.
12. Christian Lindström foi inicialmente soldado de artilharia, depois viajou como marujo para as Índias Orientais e quando voltou empregou-se em

um beneficiamento de açúcar em Estocolmo, onde conheceu o cozinheiro Jolidon, que o recomendou a Hedberg. Ganha 120 réis por dia.

13. Fossberg foi peticionário dos camponeses na Suécia e hoje trabalha como secretário de Hedberg por uma remuneração de 320 réis.

14. Bergmann deveria ser fabricante de foles, mas morreu no primeiro mês de tísica.

Com esse grupo de homens, dos quais só três são aproveitáveis, Hedberg lucrou por dia portanto 9.460 réis (15 Rtlr. 18 Ggr.),⁴¹ soma subtraída fraudulentamente ao governo.

Além desses, pertencem ainda os seguintes à comitiva do diretor sueco:

II – *Carl Dankwardt* foi capitão de navio na Suécia e comandou canhoneiras na guerra. Já conhecia Hedberg havia muito tempo e só veio para obter dele 4 mil florins que ele devia a seu irmão. Nunca conseguiu receber o dinheiro, e assim veio para o Brasil na esperança de arranjar um emprego com a ajuda de Hedberg. Como falasse um pouco de português, sua esperança se concretizou. Tornou-se capitão na milícia de São Paulo e trabalhava como intérprete na fábrica.

III – *Carl von Printzenschold*, um rapaz educado, veio com Hedberg ao Brasil para levantar 10 mil florins que este devia a seu pai e cujos juros lhe serviriam de mesada. Como Hedberg porém não pagasse nem o capital nem os juros, voltou em 1812 à Suécia.

IV – *Barão von Flemming*, finlandês, veio com Hedberg para o Brasil para embolsar aos poucos os 10 mil florins que lhe eram devidos. Na verdade, a dívida era de 13 mil florins, mas, antes de embarcarem, Flemming, para garantir a boa vontade do outro, presenteou-o com uma promissória de 3 mil florins. Este homem já é idoso, gordo, disforme e manca, gosta de tomar um gole e certamente não viverá muito tempo mais.

Esses três homens são vestidos e sustentados por Hedberg.

Aí tendes toda a companhia sueca que fraudou o governo tão escandalosamente. Este se envergonha de admiti-lo, embora esteja informado de tudo. Que eu, sob essas condições, não queira ter nada a ver com o empreendimento, podeis facilmente imaginar, apesar de tentarem imputar-me uma grande parte da

⁴¹ 1 Reichstaler = 24 Gute Groschen.

culpa pelo mau desfecho. Espero que façais todo o possível, no Rio, para refutar essas falsas opiniões.”

V(arnhagen)

Finalmente, depois que os fundos de mais de 200 mil florins levantados por intermédio de acionistas e de subsídios reais tinham sido dilapidados do modo mais insensato, resolveu-se, com a dura lição do prejuízo tomado, despedir toda a companhia junto com o diretor. Uma Carta Régia de 27 de setembro de 1814 enviada ao então governador de São Paulo, o conde de Palma, comunica as instruções necessárias, decreta que uma companhia alemã substitua a sueca e nomeia o major do Corpo dos Engenheiros Varnhagen diretor das novas instalações a serem construídas com a minha colaboração.

Como prova, reproduzo aqui essa Carta Régia no original:

*CARTA RÉGIA DE 27 DE SETEMBRO DE 1814*⁴²

100

Conde de Palma do meu Conselho, Governador e Capitão-General da Capitania de S. Paulo. Amigo, Eu, o Príncipe Regente vos envio muito saudar como aquele que amo. Fazendo-se digno de uma particular e séria atenção o aumento do importante Estabelecimento da Fábrica de Ferro de S. João do Ipanema, na montanha de Varasoiava (sic, Araçoiaba) da Vila de Sorocaba dessa Capitania, que mandei criar pela minha carta Régia de 4 de Dez. de 1810, em benefício dos meus fiéis Vassallos e vantagem da agricultura, Comércio e Indústria destes Meus Estados de Brasil; e não tendo até agora correspondido os progressos desta Fabrica ás providências que fui servido dar p.^a a sua verificação, mandando vir da Suécia com grande dispêndio da Minha Real Fazenda, um Diretor, e uma Comp.^a de Mineiros fundidores, e fixando a maneira de se haver os fundos necessários, por meio de Acionistas, que voluntariamente concorrerão p.^a este Estabelecimento com o fim de participarem das grandes vantagens que dele devem resultar e convencido Eu de que a continuação da sobredita Comp.^a de Mineiros, cujo prazo de contrato com que vieram da Suécia, se acha finalizado, seria nocivo aos interesses da fábrica, não só por serem excessivas as condições por eles propostas p.^a reforma do mesmo contrato mas por se ter reconhecido que muitos destes operários são pouco hábeis na sua profissão e convencido igualmente de que não

⁴² No original em português.

convém de modo algum que o Diretor Carlos Gustavo Hedberg continue a dirigir os trabalhos da fábrica, suposto o seu caráter e o mau método que ele tem seguido na construção dos fornos p.^a a fundição de ferro; sou servido resolver que o sobre-dito Diretor e a companhia dos mineiros sejam despedidos, praticando-se a seu respeito o que se convencionou no contrato, relativamente ao seu regresso p.^a Suécia; podendo todavia com alguns dos ditos operários que sejam mais peritos e que se reconheça ser conveniente, que por ora fiquem reservados na Fábrica para que não parem os seus trabalhos, proceder-se a um novo ajuste, que parece razoável, a fim de continuarem a ser ali empregados. Propondo-me Eu mandar vir de Alemanha alguns Fundidores e refinadores hábeis p.^a substituírem a sobre-dita Comp.^a de Suecos. E porquanto estou informado da necessidade que há de se construírem dois fornos altos em outro local que seja mais adequado a este fim, do que aquele em que existem os fornos atuais, p.^a que a Fábrica possa trabalhar em grande, e produzir anualmente a quantidade de ferro em barra de que é susceptível um tal estabelecimento; hei por bem ordenar-vos que encarregueis da direção desta nova obra o sargento-mor do Real Corpo de Engenheiros Frederico Luís Guilherme Varnhagen, cujos conhecimentos afixam que ele a saberá desempenhar como convém, podendo para o futuro ser ajudado nestes trabalhos pelo Tenente-Coronel Graduado do mesmo Real Corpo, Guilherme Barão de Eschwege, quando este puder ser dispensado das comissões do Meu Real Serviço, de que ora se acha encarregado na Capitania de Minas Gerais. Para se efetuar esta obra indispensável para que a fábrica possa prosperar e cujas despesas, segundo o orçamento que Me foi presente poderão montar a vinte contos de réis, dos quais deve deduzir-se a avaliação do que ali se acha já edificado, e poder servir, convém que procureis com aquela dexterdade e prudência que vos é própria conseguir que aqueles dos acionistas dessa Capitania que ainda até agora não entraram no cofre da fábrica com as segundas meias ações, hajam de preencher o total de sua importância, persuadindo-os da necessidade desta medida, para que com mais brevidade se complete a construção dos fornos, e para que em consequência possam eles gozar dos lucros correspondentes às suas ações. Igualmente procurareis ver se é possível adquirir novos acionistas para a dita Fábrica, e vos autorizo neste caso admiti-los debaixo das mesmas condições dos existentes: devendo vos fazer constar na minha Real Presença o resultado desta diligência, e o estado em que então se achar o cofre da fábrica, para Eu, ou por meio de adiantamentos, que Mando fazer pela Minha Real Fazenda, ou por outros meios que Me parecerem convenientes,

dar as providências, a fim de que não venham a faltar os fundos para suprir as indispensáveis despesas ordinárias da fábrica e as extraordinárias que se fizerem com a construção dos novos fornos. O que tudo Me pareceu participar-vos para vossa devida inteligência, e para que logo hajam de ser despedidos os mineiros suecos, com quanto não se fizer novo ajuste para continuarem a ser empregados na Fábrica, como acima ficou dito, fazendo-os vós transportar para esta Corte a fim de seguirem daqui viagem para a Suécia, e vos autorizo também para proceder a este ajuste e praticar tudo o mais que convier, segundo esta Minha Régia determinação, não duvidando Eu de que neste importante negócio Me dareis novas provas do zelo, inteligência e eficácia com que tanto vos tendes distinguido no Meu Real serviço. Escrita no Palácio do Rio de Janeiro em 27 de setembro de 1814.

Príncipe.

Para o Conde de Palma.

Cumpra-se como S. A. R. ordena, e se registre nas estações competentes.

São Paulo, 9 de dezembro de 1814.

Conde de Palma.

Era natural que eu não pudesse nem me dispusesse a ocupar-me da coisa. Consegui ficar de fora do jogo e continuei a cuidar de minhas atribuições na Província de Minas, enquanto Varnhagen construía e administrava a nova fundição. Dos suecos permaneceram uns poucos, trabalhando nos pequenos fornos feitos pelo diretor sueco. O ferro que dali saía, no entanto, era imprestável. Por esse motivo, o governador passou também a direção desses trabalhos a Varnhagem. Este escreveu-me o seguinte, no dia 7 de janeiro de 1816:

'A fabricação de ferro pelos suecos durou cinco meses, durante os quais não se chegou a produzir uma única peça em bom estado. Eu, entretanto, evitava fazer qualquer comentário. Nisso se desperdiçou uma enormidade de carvão. Em novembro, por exemplo, eles produziram 171 arrobas de ferro em barras com um gasto de carvão de 6.111 arrobas. Em dezembro produziram 116 arrobas de ferro em barras com 5.700 arrobas de carvão. Portanto, para cada arroba de

ferro gastaram-se 41 arrobas de carvão. Cada arroba de carvão saiu a 60 réis; conseqüentemente, a despesa com carvão para uma única arroba de ferro foi de 2.460 réis. Como a arroba de ferro é vendida a 1.600 réis, é facil calcular o prejuízo.

O motivo desse gasto exagerado de carvão reside em que, querendo obter ferro já refinado, os trabalhadores reduziram os fornos de 12 palmos para 7. Assim, as fundições saíam pequenas e o ferro, quebradiço e oxidado, sem ser refundido.

Mandei imediatamente aumentar os fornos e obtive fundições três a quatro vezes mais pesadas e mais cruas que podiam ser refundidas de forma mais fácil no forno de refino e convertidas para a obtenção de um bom ferro. Cada lupa de ferro-gusa pesava de 3 a 4 arrobas⁴³ e para cada arroba de excelente ferro não eram necessárias mais de 16 a 20 arrobas de carvão.'

Em uma carta de 21 de abril do mesmo ano (de 1816) diz Varnhagen:

'Minhas obras caminham a passos largos; os altos-fornos já têm paredes de 25 palmos de altura, feitas de arenito lavrado. Por volta de agosto, todo o prédio da fundição estará pronto e poderei começar a construção das forjas. As grandes rodas hidráulicas do fole são acionadas por baixo.

103 —

Os vizinhos da fábrica já produzem tanto carvão quanto gasta a fábrica sueca, o que é uma grande vantagem para a fundição e os carvoeiros. Minha previsão é de que o carvão se torne cada vez mais barato, à medida que o povo se acostume mais e mais ao trabalho e a concorrência se desenvolva.'

Outra carta de 8 de maio do mesmo ano (de 1816) contém o seguinte:

'Na semana anterior obtivemos a maior quantidade de ferro. Em três pequenos fornos, que trabalharam seis horas por dia desde a meia-noite de segunda-feira até a noite de sábado, produziram-se 60 corridas, que na refundição deram 30 lupas de ferro-gusa, das quais se forjaram 75 arrobas de excelente ferro em

⁴³ Segundo minha experiência, a altura dos pequenos fornos não tem qualquer influência na qualidade do ferro; tudo depende muito mais da ventilação e da proporção correta entre o carvão e o minério. Fiz experimentos de toda sorte com fornos de 12 palmos até 4 palmos. Os resultados foram, nesse particular, os mesmos. De acordo com esses experimentos, continuei com fornos de 7 palmos de altura, que utilizavam um mínimo de carvão, não ultrapassando a arroba de ferro em barra 10 arrobas de carvão, ou seja, bem menos do que Varnhagen utilizava. (Nota de von Eschwege)

barras. É impossível obter mais em uma semana. O consumo de carvão, porém, é alto e alcança não menos de 25-30 arrobas por 1 de ferro.

Este ano espero uma visita vossa e aí podereis participar de uma expedição que parte em agosto para o Rio Paraná para trazer uma colônia de índios, já em parte civilizados e desejosos de serem levados para um local mais populoso, por conta da fábrica. Sugeri que se construísse uma aldeia de índios próximo à fundição, para mais tarde utilizar os índios nos trabalhos da fábrica. Já temos 12 desses indivíduos aqui há mais de um ano, prestando ótimos serviços. Também sugeri que se formasse aqui uma Companhia de Artífices, para trazer ordem militar aos trabalhos, etc.'

Uma carta de 12 de junho de 1816 contém ainda os seguintes comentários sobre a administração dos fornos de campo suecos:

104 'O funcionamento da fábrica sueca era, quando me foi entregue, extremamente deplorável; o ferro era desigual, quebradiço e impossível de ser trabalhado, e no total haviam sido produzidas até minha chegada 600 arrobas. Modifiquei imediatamente o forno de refino, estreitando-o pela metade e conservando apenas a chapa da fôrma; todas as outras deixei fora, porque não se presta ao carvão daqui (um forno valonês ou de Valônia), e introduzi uma rega muito freqüente do fogo. Além disso, antes do meu tempo caldeava-se aqui na forja com areia, e por esse motivo a escória não corria. Acabei também com esse problema ao mandar caldear do modo convencional, com escória. O forno ficou assim cheio de restos de carvão, pois lançava-se o carvão frio direto no fogo, com o que o carvão rachava em lascas. Nesse particular, como em muitos outros detalhes, fiz mudanças que minoraram o consumo de carvão.

Para que possais observar mais precisamente a diferença, apresento aqui o consumo e a produção mensais da fundição do período em que a administrei e daquele em que ela estava, por determinadas razões, sob o comando de um mestre sueco:

Produção de ferro e o respectivo consumo de carvão:

Mês	Ano	Ferro em barras		Consumo de carvão Arrobas
		Arrobas	Libras	
Abril	1815	145	11½	3.660
Maio	"	195	11	5.220
Junho	"	85	16	3.000
* Julho	"	98	2¼	4.860
* Agosto	"	32	4	1.880
* Setembro	"	137	15	4.980
* Outubro	"	143	19	4.459
* Novembro	"	171	7	6.111
* Dezembro	"	116	2	5.700
Janeiro	1816	193		6.055
Fevereiro	"	113	16	5.671
Março	"	113	3	3.294
Abril	"	178		4.202
Maio	"	296		7.960

* Período em que trabalhou o mestre sueco.

Observação – Até o fim de outubro, o carvão foi transportado em carros de bois e pesado sem exatidão; mais tarde passou a ser trazido em cestas no lombo de mulas e então pesado. O ferro que os suecos faziam era desigual, duro e quebradiço; o meu, homogêneo e tenaz.

A diferença do consumo de carvão dos primeiros dois meses de 1816 deve-se a que o carvão estava molhado.

Quando tudo está em boa ordem, cada forno funde 30 cargas por semana. Para cada fusão vão 300 libras de minério de ferro e cerca de 400 de carvão. Cada lingote de fundição pesa bruto 3 arrobas e dá, depois de refundido, 1 ½ arrobas de ferro em barras. Para cada lupa são usadas duas fundições, que dão 3 arrobas de ferro em barras. Normalmente gastam-se em condições ideais 28 arrobas de carvão para 1 arroba de ferro em barras.

Dois fogos de refino, trabalhando apenas durante o dia, produziram em uma semana de 70 a 80 arrobas de ferro em barras. Nossos fornhos estão agora com 13 palmos de altura. Cada arroba de carvão custa, como já mencionei, 60 réis, cada arroba de minério ustulado e britado, 25 réis, e a arroba de ferro em barras é vendida por 1.600 réis, o mesmo preço do melhor ferro sueco que se vende nas cidades portuárias.'

De todos esses dados tabelares verifica-se que V[arnhagen] gastava 29 ½ arrobas de carvão para cada arroba de ferro, enquanto os suecos gastavam 40. Desses, 12 ½ eram consumidos na fusão e 17 no refino e estiramento. Isso significa, comparado com as condições de minha fundição em Prata, Minas Gerais, um imenso desperdício de carvão; pois eu, usando o mesmo método, não gasto mais do que 10 arrobas de carvão para uma arroba de ferro, como também mostrarei através de uma tabela.⁴⁴

Isso a respeito da fábrica sueca e seus resultados. Vamos agora à nova fundição e aos dois altos-fornos, sobre os quais V[arnhagen] me escreve em uma carta de 27 de abril de 1817:

'Envio-vos, por intermédio desta, as medidas dos novos fornos, como estão conformados por dentro e na armação. As medidas são holandesas, correspondendo aproximadamente às renanas.

	Pés	Polegadas
Altura dos fornos desde a base até a boca	25	—
Diâmetro maior acima da grade do alcaraviz ao contravento	—	72
Diâmetro maior acima da grade do <i>tümpel</i> até a parte posterior	—	80
Altura perpendicular da grade	2	—
Altura do laboratório	5	—
Largura do laboratório abaixo da grade do alcaraviz ao contravento —.....	26	
Largura do laboratório abaixo da grade, do <i>tümpel</i> à parte posterior —.....	30	
Largura do laboratório na soleira, do alcaraviz ao contravento	—	16
Comprimento do cadinho da dame à parte posterior	—	47
Largura da cuba, na boca	—	40
Altura do alcaraviz acima da soleira	—	15
Abertura do alcaraviz largura	—	2 ¼
altura	—	1 ¾
A abertura entre o <i>tümpel</i> e a dame	—	6

O fole é de caixa muito bem trabalhado e pressiona o ar de baixo para cima, o que certamente faz mais vento do que seria necessário para um alto-forno grande.

⁴⁴ O maior consumo de carvão da fábrica de Ipanema é devido à qualidade do minério (alto teor de titânio).

Abaixo da armação encontram-se primeiramente os canais d'água inferiores, que correm para a vala da roda, cobertos com uma tampa de madeira de tábuas bem rejuntadas, a qual é recoberta de tijolos e cal. Sobre essa tampa passam outros canais cruzados, ou melhor, apenas pequenos pilares de alvenaria com argamassa e recobertos de placas de ferro e cal. Os canais se juntam aos primeiros do lado de fora da amurada. Sobre essa segunda tampa foram colocados tijolos em pé sem reboco, de forma que entre cada um deles fica um espaço de ½ polegada. Estes são recobertos com tijolos deitados, sobre os quais se passou uma camada alta de 12 polegadas de entulho de carvão e escória misturados, e por cima fica então a soleira de mais de 12 polegadas de espessura e 8 pés quadrados de superfície. Atrás do forno abriu-se um canal fundo, 4 pés abaixo do piso da fábrica, para receber a umidade penetrando da rocha.

Vedes, portanto, que na construção dos fornos e cadinho não se economizaram cuidados e desejo apenas que venhais vê-lo com os próprios olhos....'

Eu já havia pronunciado inúmeras vezes minha opinião sobre a inconveniência de grandes fundições no Brasil e afirmado que o tamanho de uma instalação desse tipo se deveria calcular a partir da possibilidade da venda dos produtos nela fabricados. A esse respeito recebi de V[arnhagen] a seguinte resposta de 18 de maio de 1817:

'Suas avaliações sobre a inconveniência de grandes fundições no Brasil não se aplicam à que eu construí.

Meu plano principal é produzir aqui cerca de 4 mil *zentner* anuais de ferro em barras, que é a mesma quantidade que passa por São Paulo todos os anos, sendo consumida aqui e nas províncias vizinhas.⁴⁵ O resto será utilizado na fabricação de armas, folha-de-flandres, etc., o que rende um lucro de 50 por cento.

Sugeri que essa fábrica seja fornecedora de todas as províncias fronteiriças e que se monte uma companhia de 'soldados artífices',⁴⁶ sem o que sempre se

⁴⁵ Devo duvidar da exatidão desses números com bons motivos, pois a Província de Minas Gerais tem uma população do dobro das de São Paulo, Goiás e Mato Grosso reunidas, consumindo, devido às atividades de mineração, muito mais ferro do que as demais províncias, e ainda assim uma média dos registros alfandegários de importação não ultrapassa, em um período de cinco anos, 2 mil *zentner*. (Nota de von Eschwege)

⁴⁶ Em português no original.

terá de trazer estrangeiros para trabalhar. De outro modo não se podem treinar os nativos, pois eles nunca ficam muito tempo em um emprego.⁴⁷

Produtos de fundição sempre encontrarão aqui um excelente mercado. Especialmente os numerosos engenhos de açúcar, dos quais algumas centenas se encontram em um raio de 10 léguas da fábrica, comprarão em quantidade caldeiras, tachos, cilindros e mesmo máquinas inteiras, que agora são feitas de madeira.⁴⁸

O ferro fundido poderá ser vendido a preços bem baixos e mais barato do que em qualquer outro país; também o ferro em barras, assim que se tenha a devida estrutura econômica.⁴⁹

É fácil fazer uma estimativa. Cada arroba de minério de ferro custa agora, tudo incluído, posto na fábrica, 8 réis; a arroba de calcário como fundente, 25 réis; cada arroba de carvão, 50 réis. Pretendo gastar não mais de 10 arrobas de carvão e 3 de carga para 1 arroba de bom ferro em barras. Cada escravo custa aqui em comida, bebida, vestimenta, medicamentos e consultas médicas, calculados sobre dois anos, não mais de 80 réis por dia. (Todos os trabalhos são feitos por escravos de propriedade da fábrica.)'

108

Não é preciso ser um grande contador para provar que, nos cálculos do gasto total com o processo completo, o amigo V[arnhagen] se engana. Cada arroba de ferro em barras, sem contar as numerosas despesas adicionais que soem ocorrer em uma fundição, fica em 1.400 réis, ou seja, tão caro quanto costuma ser vendido o ferro de origem sueca nos portos do litoral. Contudo, sempre concordei com esse empreendimento, não obstante do provável prejuízo que os acionistas sempre terão, pois o Estado precisa das fundições para, em caso de emergência, obter armas e munição dali, sem depender de outras nações.

Uma carta de V[arnhagen], de 7 de novembro de 1818, comunicou o seguinte:

⁴⁷ Na fundição construída por da Câmara em Minas, o fundidor Schönewolf chegou a ter 66 aprendizes que, no entanto, assim que estavam preparados, saíam de lá. (Nota de von Eschwege.)

⁴⁸ Em um ano podem todas as usinas de açúcar ser equipadas com os objetos nomeados, pela grande fundição; esses ficarão em uso durante dez ou vinte anos. E, então, o que se fará com o ferro bruto nesse período? (Nota de von Eschwege.)

⁴⁹ Gostaria de comentar que uma estrutura econômica conveniente, no Brasil, deixada à iniciativa da monarquia, é uma mera impossibilidade. (Nota de von Eschwege.)

'Informo-vos, às pressas, que no dia 3 de outubro comecei a aquecer um dos fornos; no dia 10 pus fogo no cadinho; no dia 14, enchi o forno com lenha de peroba; no dia 27, coloquei minério e em 30 pus os foles em funcionamento. No dia 1º de novembro ele foi aberto pela primeira vez. Lidei com tudo do modo como havíamos feito em Portugal e os resultados são também os mesmos.

Meu fundidor francês não entende nada; por isso fi-lo feitor da alimentação dos fornos e trabalho com dois ferreiros suecos, com o mestre-carpinteiro e alguns negros. Tudo vai bem, e a pedra de revestimento (arenito mais recente) é a melhor que já vi. Agora estou fundindo cintas para o eixo do malho, malhos, bigornas, etc. Meus inimigos e todo o partido contrário tiveram de se calar, pois ninguém esperava que se pudesse fundir ferro aqui, pois ar, pedras, materiais, trabalhadores fracos, etc., nada estaria a favor, como espalhou o diretor sueco, apostando até a sua própria cabeça.'

De 10 de dezembro veio a seguinte carta:

'O forno tem trabalhado continuamente, e no total já se obtiveram até agora 72 corridas. Em novembro foram consumidas 5.725 arrobas de madeira e 1.070 arrobas de carvão e cerca de 2.000 arrobas de ferro produzidas.

Depois de onze dias de fundição foi preciso quebrar um bloco de ferro não fundido no fundo do cadinho, pois por engano fora lançado um outro minério. A fundição continuou sem problemas e se poderia ainda fundir um ano inteiro nesse cadinho, se devido à falta de lenha e ao mau tempo não fosse necessário apagar o fogo, o que acontecerá no dia 21 de dezembro. Hoje fundi uma coroa de ferro de $\frac{1}{2}$ zentner, e também várias balas. Vai tudo tão bem que eu mesmo não o teria esperado. Agora o povo reclama que o ferro não serve para nada. Só depois que a gritaria passar começarei a refundir.

O minério de ferro magnético só compõe um terço da minha carga. O resto é diabásio, calcário e escória, de modo que a carga contém aproximadamente 30 por cento de minério de ferro. Acredito realmente que aqui jamais se poderá fundir apenas com carvão. Fiz experiências e fui aos poucos tirando a lenha e aumentando a quantidade de carvão; mas, quando estavam em proporções iguais, a fundição ficou tão ruim que em 24 horas só passaram de 12 a 14 cargas, enquanto que com três partes de lenha e uma de carvão obtém-se de 24 a 25 cargas....'

A meu pedido recebi em fevereiro de 1819 todo o diário completo das operações de fundição dos altos-fornos. Como o novo método de fundição com lenha não carbonizada deve interessar aos fundidores, transcrevo aqui uma tradução de todo o diário.

Diário do alto-forno da real fundição de São João de Ipanema, relativo à primeira campanha de fundição de 1818.

À 3 de outubro mandei pôr fogo para o forno esquerdo com lenha misturada a carvão miúdo, e assim levar de início apenas ar quente ao forno. Esse procedimento foi mantido até 10 de outubro, quando então a fogueira já crescera tanto que se pôde lançar também carvão miúdo no cadinho e aquecer a soleira. Durante a carga o forno permaneceu hermeticamente fechado.

A 14 de outubro o cadinho foi varrido, enchido com carvão grosso e o *dame* colocado. De cima jogaram-se 3 cestas de carvão no forno, e a abertura entre o timpanoe a *dame* foi tapada com uma chapa de ferro provida de um orifício. À tarde foram lançadas mais 6 cestas de carvão, em baixo colocou-se carvão fresco no antecadinho e isso tudo ficou tampado durante a noite.

No dia 15 de manhã, mandei lançar mais 10 cestas de carvão no forno e uma cesta no ante-cadinho; à tarde mais 11 cestas e mais uma no antecadinho. Descobri que a pedra do alcaraviz estava rachada.

No dia 16 de manhã foram acrescentadas mais 10 cestas de carvão, enchendo-se também o antecadinho. À tarde, o carvão do forno já queimara todo e foram depositadas mais 27 cestas de carvão, enchendo-se igualmente o antecadinho. O forno ficou bem fechado a noite toda.

No dia 17, pela manhã, foram acrescentadas 3 cestas de carvão e 6 cestas de peroba seca, rachada há dois anos para esse fim. Agora o forno estava cheio; portanto, entraram ao todo 70 cestas de carvão e 6 cestas de lenha, e pode-se supor que a armação e a cuba podem conter cerca de 60 cestas de carvão. Cada cesta de carvão pesava 2 ½ arrobas e cada cesta de lenha, 5 arrobas.

O antecadinho foi aberto algumas vezes durante o dia para ser replegado de carvão e depois fechado de novo. De cima foram despejadas 8 cestas de lenha e o forno permaneceu coberto durante toda a noite.

No dia 18 de outubro foram lançadas pela manhã 18 cestas de lenha; ao meio dia, 10 e no fim da tarde mais 6. Devido à espessa fumaça gerada pela

lenha, o forno foi um pouco ventilado pela boca; em baixo permaneceu fechado e só pela manhã, ao meio-dia e à noite, varria-se um pouco das cinzas do cadinho e colocava-se carvão no antecadinho.

A 19 de outubro encontrou-se, durante a retirada das cinzas do antecadinho um aglomerado de barro de tipos diversos, cozidos em bloco, e o lado de dentro do tímpano estava rachado em 1½ polegada de distância dos dois lados. A parte de fora desse bloco estava vitrificada, a de dentro, no entanto, friável. O forno foi enchido com 9 cestas de lenha e ao meio dia com mais 8 cestas. Na parte de baixo o carvão foi puxado para a frente do *dame*. Como o forno estava aquecendo demais, foi novamente fechado com mais cuidado, o que teve o efeito pretendido. À noite foram despejadas mais três cestas de lenha e tudo permaneceu fechado durante a noite.

No dia 20, pela manhã, foram colocadas mais 3 cestas de lenha e limpou-se o antecadinho. À tarde despejaram-se mais 2 cestas de lenha e se puxou o carvão para o antecadinho.

No dia 21 acrescentaram-se 4 ½ cestas de lenha e seguiu-se o procedimento usual.

No dia 22, foram colocadas por duas vezes 5 ½ cestas de lenha, duas vezes foi limpo o antecadinho e puxado o carvão.

No dia 23 seguiu-se o mesmo procedimento, com o acréscimo de 6 cestas de lenha.

No dia 24, o mesmo, carregadas 6 cestas de lenha.

No dia 25, o mesmo, com 5 cestas de acréscimo.

No dia 26 o antecadinho foi aberto, colocada uma chapa de ferro sob o tímpano e todo o cadinho varrido das cinzas, ocasião em que foram retirados mais dois blocos de barro cozido que se haviam depositado nas quinas do tímpano. Junto com o bloco que se depositara sobre o molde saiu também um pedaço da pedra do cadinho de 1 polegada de espessura por 6 polegadas de comprimento. O antecadinho foi novamente enchido com carvão grosso e por cima lançadas mais 4 ½ cestas de carvão. À noite foi descarregado carvão dentro do cadinho e acrescentadas mais 4 cestas de lenha.

No dia 27 abriu-se a parte de baixo, a sobra do carvão foi retirada e mais 3 cestas de lenha carregadas no forno, com mais uma cesta de carvão por cima. Sobre tudo isso joguei uma pá de magnetita, uma pá de cal, uma de diabásio; uma de escória do malho, duas pás de sal e uma de escória do forno pequeno e

depois o forno foi novamente abafado como antes. Cada pá continha cerca de 4 libras de material.

Às seis da tarde procedeu-se aos mesmos trabalhos; 2 cestas de lenha e 1 de carvão acrescidas, e a mesma série de camadas sobrepostas na mesma quantidade, com a diferença que as pás estavam um pouco mais cheias.

No dia 28, às seis da manhã, o forno foi aberto em baixo, a placa de ferro novamente retirada por baixo, todo o cadinho limpo de cinzas e o carvão empilhado na *dame*. Por cima foram colocadas 2 cestas de lenha e 1 de carvão e por cima mais 2 pás de minério de ferro, 2 de cal, 1 de diabásio, 3 escória do malho e 2 pás de escória acrescidas, o que dava, ao todo, 1 ½ arroba. Às seis da tarde foram acrescentadas mais duas cestas de lenha e carvão puxado para a *dame*.

No dia 29, às seis da manhã, foram jogadas mais 1 cesta de carvão e 1 de lenha e, sobre estas, 2 pás de minério de ferro, 2 de calcáreo, 1 de diabásio, 3 de escória do malho com sal e duas de escória, o que perfazia talvez duas arrobas.

Às seis da tarde foi puxado carvão para o antecadinho e 3 cestas de lenha, mais uma de carvão. Acrescentou-se a mesma quantidade de camadas sobrepostas.

No dia 30, às seis da manhã, abriu-se o forno embaixo, introduzindo-se a chapa de ferro. Toda a cinza e a poeira foram tiradas para fora da armação. Por cima foram lançadas 3 cestas de lenha e 1 cesta de carvão, 3 pás de minério de ferro, 3 de calcáreo, 4 de escória do malho com sal, 2 de diabásio e 2 de escória, completando um total de 3 arrobas. Agora a boca do forno permanecia frequentemente aberta, mas embaixo apenas o orifício na placa de ferro, no qual agora um tubo de ferro que chegava até a base do cadinho foi introduzido, para levar ar ao carvão da pedra de base. Às dez horas, foram colocadas 3 caixas com o mesmo material fundente, além de ¼ de libra de cobre velho, para evitar o refino no alcaraviz; e o mesmo procedimento foi mantido, como se poderá ver melhor pelas tabelas das cargas. Às seis da tarde, o cadinho foi limpo pela última vez e até o antecadinho passou a ficar aberto. Às sete horas foi desmontado o alcaraviz, que até então permanecera fechado com barro e pó de carvão, e depois de meia hora ligados os foles, a 4 ½ golpes por minuto. O forno recebera até então 12 cargas e agora foi acrescida a seguinte combinação:

- 50 partes de magnetita;
- 40 partes de diabásio;
- 40 partes de calcáreo;
- 20 partes de escória do forno pequeno.

Após 18 cargas, o material chegou à altura do alcaraviz e fundiu-se a gosto. O refratário resistiu bem, o alcaraviz manteve-se sempre limpo. Esse fogo limpo e vivo tem provavelmente origem na utilização da boa lenha de peroba. O alcaraviz de cobre tem no bico 3 polegadas de largura e 2 de altura.

Tabela de cargas da primeira semana

27 de outubro [1818]	Terça-feira	1 arr. I 1½ arr. I	2 cargas
	Quarta-feira	1½ arr. I	1
	Quinta-feira	2 arr. II	2
	Sexta-feira	2½ II 3 III 3½ III 3¾ IIII	12
	Sábado	4 IIII 4 ½ IIIIIIIII 5 med. IIIIIIIII	24
		Soma	41 cargas

Nessas 41 cargas contam-se, portanto: 123 cestas de lenha, 41 cestas de carvão e 156 ½ medidas de minério e fundente (a medida corresponde exatamente a 1 pé cúbico e pesa 44 libras). Em peso, foram consumidas 615 arrobas de lenha, 102 ½ arrobas de carvão e 216 arrobas de minério e fundente.

113 —

O início da fundição foi pouco trabalhoso; só foi preciso retirar a escória depois que o fole tinha funcionado por dezesseis horas. Esses eram porém quase liquefeitos e não exigiram muito esforço. A operação se repetiu de hora em hora; entretanto o ferro permanecia líquido no cadinho. Os foles davam cada um 4 ½ golpes por minuto.*

Os 3 foles juntos possuem 120 pés cúbicos de capacidade e o vento corre por um único tubo para o alcaraviz. O tubo tem na ponta as mesmas dimensões do alcaraviz, deixando para trás em geral de 6 a 8 polegadas, situação que, sendo a mangueira de couro, pode ser modificada a gosto.

Deve-se esclarecer ainda que nas tabelas de cargas cada traço corresponde a uma carga e os números ali sobrepostos referem-se ao peso de cada porção acrescida. Os intervalos indicam variações no peso das cargas.

* O mesmo diário reproduzido em *Pluto brasiliensis* diz: "11 golpes por minuto" (N.T).

Tabela de cargas da segunda semana

1º de novembro	Domingo	+ 6 medidas IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	22 cargas
	Segunda-feira	6 + 5 ½ 5 5 ½ + IIII IIIII IIIII IIIII	24
	Terça-feira	5 ½ + 0 6 + 5 + IIIIII III IIIIIIIII	22
	Quarta-feira	5 + + + 6 + III IIIIIIIIIII	19
	Quinta-feira	+ 0 + 6 IIIIIIIIIIII	15
	Sexta-feira	+ + 6 + 7 + IIIIIIII IIIII	19
	Sábado	* + 7 + 8 IIIIIIII IIIII	17
		Soma	138 cargas

Nessas 138 cargas consumiram-se 1.600 arrobas de lenha, 580 arrobas de carvão e 1.087 arrobas e 20 libras de minério e fundente. Os traços com o sinal de mais (+) referem-se sempre a uma corrida. Na terça-feira, nas cargas marcadas com o sinal 0, foram acrescentadas 2 cestas de lenha e 2 de carvão; como se verificou com essa mudança uma piora do resultado, retornou-se na quinta à seqüência habitual, ou seja, 3 cestas de lenha (de 5 arrobas cada) e 1 de carvão (a 2 ½ arrobas). Para se observar melhor o efeito causado pela mudança da proporção da lenha em relação ao carvão, no sábado, sob o sinal * foram postas novamente 2 cestas de lenha e 2 de carvão. O ferro saiu branco e cristalizado na quebra; a escória sempre fluida, vitrificada, transparente e pardacenta, transbordando da *dame*. Formou-se grafite tanto sobre o ferro como sobre a escória.

Como não tinha nenhum entre os trabalhadores que já trabalharam no alto-forno, as operações foram todas muito imperfeitas. Disso resultou o inconveniente de se ter depositado no fundo da cadinho uma grossa camada de escória composta em sua maioria de calcáreo britado grosso, que crescia cada vez mais e deixava pouco espaço para a colada, tornando necessário revolvê-la constantemente.

Na quinta-feira foi modificada a composição da carga:

- 16 partes de minério de ferro;
- 10 partes de calcárea;
- 8 partes de diabásio;
- 4 partes de escória do forno pequeno.

Essa mistura deu uma boa escória; mas o ferro continuava saindo branco,

embora houvesse grafite sobre a escória e o ferro. Porém, dada a inexperiência dos trabalhadores, já era satisfatório que apenas a escória transbordasse do forno, e evitou-se sobrecarregá-los com mais modificações. Cada fole dava agora cinco golpes por minuto. Algumas vezes aparecia ferro refinado em volta do alcaraviz, que, no entanto, era logo retirado com um cinzel e um pouco de enxofre.

Tabela de cargas da terceira semana

8 de novembro	Domingo	+ + + 8 IIIIIIIIIIIIIIIIII	17 cargas
	Segunda-feira	+ + 8 +9 IIIIIIIIIIII II	15
	Terça-feira	+ 9 0+7 6 IIIIIIIIIIII III III	18
	Quarta-feira	+ 6 IIIIIIII	7
		Soma	57 cargas

O funcionamento do forno era tão irregular como o tempo estivera até então. No domingo e na segunda-feira a escória estava dura e coberta de grafite, dificultando muito o trabalho, por isso usou-se uma carga mais forte, mas antes que esta chegasse à frente do alcaraviz o ferro escorreu do forno em fluido grosso e partiu-se ao esfriar. Por esse motivo, a carga foi novamente diminuída no ponto onde figura o sinal *, mas era tarde demais, pois antes que ela chegasse à armação o cadinho já se enchera de ferro refinado até a altura do alcaraviz. Provavelmente o motivo era um minério recentemente ustulado e uma combinação muito rica da carga.

O forno teve então de ser totalmente esvaziado; a massa que se agarrara no fundo era composta de uma mistura de ferro, escória e calcáreo cru.⁵⁰ Consumiram-se nessa semana de fundição incompleta 520 arrobas de lenha, 130 arrobas de carvão e 582 arrobas de carga complementar. No sábado o forno foi enchido de novo, já que o suporte estava em ordem, e procedeu-se como no início.

⁵⁰ A minha opinião é de que não era ali nem ferro recém-ustulado nem a carga grande responsável, e sim que houve uma fundição incompleta, porque o forno ainda não atingira a temperatura adequada e a carga foi muito forte. (Nota de von Eschwege.)

Tabela de cargas da quarta semana

15 de novembro	Domingo	--	--
	Segunda-feira	--	--
	Terça-feira	1 med. 1½ II II	4 cargas
	Quarta-feira	2 2½ II I	3
	Quinta-feira	2 2¼ 3 II II I	5
	Sexta-feira	3 3½ 4 IIII IIIII IIIII	16
	Sábado	4 4½ IIIIIIII IIIIIIIIIII	25
		Soma	53 cargas

Para o carregamento e aquecimento do forno foram novamente utilizadas 100 cestas ou 500 arrobas de lenha. Na terça-feira, foi iniciado o carregamento, da mesma forma que da penúltima vez. O combustível compunha-se, como sempre, de 3 cestas de lenha e 1 cesta de carvão a cada carga. As 53 cargas somaram assim 795 arrobas de lenha, 132 ½ arrobas de carvão e 259 arrobas de minério e fundente. Na sexta, depois de já feitas 16 cargas, foram ligados os foles, cada um golpeando quatro vezes e meia por minuto. A fusão foi muito bem e a escória, enchido o antecadinho, fluía espontaneamente para fora do forno.

116

Tabela de carga da quinta semana

22 de novembro	Domingo	4½ + 5 IIIIII IIIIIIIIIII	22 cargas
	Segunda-feira	+ 5 5½ + IIIIIIIIII IIIIIIIIIII	24
	Terça-feira	5½ + + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	24
	Quarta-feira	+ 5½ + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	24
	Quinta-feira	5½ + 5¾ + IIIIIIIIIIII IIIIIII	25
	Sexta-feira	+ 6 IIIIIIIIIIIIIIIIII IIIII	25
	Sábado	+ + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	23
		Soma	167 cargas

Para esse número de cargas foram usadas 2.505 arrobas de lenha, 417 arrobas de carvão e 1.127 ½ arrobas de minério e fundente. A composição era a seguinte:

- 12 partes de minério de ferro antigo;
- 10 partes de calcáreo;
- 8 partes de diabásio;
- 3 partes de escória do forno pequeno.

A escória conservou-se constantemente líquida, e o ferro, coberto de grafite, era quase branco e com manchas escuras. Até perto do fim da semana, o cadinho se manteve bastante limpo; mas a partir daí começou a formar-se uma massa dura no fundo, o que provavelmente se deveu ao resfriamento do forno durante as corridas. O calcáreo britado grosso não se fundia, tornando dura essa massa.

Tabela de cargas da sexta semana

29 de novembro	Domingo	+ + 6 + 	24 cargas
	Segunda-feira	+ + 6 + 	24
	Terça-feira	+ + 6 	24
	Quarta-feira	+ + 6 + + 	25
	Quinta-feira	+ + 6 + 	23
	Sexta-feira	+ + 6 + 	24
	Sábado	+ 6 + + 	20
		Soma	164 cargas

No sábado foram consumidas 2 cestas de lenha e 2 cestas de carvão; queimaram-se, portanto, ao todo, 2.410 arrobas de lenha, 434 arrobas de carvão e 1.353 arrobas de minério e fundente. O ferro saiu branco com manchas escuras. Os foles davam cinco golpes por minuto: só que, mais tarde, acrescentadas mais meia cesta de lenha e meia de carvão, tiveram de dar 6 ½ golpes por minuto; a escória se tornou mais dura e menor e depositou-se no alcaraviz. A massa toda estava menos fluida no forno, as cargas demoravam cada vez mais a descer e maior quantidade de escória foi-se depositando devido à alteração dos combustíveis.

Tabela de cargas da sétima semana

6 de dezembro	Domingo	+ 6 + 7 IIIIIIII IIIIIIII	19
	Segunda-feira	+ 7 + IIIIIIIIIIIIIIIIII	18
	Terça-feira	7 + 6 + IIII IIIIIIII	15
	Quarta-feira	+ 6 + IIIIIIIIIIIIIIII	15
	Quinta-feira	+ 6 + IIIIIIIIIIIIIIII	16
	Sexta-feira	+ 6 + 7 III IIIIIIIIII	15
	Sábado	+ + 7 + IIIIIIIIIIIIIIII	16
		Soma	114 cargas

Esse número de cargas exigiu 1.130 arrobas de lenha, 565 arrobas de carvão e 1.014 arrobas de minério e fundente. Nessa semana as cargas para a fundição compunham-se de:

- 12 partes de minério de ferro;
- 7 partes de calcáreo;
- 7 partes de diabásio;
- 6 partes de escória do alto forno;
- 2 partes de escória do pequeno forno.

A escória saía líquida do forno, o ferro era semibranco com manchas escuras. A diminuição das cargas poder-se-ia explicar pela diminuição da lenha e do carvão. A ventilação foi reforçada; os foles davam entre seis e meio e sete golpes por minuto. No meio da semana, as cargas foram reduzidas para se obter um ferro mais próprio para a fundição de certos produtos, como, por exemplo, uma coroa de ferro, painéis de ferro, etc. Como o alcaraviz de cobre se estragara e derreteria um pouco no bico, foi retirado e substituído por um de ferro forjado, com $2 \frac{3}{4}$ polegadas de largura por $1 \frac{3}{4}$ de altura, e alguns graus de inclinação.

Tabela de cargas da oitava semana

20 de dezembro	Domingo	+ 8 + + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	15
	Segunda-feira	+ + 8 + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	15
	Terça-feira	+ + 8 IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	16
	Quarta-feira	+ + 8 + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	16
	Quinta-feira	+ + 8 + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	17
	Sexta-feira	+ + 8 + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	16
	Sábado	+ + 8 + IIIIIIIIIIIIIIIIIIII	14
		Soma	109 cargas

O combustível compunha-se agora de volumes iguais de lenha e carvão; em peso, porém, consumiram-se 1.000 arrobas de lenha, 545 arrobas de carvão e 1.199 arrobas de minério e fundente. Sua composição era:

- 12 partes de minério de ferro;
- 6 partes de calcáreo;
- 6 partes de diabásio;
- 6 partes de escória do alto-forno;
- 2 partes de escória do forno pequeno.

Observara-se até então que, estranhamente, ocorria uma diferença grande no funcionamento do forno durante o dia e durante a noite. De dia, era preciso sempre aumentar a ventilação e, à noite, reduzi-la; também durante as tempestades as cargas levavam mais tempo para assentar e a ventilação tinha de ser reforçada.⁵¹ A escória fluía bem, o ferro era cinzento e servia para a fabricação de peças pequenas.

⁵¹ A mesma observação fiz na fundição em forno pequeno com trompas hidráulicas. Estas produzem uma corrente mais forte à noite do que durante o dia. Como, no entanto, os engenhos funcionavam mais depressa à noite do que de dia, o motivo pode estar menos na atmosfera do que na circunstância de haver à noite menos evaporação e assim a queda da água sofrer uma redução menor. (Nota de von Eschwege.)

No entanto, qualquer especialista perceberá que dessa curta e incompleta campanha de fundição não se pode obter nenhum resultado definitivo.

Real Fábrica de São João de Ipanema, 1º de fevereiro de 1819.

F. L. G. Varnhagen."

Como mais tarde se fez outra campanha de fundição mais longa e cujos resultados relatarei adiante, deixo de fazer aqui meus comentários e acrescento outras informações a mim enviadas por V[arnhagen].

Em uma carta de 6 de março de 1819, diz ele:

"A experiência que fiz na fundição na semana do Natal convenceu-me de que, após um funcionamento de oito dias do forno, podem-se obter diariamente 20 *zentner* de ferro. Na próxima campanha fundirei com lenha pura e espero então obter 30 *zentner* diariamente (4 arrobas = 1 *zentner*),⁵³ etc.

Atualmente são forjadas toda semana cento e poucas arrobas de ferro em barras a partir do ferro-gusa. Sua qualidade é a melhor possível. O método de refino é aquele de Portugal.⁵⁴

Cada lupa dá 3 arrobas e algumas libras de ferro em brasa, e gastam-se ao todo cinco horas. Até agora vão de 10 a 12 partes de carvão para cada barra de ferro no processo de refino; os homens ainda estão aprendendo, e vão melhorando. Em fevereiro foram fundidas 400 arrobas de ferro em barras e agora ficam apenas 8 fogos acesos noite e dia, embora 8 fogos de refino e 8 malhos estejam prontos para entrar em funcionamento. Faltam, no entanto, homens e partidas de carvão.

Contando-se o valor do ferro-gusa em estoque, a fábrica teria tido um lucro de cerca de 2.500 cruzados, a 25 réis a libra. As panelas são vendidas ao preço de 60 réis a libra e as tampas de fogão, a 40 réis.⁵⁵

No mês de maio do mesmo ano começou a segunda campanha, que durou até dezembro. A tabela anexa fornece os resultados de cada semana.

⁵³ 1 *zentner* = 100 libras (peso) corresponde a cerca de 45 Kg.

⁵⁴ Ver minha obra *Nachrichten aus Portugal und dessen Kolonien* [1820].(Nota de von Eschwege.) Essa obra é inédita em português.

⁵⁵ Infelizmente, a experiência mostrou que não havia procura e, por conseguinte, todo lucro permanece apenas virtual. (Nota de von Eschwege.)

Tabela de Fundição do 2º alto-forno da Real Fábrica de Ferro de São João de Ipanema na Capitania de São Paulo. O forno funcionou pela primeira vez. Essa campanha foi iniciada em 16 de maio de 1819 e terminada em 1º de fevereiro de 1820 pelo tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros e diretor-geral F. L. G. Varnhagen.

Semanas	Cargas na Semana	Número das Corridas	Cestos de Lenha	Cestos de Carvão	Mínio e Fundentes <i>Arr.</i>	Gusa Produzido <i>Arr.</i>	Cor do Ferro Gusa	PROPORÇÃO DA CARGA COM MEDIDAS						Qualidade da Escória
								<i>Minério</i>	<i>Diorito</i>	<i>Cal</i>	<i>Escórias do Alto-Forno</i>	<i>Escórias de Refino</i>	<i>Areia</i>	
1	149	7	447	149	946	267	cinzento claro	12	10	8	4	2	—	vitrificada
2	161	9	483	161	1256	426%	meio preto	12	8	8	4	2	2	dº
3	152	12	456	152	1201	460%	branco	12	8	6	6	2	2	bast. fluída
4	161	14	483	161	1328%	511%	cinzento claro	12	8	6	6	2	2	vitrif. e muit. fluída
5	158	13	474	158	1278	480	meio branco	12	6	6	6	4	2	fluída
6	161	14	483	161	1329	514%	dº	12	6	4	8	4	2	curta e vit.
7	164	14	492	164	1353	478	dº	12	6	5	7	4	2	fluída e vit.
8	160	17	480	160	1377	420%	dº	12	6	6	6	4	2	curta e vit.
9	167	13	501	167	1529	421%	branco	12	6	6	6	4	2	fluída e vit.
10	171	11	513	171	1528%	446	dº	12	8	6	6	2	2	curta e vit.
11	161	12	483	161	1488%	447	cinzento claro	12	6	6	6	2	2	fluída e vit.
12	155	15	465	155	1351%	378	escuro	12	7	7	3	2	2	escura e vit.
13	158	18	474	158	1258	441	cinzento claro	12	7	7	3	2	1	dura e vit.
14	165	13	495	165	1341%	481%	dº	12	7	7	3	3	1	dº
15	141	11	423	141	1163%	400	branco	12	7	7	—	—	1	fluída e vit.
16	157	13	411	157	1311%	542	dº	12	7	7	—	—	3	dº
17	159	16	477	159	1295%	491%	cinzento claro	12	7	7	—	—	4	dº
18	166	17	498	166	1369%	564%	dº	12	7	7	—	—	4	dº
19	151	15	453	151	1056	430%	dº	12	7	7	—	—	4	dº
20	174	14	522	174	1196%	518	dº	12	7	7	—	—	4	dº
21	180	14	540	180	1235%	573	branco	12	7	7	—	—	4	dº
22	179	14	537	179	1230%	482	cinzento claro	12	7	7	—	—	4	dº
23	179	14	537	179	1230%	490	dº	12	7	7	—	—	4	dº
24	183	14	549	183	1258	515	dº	12	7	7	—	—	4	dº
25	169	14	507	169	1162	472	dº	12	7	7	—	—	4	dº
26	170	14	510	170	1168%	407	dº	12	7	7	—	—	4	dº
27	149	14	447	149	895%	314	preto	12	7	7	—	—	4	curta e vit.
28	158	12	474	158	869	350%	meio preto	12	7	7	—	—	4	fluída e vit.
29	46	5	138	46	284%	129	cinzento claro	12	7	7	—	—	4	dº
Total.	13812	4504	35280%	12853%								

Nota – Para o enchimento do laboratório foram consumidas 12 cestas de carvão e, na cuba, 54 cestas de lenha lascada. No reenchimento do forno, aqueceu-se a abóbada com carvão miúdo durante 14 dias.

Foram, portanto, consumidas durante a campanha 13.984 cestas de lenha e 4.520 de carvão; utilizadas 35.280% arrobas de minério de hematita e de magnetita, britado e ustulado. Além disso, foram retiradas da gusa 12.853% arrobas de ferro-gusa. Um terço do ferro-gusa foi usado para fabricação de peças fundidas. Para toda a campanha foram utilizadas 19.104 arrobas de ferro, sobrando ainda muito ferro na escória, já que ela não foi triturada. Para toda a campanha foram utilizadas 19.104 arrobas de minério de hematita e de magnetita, britado e ustulado.

Real Fábrica de São João de Ipanema, 2 de fevereiro de 1820.

1 cesta de carvão = 2 ½ arrobas = 80 libras

1 cesta de lenha = 5 arrobas = 160 libras

1 medida de carga de forno = 5 arrobas = 44 libras = 1 pé cúbico

Observação – Não recebi de meu amigo nenhum esclarecimento adicional sobre o motivo de não se ter mantido fiel a seu propósito inicial e fundido apenas com lenha. Pela tabela não há indício de que tenha ao menos feito uma experiência nesse sentido. Infelizmente não possuo no momento nenhuma tabela de fundição de fábricas alemãs para estabelecer uma comparação. Qualquer metalurgia poderá fazê-lo por conta própria no entanto, se assim o desejar.

O combustível compunha-se de 69.920 arrobas de lenha e 11.300 arrobas de carvão, em suma, portanto, 81.220 arrobas foram consumidas. As cargas de minério e fundente chegaram a 35.280 arrobas. A proporção entre este e o combustível foi, portanto, de 1:2,3. Se essa quantidade de lenha fosse previamente transformada em carvão vegetal, segundo os métodos habituais, em que 250 pés cúbicos de lenha fornecem 150 pés cúbicos de carvão, poder-se-ia contar com 40 pés cúbicos de perda para cada 100, correspondendo a 69.920 arrobas de lenha e 41.952 arrobas de carvão. A proporção entre o minério e fundente e o carvão seria, portanto, de 1:1,5.

Como essa produção ainda não pode ser considerada uma verdadeira fundição de alto-forno, estou convencido de que as tentativas que se seguirem terão resultados sempre melhores e que, economizando-se o carvão, poder-se-á obter também uma grande economia nas forjas alemãs, especialmente onde for possível usar a lenha da faia ou focos de pinheiro – *Tannenstucken*, como se costuma chamá-la no Harz.

Foram obtidas 13.123 arrobas de ferro-gusa, sem contar o que ficou na escória. O rendimento, portanto, foi de 37 por cento das cargas, para os quais foram tomadas 19.104 arrobas de minério de ferro magtítico, puro e ustulado, com 80 por cento de ferro, o que resultou em 68,6 por cento. A perda é, por conseguinte, bem menor do que se poderia esperar com trabalhadores inexperientes.

A semana em que se obteve maior produção foi a vigésima primeira. O minério e fundente mantiveram nessa semana a proporção de 1: 2,2 com relação ao combustível, e o ferro produzido a partir dessa carga montou a 46,3 por cento; sua cor era branca.

Seria oportuno inserir aqui alguma informação sobre os métodos de fundição introduzidos na Província de Minas, com os pequenos fornos suecos, junto com os resultados do rendimento, especialmente na fábrica que construí nos arredores de Congonhas do Campo.

De oito altos-fornos de 5 pés de altura, quatro estavam constantemente em funcionamento. Eles ficam no interior de um prédio e recebem ventilação através de rodas hidráulicas, e em um galpão contíguo mais abaixo, onde se reutilizam os mesmos fogos, fica o malho com dois fogos de refino, já que aqui não se refunde o ferro.

Os fornos tinham, como já disse, 5 pés de altura, e o cadinho media, até o alcaraviz, 2 pés quadrados; o alcaraviz, a 1 ½ pé acima do chão, ficava na horizontal, ou possuía inclinação muito leve, e tinha uma boca de 1 ½ polegada quadrada. O alcaraviz era feito primeiramente de chapa de ferro, mais tarde, porém, de argila. Coloquei 2 alcaravizes um ao lado do outro, com uma distância de aproximadamente 3 polegadas. A abertura do alcaraviz se estreitava na boca até 10 polegadas quadradas.

Os fornos eram enchidos de carvão sem limpeza prévia e depois recebiam, por turno, hematita na proporção de 80 por cento,⁵⁶ sempre 8 libras por vez, quando a carga diminuía 1 pé. Em quatro ou cinco horas acabava uma fundição e de 16 a 18 cargas eram processadas.

Depois que as cargas desciam até bem no fundo, abria-se a parte da frente, que era forrada de tijolos, e mais tarde com um suporte de madeira que podia ser removido mais rapidamente. Retirava-se a colada, que era levada primeiramente sob um pilão no engenho vizinho para compactá-la um pouco e para retirar a escória agarrada; na forma de lingote comprido ela era lançada, então, através de uma calha, na casa do malho, que ficava abaixo, onde era então caldeada e esticada.

Em dezembro de 1812 foi fundida ali a primeira partida de ferro. Só pude dirigir os trabalhos durante o primeiro ano, entregando depois o cargo a um feitor brasileiro, que não atentava muito à economia de carvão.

Tabela de fundição da usina de Prata, nas proximidades de Congonhas

Ano	Carvão		Minério	Ferro produzido (em arrobas)	Número de fundições (em arrobas)
	no forno (arrobas)	no refino (arrobas)			
1813	8.323	2.539	7.648	996	2.275
1814	9.298	5.388	6.178	997	1.443
1815	9.348	5.789	6.120	1.278	1.563
1816	10.128	6.156	6.828	1.134	1.723
1817	9.113	6.859	6.010	918	1.408
Soma	46.210	26.731	32.784	5.323	8.412

⁵⁶ O teor de ferro metálico no minério de hematita é de, no máximo, 70 por cento.

Observação – Na média desses cinco anos, a proporção entre o ferro produzido e o combustível foi de 1:13,7, o que pode no entanto ser reduzido a 1:10, com a devida economia, como se vê no primeiro ano.

A relação entre o carvão e o minério e fundente foi de 1,4:1; portanto, apenas 5/10 mais do que no alto-forno. A economia de carvão deve, dessa forma, ser obtida no refino, como se vê também na diferença entre o primeiro ano e os seguintes.

O minério rico, com 80 por cento de ferro, rendeu em média somente 16,2 por cento durante a fundição. Acontece, portanto, uma queima fora do comum, que aqui porém não se leva em conta, já que o minério de ferro não custa nada além do que se gasta no engenho.

No que diz respeito ao número de fundições, ele é muito variável no primeiro ano, com relação aos demais anos, porque a inexperiência – inclusive minha – desses novo método fez com que muitas fundições fossem perdidas.

Quanto às despesas com os 20 escravos de propriedade da fábrica, esta é até hoje a única que se pode gabar de apresentar um lucro verdadeiro, e não fictício; o que se comprova com as contas a mim remetidas pelo feitor.

Despesa e receita da Fábrica de Ferro de Prata no ano de 1819

Ferro estocado	220 arrobas e 20 libras
Ferro produzido	<u>1.643 arrobas e 3 libras</u>
Soma:	1.863 arrobas e 23 libras

Receita

Ferro vendido	1.681 arrobas e 10 libras a 2.400 réis a arroba = 4.034.400 réis
Ferro para uso próprio	22 arrobas e 2 libras

Despesa

Para os fundidores e ferreiros	229.427 réis
Para diaristas na carvoaria e fábrica	1.222.804 réis
Despesas diversas	192.747 réis
Alimentação	730.800 réis
Soma:	<u>2.375.778 réis</u>
Lucro líquido:	1.658.622 réis

No ano de 1820

Ferro estocado	160 arrobas 11 libras
Ferro produzido	<u>1.229 arrobas 31 libras</u>
Soma:	1.390 arrobas 10 libras

Receita

Ferro vendido	1.313 arrobas 10 libras a 2.400 réis a arroba = 3.151.200 réis
Uso próprio	21 arrobas 30 libras
Sobraram no estoque	55 arrobas 2 libras

Despesa

Com fundidores e ferreiros	186.369 réis
Diaristas	1.163.327 réis
Diversos	151.464 réis
Alimentação	616.114 réis
Soma:	<u>2.117.274 réis</u>
Lucro líquido:	1.033.926 réis

Por aqui se vê que vale a pena ter uma pequena fundição de ferro no Brasil, com simples equipamentos, cuja produção, no entanto, não ultrapasse as 2 mil arrobas anuais, pois do contrário faltaria mercado para a venda.

Anexo agora alguns comentários do tempo de minha permanência em São João de Ipanema.

Alguns dias antes de minha chegada à fábrica, haviam dado entrada ali diversos moldadores e em especial um competente mestre, vindos de Berlim. O forno estava na terceira campanha, e um forno de cúpula estava em construção para o fabrico de pequenas peças.

Segundo recentes notícias de 1822, ali são agora fundidas as mais finas peças. O lucro, porém, ainda se faz esperar, pois, como já foi dito, falta mercado para absorver a produção.

A situação da fábrica é excelente. Ela se ergue de costas para o pé da montanha isolada de Araçoiaba, à beira do riacho Ipanema que, se não me engano, é represado por uma barragem de 20 pés de altura, formando um belo lago e com um volume de água para as rodas hidráulicas mais do que suficiente. O canal que leva a água à nova fábrica é especialmente belo e adequado. Campos

ondulados pontilhados de bosques se estendem desde a margem direita do rio até Sorocaba.

Minhas observações barométricas e termométricas foram as seguintes:

Dia	Hora	Barôm.	Term. [°F]	Observações
19 out.	9 da manhã	28",350	78	céu encoberto
	3 da tarde	28",330	78	céu encoberto
	7 da noite	28",350	76	céu encoberto
20 out.	8 da manhã	28",350	72	sol ocasional
	3 da tarde	28",336	81	sol ocasional
21 out.	8 da manhã	28",366	67	sol ocasional
	4 da tarde	28",300	78	sol ocasional
	9 da noite	28",330	75	lunar
22 out.	11 da manhã	28",310	75	céu claro
	6 da tarde	28",250	77	encoberto
23 out.	11 da manhã	28",230	75	sol ocasional
	5 da tarde	28",200	76	alguma chuva
25 out.	6 da manhã	28",160	72	alguma chuva

128

A média das medidas barométricas desses seis dias foi de 28",298, a uma temperatura de 75,5°. As medidas foram feitas a partir da residência do meu amigo, aproximadamente 30 pés acima do nível do lago. Sua altitude monta, por conseguinte, a 1.822 pés sobre o nível do mar.

Observação – Fica claro, com essas poucas medidas, que a coluna de mercúrio sempre baixava à tarde. Só lamento não poder ter feito medições por um período mais longo, dado que estas poucas parecem indicar um movimento de enchente e vazante atmosféricas que eu já observara também em Minas Gerais (ver meu *Jornal do Brasil*, 1ª parte).

Daquele ponto, escalei o alto pico do Morro de Araçoiaba, onde o barômetro indicou 27",190 com a temperatura de 80°, o que dá uma altitude vertical de 2.910 pés; por conseguinte, uma elevação de 1.088 pés acima da fábrica.

Meu amigo V[arnhagen] errou, portanto, ao fixar a altitude em 4.060 pés. (Ver *Jornal do Brasil*, 2ª parte).⁵⁷ As demais informações contidas naquela publicação

⁵⁷ Página 255 [da edição alemã]. (Nota de von Eschwege.)

sobre o Morro de Araçoiaba são, em geral, corretas. Só é necessário advertir que V[arnhagen] tomou uma porção de diabásio por basalto. Também a pederneira que ele menciona é na verdade uma variedade mais escura e compacta de sillexito.

Não posso concordar com a opinião de que a magnetita ocorre em três espessos veios; acredito antes que, como a magnetita constitui uma parte da mistura do granito, ela se separou durante a formação do conjunto da rocha, do mesmo modo que, por exemplo, a hornblenda do sienito, compondo, como esta, massas rochosas.

Seixos de ferro não são raros nessas serras; também se encontra nos cumes uma camada de uma rocha muito bonita, composta de obsidiano preto e calcedônia.

O núcleo do morro é de granito com feldspato vermelho; a direção das camadas segue a terceira hora.⁵⁸ Pelo lado da fábrica há uma mistura entre ardósia argilosa e grauvaca xistosa, passando aos poucos a arenito. Aquelas, como camada superior do arenito, é margosa, e nessa camada se encontram seixos menores e maiores, até o tamanho de um punho. São formados de granito, gnaiss, porfírio, sillexito e xisto argiloso. A camada inferior do arenito não contém seixos e serve como pedra refratária. Sobre ela está construída a fábrica. Essa pedra refratária tem a qualidade de, depois de experimentar um calor muito forte no forno, rachar em muitas colunas, em geral pentagonais.

Essa particularidade percebe-se também, em seu aspecto mais amplo, no seu sítio natural, que, não longe de nossa residência, podia-se observar em um rochedo desprovido de cobertura e arredondado pela erosão. Lá a superfície surge totalmente fissurada, e quando se a observa com cuidado suas fissuras formam inúmeros polígonos que, se os imaginarmos em profundidade, constituiriam colunas. A erosão trouxe à tona essa formação colunar; entretanto, em profundidade de algumas dessas linhas já não ocorre qualquer separação, e sim conjuga-se tudo em uma única massa. O fogo parece ter a capacidade de provocar a separação das colunas, transmitindo, ao dilatá-los, aos muitos pontos centrais originados pela primeira formação (e que devem ser encarados como os eixos das colunas), um deslocamento forçado. Cada ponto central, ou eixo de coluna, formado pela força da gravidade, exercia uma atração sobre seus arredores pela distância em que um outro ponto central atuava com maior força.

⁵⁸ Terceira hora = 45° Az (N 45° E).

Aí ficava o limite das superfícies laterais que, no entanto, mantinham-se unidas e agora se deixavam separar facilmente pelo fogo.

Sem encarar o basalto como produto vulcânico, parece-me plausível que sua forma em coluna originou-se, assim como o desse arenito, por via úmida, na qual se ocultava, porém, a formação colunar até que o aquecimento da terra a trouxe à vista. Algum diabásio mostra o mesmo esquema e é encontrado em colunas nas proximidades da fábrica de ferro, motivo pelo qual V[arnhagen] o tomou por basalto.

Deixemos, no entanto, as hipóteses de lado e voltemos ao relato da viagem.

Passamos ali dias agradáveis, lembrando ocorrências antigas e recentes, pois vivêramos juntos muitas ocasiões alegres e tristes, que nos forneciam material para lembranças e comentários. Nosso amigo F[edner], que acompanhara até a fábrica os moldadores e acabara de chegar de sua missão na Alemanha, animou-nos com suas narrativas da Pátria, que havíamos deixado havia dezesseis anos e que já parecia tão distante. Permanecemos juntos até o dia 24 de outubro; depois, iniciei minha viagem de volta. Escolhi um caminho novo, desconhecido, do qual, entretanto, só falarei em outro volume.

[Apesar de anunciar no título o diário da viagem até Vila Rica, Eschwege termina aqui sua narração da viagem. A viagem de São João de Ipanema a Vila Rica foi descrita na sua obra *Beitrüge zur Gebirgs Kunde Brasiliens* (Berlin, 1832, p. 126-170).]

SEGUNDA DISSERTAÇÃO

Notícias hidrográficas e comentários

PRIMEIRA PARTE

Observações gerais sobre a formação dos rios.

O sábio arranjo da natureza, segundo o qual ela cria sob o céu tropical do novo mundo uma quantidade extraordinária de águas que trazem refrigério às criaturas vivas e faz nascer no mundo das plantas a mais exuberante das vegetações, merece nossa maior admiração e louvor. Em cada desfiladeiro, em cada garganta, brotam fontes. Através de vales transversais, correm para os vales direcionais e juntam-se em ribeiros; estes seguem dos vales direcionais aos vales principais e dali fluem em rios volumosos para eventualmente se unirem a um rio gigantesco, etc. Quem vê tais rios, por exemplo, o Amazonas ou o Prata em sua foz, não consegue conceber como uma tal massa de água pôde surgir no interior de um continente; se, porém, lhe for dado traçar suas origens, o segredo da natureza se abrirá para ele.

Eu estive nas nascentes do Rio São Francisco, do Paraná, do Tocantins, do Rio Doce, do Jequitinhonha ou Rio Grande, do Paraíba e de diversos outros rios. Em lugar nenhum, contudo, vi a água brotar com a força que tem a nascente da fábrica de Papel em Göttingen; em algumas até, como, por exemplo, a do Rio São Francisco na Serra da Canastra, a nascente se apresenta na massa rochosa como um lacrimar de olho-d'água, cujas gotas se reúnem ao pé do rochedo e dali escorrem como um pequeno regato entre gargantas de rocha. Logo vai recebendo de cada despenhadeiro tributário e de vales transversais novos acréscimos; torna-se um ribeiro, depois um rio, depois um caudal e corre em meio às correntes que a ele se vêm juntar até atingir um volume colossal para despejar na bacia do mar.

No pico mais alto da Serra da Piedade, perto de Sabará, que se eleva a 5.460 pés acima no nível do mar e em seu ponto mais alto se ergue no ar, como maciço e isolado de itabirito (rocha de hematita compacta), essa pedra exuda incessantemente grossas gotas de água, que caem e desaparecem, mas surgem cerca de 100 pés mais abaixo como uma pequena nascente, que forma uma das origens do Rio das Velhas, um dos afluentes do São Francisco.

As nascentes do famoso Rio Doce descem da mesma forma despreziosa

das montanhas vizinhas a Vila Rica, juntam-se sob o nome Ouro Preto em um ribeirão que engole as riquezas auríferas trazidas das montanhas, e assim posso, pelo menos conforme minhas numerosas pesquisas, nutrir outra opinião senão a de que os rios devem sua origem à precipitação de umidade da atmosfera.

Se a água, através de misteriosas bombas artificiais construídas do Criador, é elevada de imensos depósitos subterrâneos e trazida através de condutores capilares até o cume dos montes, pergunto então: Por que, então, as maiores planícies e baixadas, onde a água poderia chegar à superfície pelo caminho mais curto, são tão pobres em rios e as regiões montanhosas e ricas em madeiras as mais bem dotadas de água?

Deixemos, contudo, de lado essas observações e ocupemo-nos dos gigantescais caudais do novo mundo que, segundo estimativas aproximadas, levam ao mar a cada segundo 24 milhões de pés cúbicos de água; refiro-me ao Amazonas e seus afluentes, dos quais nenhum tem a foz mais estreita que a do Rio Meno [da Alemanha].

SEGUNDA PARTE

Afluentes de alguns rios

Afluentes do Rio Amazonas:

Do lado norte, ou margem esquerda, do Rio Araguari em diante:

Araguari	Curupatuba
Irijo	Surubiú
Macuacari ou Macuaquari	Curuá-panema
Arapeçu	Trombetas
Curiaú	Nhamundás
Matapi	Uatumã
Anairá-pucu	Anibá
Mutuaca	Urubu
Maracá-pucu	Amatari
Cajari	Rio Negro
Jari	Solimões
Tueré	Manacapuru
Paru	Japurá
Uacarapi	Içá
Urubucoara	

Do lado meridional, ou na margem direita:

Guamá	Xingu
Acará	Guajará
Moju	Uruará
Guanapu	Cussari
Tocantins	Curuá
Cupijó	Maicá
Araticu	Tapajós
Puruaná	Tupinambaranas
Panaíba	Madeira
Mucanás	Autaz-Açu
Jacundá	Solimões
Acuti-pereá	Purus Mamiá
Pacajás	Coari
Guanapu	Urucu-Paraná
Areias	Arauá
Marajós	Caiambé
Pucuruí	Tefé
Arapijó	Juruá
Maturi	Jutaí
Javari	

Os maiores afluentes do Amazonas, que ultrapassam em muito o Rio Reno, são: o Rio Negro, ao norte; e o Rio da Madeira, ao sul. Ambos têm, por sua vez,

importantes tributários e em conjunto formam uma rede arterial que lembra os canais sangüíneos do corpo humano que derivam todos da grande aorta.

Afluentes do Rio Negro, do lado norte, até o Forte de São José de Marabitenas:

Anauiné ou Anavilhena

Jaguapiri

Gueceuene ou Rio Branco – neste despejam:

Mereuini

Sereuné

Anacau

Caratirimani

Tacutu

Jaguarani

Sereré

Macajá

Parima

Cauamé

Majari

Cambu

Idumé

Maracá

Uraricapará

Aranacoá

Uaracá

Uereré

Padauri – neste despejam, a oeste:

Iriê-murim

Maraujá

Marari

Inambu

Ataiu

Abuará

Daraiá

Cauaburis (neste despejam, a leste:

Majá

Miuá

Iamaturacá

Dimiti

Nomes dos afluentes do lado sul:

Jaú

Ueneuiri

Anané

Xiuará

Cauauri

Mainiri

Baruri

Marié

Guiuné

Curicuriari

Uarirá

Uaupés

Urubaxi

Içana

Aiuaná

Irié

134

Observação – Dizem que o nível mínimo de água do Rio Negro ocorre em janeiro, quando a maioria dos rios do Brasil transborda; o máximo, em junho. Em 27 de julho de 1781, ele subiu até a altura de 64 pés acima do nível normal e alcançou uma largura de 3 léguas, sem contar as águas paradas que se espalharam pela planície. Na época da baixa, sua corrente é mais lenta, mal percorrendo uma milha marítima em uma hora.

A temperatura, assim o dizem, nunca desce a menos de 18° Réaum, e a maior seria de 26°.

A marcação média do barômetro inglês no Rio Negro é de 28.500° à temperatura de 24°; por conseguinte, haveria até o mar um declive de 1.645 pés.

O Senhor von Humboldt afirma, sem no entanto apontar um local determinado, que o leito do Rio Negro fica a 200 toesas⁵⁹ acima do nível do mar e verificou-se (provavelmente na altura de São Carlos), no mês de maio, temperatura da água e do ar igual a 23° centígrados. Isso está de acordo com os fatos aqui inseridos, levando-se em conta a época do ano e a diferença entre uma localidade e outra. Infelizmente, a altitude no ponto da bifurcação do Orenoco, que produz a curiosa reunião com o Rio Negro [o chamado Cassiquiaré], ainda não foi determinada por medição barométrica.

Rio Madeira

Já desde sua origem, até a confluência com o Rio Mamoré, ele é habitado por espanhóis e conhecido pelo nome de Rio Bini. Não é apenas um canal dos Rios Guapori e Mamoré, como afirmaram, até o ano de 1747, alguns cartógrafos, nos quais se baseou o tratado de fronteiras de 1750 e 1777, e sim um caudal independente e duas vezes maior que os outros dois.

Sua nascente brota sob o 18° grau de latitude sul sobre a serra que se estende de Potosi a Cuzco. Inicialmente, ele segue por 100 léguas o curso de sul a norte, depois mais 100 léguas na direção nordeste, corre na mesma direção ainda 250 léguas e despeja, por fim, na latitude sul de 3° 23' 43", após um percurso de 450 léguas, no Rio Amazonas.

Os afluentes principais do Madeira são:

– Do lado leste:

Apuaná

Aracas

Mataurá

Anhangatini

Manicoré

Uruapiara

Ji-Paraná ou Rio dos Machados

Jamari

Jaci-Paraná

– Do lado oeste:

Capaná

Baetas

Rio das Arraias

Abuná

Madeira

⁵⁹ 1 toesa = 6 pés (de Paris) = 1,95 m.

O mais considerável, entretanto, de todos os rios que afluem ao Madeira é o Rio Mamoré, com seu braço principal, o Guaporé.

Rio Mamoré

Tem, assim como o Madeira, sua nascente em 18° de latitude sul e corre para o norte até unir-se ao Madeira a 10° de latitude sul, após um percurso de 200 léguas, 44 léguas depois de sua confluência com o Guaporé. Na sua margem leste ele recebe ainda o Rio Grande ou Guapeí, o Pacanova e o Sotério.

Rio Guaporé

Nasce a oeste, a 6 léguas do Rio Jauru, na serra dos Parecis, a 14°30' de latitude sul. Ambos os rios correm a princípio paralelos por uma grande extensão de norte a sul. Depois o Jauru prossegue na direção sudeste até se unir ao Paraguai. O Guaporé encaminha-se, com um percurso de 50 léguas, para oeste, até Vila Bela, capital da Província de Mato Grosso. De lá ele percorre ainda uma extensão de 20 léguas até sua reunião com o Mamoré. Em ambas as margens ele recebe os seguintes rios, dos quais os de leste tem todos suas nascentes na Serra dos Parecis e possuem um curso de no máximo 20 ou 30 léguas.

— 136 —
- Do lado leste:

Cautário Grande	Cabixi
Cautarinhos	Guaritiré
São Domingos	Galera
Cautário	São Simão
São Miguel	São José ou Rio dos Miquéns
Corumbiara	Sararé
Rio do Piolho	

- Do lado oeste:

Itunamas	Catururi
Baures	Paraguá
São Martinho	Rio Verde
São Simãozinho	Capiuari
Rio das Tanguinhas	Rio Alegre

Entre o Guaporé e o Jauru passa, portanto, o grande divisor de águas que corta o Brasil de leste a oeste em linha sinuosa (ver meu "Quadro geognóstico do Brasil" [Weimar, 1822, 44 p.]) e se perde, segundo fontes idôneas, nas planícies da América espanhola. O Guaporé e o Jauru são, portanto, os dois rios que

podem se tornar importantes com o tempo, se por meio deles fossem ligados o Rio da Prata com o Amazonas, podendo-se circunavegar todo o território brasileiro, além da ligação com o Orenoco.

Volto-me agora para a metade sul da grande linha do divisor de águas; considerarei, porém, apenas o Rio Paraguai e alguns de seus afluentes principais.

Rio Paraguai

Este caudal, que se deve considerar a continuação de fato do Rio da Prata, vai recebendo paulatinamente uma inumerável quantidade de outros rios maiores e menores, que fazem dele o rival do Amazonas.

Os primeiros afluentes principais, que se encontram na mesma ordem de grandeza do Paraguai, são: o Paraguai verdadeiro, o Jauru e o Cuiabá.

O Paraguai

Tem sua nascente diamantífera em 13° de latitude sul, onde ficam também as fontes mais importantes do Rio Tapajós. Sua direção principal é para sudeste, até a foz do Rio Sipotuba, onde ele se volta para o norte até a foz do Jauru.

Os rios que despejam a leste, ou na margem esquerda, a partir da foz do Mondego, são:

Embeteteú ou Mondego	Rio Novo
Taquari	Santa Ana
São Lourenço	São Francisco
Porrados	

De oeste ou na margem esquerda, a partir do Jauru

Jauru	Sipetuba
Cabaçal	Rio Preto

O Jauru

Tem, como já foi mencionado, sua nascente na latitude sul de 14° ½ graus na Serra dos Parecis, a 6 léguas do Guaporé, onde ambos percorrem uma longa extensão, paralelos um ao outro; em 15° 14' de latitude sul, no entanto, muda o curso na altura do Registro de Jaurú e daí segue 34 léguas para sudoeste, até se reunir ao Paraguai. Recebe ainda o famoso Rio Aguapeí.

Observação – Abaixo do Registro de Jauru, a leste da Serra do Aguapéí, encontra-se em eflorescência de sal uma extensão de 12 milhas quadradas. Daí se poderia abastecer toda a região circunvizinha de sal. Um certo João de Almeida descobriu e usou pela primeira vez esse sal. O melhor, que se apresenta totalmente branco e puro, é encontrado próximo à serra, a 3 ou 4 léguas da plantação do referido Almeida.

O Cuiabá

Tem suas nascentes no leste nas mesmas serras que o rio acima descrito, segue de norte para sul e conflui na latitude sul de 17°19'43" com o Rio dos Porrudos, que depois despeja no Paraguai. Da sua foz em diante, até a Vila de Cuiabá, ou seja, por uma extensão de 70 léguas, ele é navegável; dessa vila em diante ele pode ser navegado ainda por oito dias, na água baixa, e quinze dias na cheia.

Seus afluentes do lado leste são:

Guaxu-Guaxu	Arira-Guaçu
Carandá	Coxipó-Mirim
Cuiabá-Mirim	Coxipó-Guaçu
Curuará-Guaçu	Rio Manso

Do lado oeste:

Tuté-Guaçu e Jangados

Do restante dos rios que despejam no Prata não falarei aqui, pois estão delineados com relativa precisão nos mapas, enquanto com relação aos que foram mencionados acima só existem até agora notícias escritas, que me foram passadas por uma pessoa idônea.

TERCEIRA PARTE

Apenso histórico relativo ao Rio Negro, como extrato das notícias manuscritas de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio⁶⁰

“É fácil perceber que a água escura deu ao Rio Negro seu nome. Embora a verdadeira cor da água, quando colocada em um vidro, seja amarelo-vinho, a profundidade do rio a faz parecer uma tinta preta. Se essa cor provém de substâncias minerais ou vegetais dissolvidas, não se sabe.

O nome original desse rio era Guiari e próximo à nascente ele ainda leva o nome de Uerua.⁶¹ Na latitude 3° 9' sul desemboca no Rio Amazonas, do qual é o maior tributário.

Nessa boca seu leito se estreita extraordinariamente das 7 ou 8 léguas de largura que tem em alguns pontos para até um quarto de légua.⁶²

Seu encontro com o Amazonas é uma cena maravilhosa. Ambos os rios demonstram a maior resistência a se amalgamarem um com o outro; cada um quer fazer dominar a sua cor: mas vencem as águas do Amazonas, quando empurram com todo o seu peso para o lado oposto a água escura do Rio Negro, que, sem achar outra saída, é forçada a se misturar com as águas claras do rio principal e em pouco espaço desaparecer totalmente.

Não se dispõe ainda de notícias precisas sobre o ano do descobrimento do Rio Negro. O cronista do Pará deixa-nos a esse respeito, como também a

⁶⁰ Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio (1741- ca. 1812), desembargador, juiz de fora e provedor da Fazenda Real no Rio Negro, fez uma viagem de “visita e correição” à capitania de São José do Rio Negro nos anos de 1774/1775, da qual deixou um diário cujo abstrato Eschwege aqui apresenta. (Ver também no Estudo Introdutório.)

⁶¹ Sr. v. Humboldt diz que a parte inferior do Rio Negro é conhecida pelos nativos como Guiari ou Curana e que junto à nascente leva o nome de Uenéia ou Guenéia em vez de Guainia. As suas nascentes ele localizou em 71° 35' a oeste de Paris. (Nota de von Eschwege.)

⁶² Segundo Condamine,* o Rio Negro tem, na altura do Forte Santo Agostinho, uma largura de 292 toesas e, próximo à foz, na parte mais estreita, 1.200 toesas [1 toesa = 6 pés = 1,95m]. (Nota de von Eschwege.)

* Charles Marie de La Condamine (1701-1774), deodesista, astrônomo e naturalista francês, encarregado em 1735, pela Academia de Ciências de Paris, de medir, junto com Louis Godin e Pierre Bouguer, o comprimento de um grau de meridiano sobre o Equador para a determinação da forma do globo terrestre. Participaram ainda os oficiais da marinha espanhola Jorge de Juan y Sanctacilla (1713-1773) e Antonio de Ulloa (1716-1795). A missão demorou sete anos, depois La Condamine voltou pelo Rio Amazonas. Sobre esta viagem apresentou à Academie a *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique Meridionale depuis la Côte de la Mer du Sud, jusqu'aux Côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la Rivière des Amazones* [Paris 1745, 216 p.. Trad. portuguesa: Viagem pelo Amazonas (1735-1745). Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1992]. La Condamine é o precursor das expedições científicas no Amazonas.

de tantos outros objetos de interesse, que lhe seria fácil investigar, completamente no escuro. Pedro da Costa Favela, que era famoso não apenas como um dos oficiais da frota que subiu o Rio Amazonas e fez a viagem até Quito, mas também por comandar o destacamento da província dos Encabelados, tendo-se distinguido na expedição a Urubu, retornava dessa expedição, a partir da qual as nações selvagens rebeladas, que habitavam as margens do rio, foram pacificadas. Como soubera através de outros índios que no Rio Guiari ou Negro habitava a nação dos Furinás, foi ao seu encontro em companhia do missionário Frei Teodósio e, com ajuda dos já convertidos Aruaques, trouxe-a também à fé, fundando assim o primeiro arraial às margens do Rio Negro.

O general da província, Antonio de Albuquerque Coelho,⁶³ mandou construir, por Francisco da Mota Falcão, o forte à foz do rio, cujo primeiro comandante foi Angélico de Barros.

Como está fora de dúvida que a expedição de Urubu partiu no ano de 1665 e a descoberta do Rio Negro ocorreu mais tarde, pode-se quase com certeza afirmar que ela se deu no ano de 1670 ou 1671, pois nesses anos Pedro da Costa se encontrava no Rio Amazonas com suas tropas.⁶⁴

É evidente que quando se fala da descoberta do rio subentende-se sua primeira navegação no interior e a submissão dos selvagens que habitavam suas margens, já que a foz era conhecida havia muito.

Dela temos a primeira notícia através das viagens de Pedro Teixeira, que mencionou algumas das nações assentadas ali, entre elas a dos Uaranacuaúnas, subjugados logo a seguir.

Guilherme Valente, um sargento da guarnição do forte, subiu depois o rio com esforço heróico, para conhecer e civilizar os moradores ribeirinhos. Seu empreendimento foi bem-sucedido. Ele chegou à foz do Rio Cuburis e fechou um acordo de amizade com os Caburicenas, depois com os Carajás e por fim com os Manaús. Para fortalecer e intensificar a aliança com os Manaús, uniu-se à filha de um dos caciques. Essas nações, como tantas outras que habitavam as margens

⁶³ Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho (segunda metade do século XVII – 1725 Luanda/Angola), filho e neto de governadores da Capitania do Maranhão, ele governador da mesma Capitania de 1690 a 1701, quando volta a Portugal, retornando em 1709 para assumir governo do Estado do Sul do Brasil (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), cargo que ocupou até 1713.

⁶⁴ BERRED Ann. Hist. Liv. 17. 1.166 et seq. (Nota de von Eschwege.) Trata-se de Bernardo Pereira de Berredo (?-1748), governador da Capitania do Maranhão de 1718 a 1722, autor dos *Annaes históricos do Estado do Maranhão, em que se dá notícia do seu descobrimento e tudo o mais que tem succedido desde o anno em que foy descuberto até o de 1718*. (Lisboa 1749, 710 p.)

dos afluentes do Rio Negro, foram mais tarde instruídas na religião cristã por religiosos da Ordem dos Carmelitos.

O completo conhecimento do Rio Negro deve-se, no entanto, às tropas que, munidas de Ordens Reais, em parte seqüestraram indivíduos úteis entre os habitantes desse rio, em parte trouxeram para nossas aldeias [povoamentos indígenas civilizados] outras nações bem intencionadas. Essas tropas, compostas em sua maioria de aventureiros, eram chamadas de “tropas de resgate”.

Em 1743 e 1744, avançaram até o Orinoco acima e descobriram um braço do mesmo que levava o nome de Paraúia e um outro, chamado Caciquiari ou Cas-siquiare.

Diversos autores duvidavam da ligação entre esses dois rios, como se vê na obra do jesuíta Gumilla (Superior das missões do Orinoco), intitulada *Orinoco ilustrado*.⁶⁵ Diz o autor:

Ni yo ni missionero alguno de los q' continuamente navegan, costeando el Orinoco, hemos visto entrar ni salir al tal Rio Negro. Digo ni entrar ni salir, porque supuesta la dicha unión de rios restaba por averiguar de los dos, quien daba de beber e a quien. Pero la grande e dilatada Cordillera, q' media entre Marañon y Orinoco escusa a los Rios de este cumplimiento y a nos otros de esta duda, etc.

Na mesma obra, que contém uma descrição precisa do Orinoco, em que todos os rios tributários seus são enumerados, não se menciona, porém, a parte superior do rio, nem o braço que leva o nome de Paraúia, nem o que se denomina Caciquiari.⁶⁶

No já mencionado ano de 1744, Francisco Xavier de Moraes, em companhia de outros portugueses e com permissão real, chegou até o Rio Caciquiari. Quando retornava pelo Rio Paraúia, defrontou-se, a pouca distância do Orinoco

⁶⁵ Primeira parte, cap. 2, p. 17; Editora de Madrid, 1741. (Nota de von Eschwege.) José Gumilla, SJ (1690-1758), autor da obra *El Orinoco ilustrado, historia natural, civil y geographia de este gran rio y de sus caudalosas vertientes; gobierno, usos y costumbres de los indios sus habitantes...* Madrid: Manuel Fernandes, 1741, 580 p. com um mapa.

⁶⁶ Os jesuítas [José] Gumilla e [Bernardo] Rotella iniciaram sua primeira colônia no Orinoco no ano de 1733, embora d'Acunha* já tivesse navegado esse rio em 1639. (Nota de von Eschwege.)

* Cristóbal d'Acuña, SJ (1597-1675), reitor do Colégio dos Jesuítas em Cuenca, Província de Quito, viajou de fevereiro a dezembro de 1639 em companhia do português Pedro Teixeira (?-1640), capitão-mor da cidade do Pará, pelo Rio Amazonas a jusante. É autor da obra *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas... al qual fue, y se hizo por ordem de Su Magestad, el año de 1639 por la Província de Quito en los Reynos del Peru* [Madrid 1641, 2+46 p., tradução parcial em RIHGB, v. 38, 1ª parte (1865), p. 163-265].

(Se *Orenoco* ou *Orinoco* é a grafia correta eu não saberia decidir. Mesmo nas obras de von Humboldt não é mantida uma grafia única.) (Nota de von Eschwege.)

verdadeiro, com o jesuíta Manoel Romão, que por acaso navegava pelo rio e levou-o consigo até o arraial Auidá.

Esta foi a primeira vez que os espanhóis viram aquele rio, e o jesuíta esclareceu que abriria os olhos dos moradores do Orinoco sobre a confluência desse com o Rio Negro, pois entre eles corria a lenda obscura de que os habitantes do Rio Negro seriam gigantes.

Dessas notícias se depreende, sem sombra de dúvida, que a descoberta se fez devido ao espírito empreendedor dos portugueses e que os espanhóis imaginavam coisas fantásticas acerca da região.

Já anteriormente ao ano de 1744 os portugueses conheciam a maior parte do Rio Negro acima das cataratas; em 1725 e 1726, diversos contingentes de soldados subiram essas cataratas e chegaram até o Rio Jaitá, que se une ao alto Rio Negro próximo às nascentes deste; também avançaram 20 jornadas acima da foz do Caciquiari.⁶⁷

Em 1740 o arraial às margens do Janitá se expandiu e nos anos seguintes o mesmo ocorreu com os arraiais das tropas no desembarcadouro principal Cocuí, junto a Marabitenas.

Desses arraiais partiram contingentes de tropas a todos os rios que desembocam no Negro, até Inirida⁶⁸ e muitos outros, com o fito de levar índios como escravos.⁶⁹

⁶⁷ O Caciquiari ou Cassiquiare tem em sua foz a largura do Rio Reno; seu curso é, como diz Sr. von Humboldt, extraordinariamente acidentado, de modo a tornar a navegação altamente complicada, sem contar a escassez de alimentos e a praga dos mosquitos. Viajantes que desejam ir de São Fernando de Atabapo a São Carlos do Rio Negro costumam deixar o Orinoco na altura de São Fernando, subindo pelos riosinhos laterais de águas escuras, o Atabapo, o Temi e o Tuamini. Deixam puxaras, pirogas ou canoas um istmo de 6.000 toesas [1 toesa = 6 pés = 1,98m] até a margem do ribeirão Caño Pimichin e daí para o Rio Negro. Essa viagem dura, de São Carlos até Angostura, de oito a dez dias, enquanto o desvio pelo Caciquiari exige de cinquenta a sessenta dias. (Nota de von Eschwege.) A bifurcação do Caciquiari com o Orinoco é situada, segundo o Sr. von Humboldt, a 3° 10' de latitude norte e 68° 37' de longitude oeste de Paris, São Fernando a 4° 2' de latitude norte e São Carlos 1° 53' 42", assim como ele também localiza a Ilha São José no Rio Negro, em 1° 38' de latitude norte, que figura como atual divisa entre os domínios espanhol e português. O Equador também não passa ao norte do Forte São José de Marabitanos dos Portugueses, mas sim 25 milhas (francesas) ao sul, entre São Filipe e a foz do Rio Guapé. (Nota de von Eschwege.)

⁶⁸ Na relação dos rios acima não consta esse rio. Provavelmente as diversas nações que habitavam ao longo desses rios davam-lhe nomes diversos, de onde deve ter-se originado freqüente confusão. (Nota de von Eschwege.)

⁶⁹ No original está "resgatando índios". A palavra resgatar é normalmente usada no resgate de prisioneiros. Suponho que os prisioneiros submetidos a escravidão eram inimigos das nações amigas que os portugueses trocavam por mercadorias de ferro. (Nota de von Eschwege.) Não foi possível consultar o diário de Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio no original para dirimir a dúvida.

A maioria dessas descobertas foram feitas por militares à custa da Real Fazenda, do que se tem comprovação nas instruções judiciais que por esse motivo se baixaram, a mando do governador e capitão-general da Província do Pará, Manoel Bernardo de Melo e Castro,⁷⁰ ao ouvidor-geral do Pará em 9 de setembro de 1763, onde esse general manifesta seu zelo pela manutenção e defesa dos domínios portugueses naquela região.

A despeito da notória e indubitável evidência desses fatos, eles vêm sendo completamente ignorados por Don José de Yturrioga, comissário de Sua Majestade Católica para a marcação de fronteiras entre os domínios americanos de Espanha e Portugal, que, em uma carta de 20 de maio de 1763 dirigida a nosso general, exige o recuo dos destacamentos portugueses das cataratas do Rio Negro e estabelece como limite para nós as cataratas de Corocubi.

Essa carta deu ocasião à seguinte resposta, que merece ser transcrita aqui:

‘Exmo. Senhor!

Em decorrência do tratado de paz⁷¹ entre Sua Majestade Católica e o Rei, meu senhor, recebi uma carta de Vossa Excelência datada de 20 de maio como prova do acordo de paz restabelecido entre as duas potências e, por conseguinte, também das relações e correspondência entre os seus súditos. Por mais agradável que seja para mim travar contato próximo com Vossa Excelência, o conteúdo de Vossa carta só me poderia ser desagradável. Como o assunto ultrapassa bastante os limites de nossa alçada, não podemos nem discuti-la nem tomar qualquer decisão, que deve ser reservada unicamente a nossos monarcas, que firmaram a paz, e aos poderes que a garantem.

Vossa Excelência exige a retirada dos destacamentos que ocupam as margens do Rio Negro, da catarata do Corocubi a montante, assim como a devolução dos índios reunidos nos arraiais, sob a alegação de que teriam sido retirados de terras espanholas.

⁷⁰ Manoel Bernardo de Melo e Castro, governador do Estado do Grão-Pará e Maranhão de março 1759 a setembro de 1763, sucessor de Francisco Xavier Mendonça Furtado, irmão do marquês de Pombal, sendo sucedido por Fernando da Costa de Ataíde Teive (1763-1772).

⁷¹ Tratado de Madrid de 1750, negociado por Alexandre Gusmão (1695, Santos – 1753, Lisboa).

Permiti, Vossa Excelência, que me coloque aqui em defesa da verdade e apresente fatos que a Vossa Excelência, no decorrer de Vossos anos de serviço nesta parte da América, não podem ter permanecido ignorados.

A posse do Rio Negro já é tão antiga para a Coroa Portuguesa quanto a das restantes colônias circunvizinhas, cujos habitantes vêm navegando há tempos incontáveis esse rio como súditos de Portugal, utilizando a produção de ambas as margens com tal zelo que viajam por dias a fio não só pelo Caciquiari, como por outros afluentes seus. Durante os muitos anos assim passados, o Rio Negro permaneceu oculto ao domínio espanhol. Só havia suposições, até que em 1744, Pedro Manoel Romão, da Sociedade de Jesus e Superior das Missões, que tinha sede no Orinoco, decidira navegar por aquelas águas, vindo, assim, a alcançar o Rio Caciquiari. Aqui ele deparou com um contingente português, em cuja companhia ele seguiu até o Rio Negro. Depois de uma curta permanência, pôs-se de volta com a afirmação de que abriria os olhos dos habitantes do Orinoco acerca da ligação das águas daquele rio com as do Rio Negro.

Não apenas essa ligação por meio do Caciquiari era desconhecida dos espanhóis, como eles desconheciam ainda os demais braços que uniam o Rio Negro ao Orinoco, como, por exemplo, o Rio Iniridá, Paçavica, Tumbu e Abé.

Essa expedição do religioso não originou qualquer ação por parte da Espanha que pudesse fundamentar um possível título de propriedade. Só em 1759 é que Vossa Excelência enviou, sob o pretexto das conferências das fronteiras, o alferes Domingos Simão Lopes, o sargento Francisco Fernandes Bobadilha e vários outros espanhóis para fazer um reconhecimento do arraial português onde se dariam as conferências. Durante a viagem até lá, procuravam convencer os índios de que os espanhóis tinham interesses em comum com os portugueses, erguendo em alguns dos principais povoados casas que, segundo eles, serviriam de postos de abastecimento para as pessoas que no futuro estivessem se dirigindo ao congresso da fronteiras e seus séquitos.⁷²

⁷² O Sr. von Humboldt menciona uma expedição de fronteira em 1756, empreendida pelos oficiais-engenheiros Iturriaga e Solano, a qual teria pela primeira vez divulgado a reunião das águas do Orinoco com as do Rio Negro através do Caciquiari. (Nota de von Eschwege.) D. José de Iturriaga e D. José Solano y Bote (1726-1806), oficiais da marinha espanhola, eram nomeados membros da comissão de demarcação das fronteiras entre as Américas portuguesa e espanhola, segundo o Tratado de Madrid de 1750. Essa missão demorou sete anos; Solano chegou ao posto de capitão-general da Armada. Comissário português era o governador do Maranhão e Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do marquês de Pombal.

Nessa ocasião estabeleceram-se no arraial de São Carlos, e de lá o sargento Francisco Fernandes Bobadilha se aventurou pelo Rio Negro a jusante, até o primeiro povoado dos Marabitenas, que haviam deixado pouco antes, tendo queimado suas casas. Nisso é que se baseiam as pretensões que Vossa Excelência quer agora fazer valer. Nisso, porém, baseiam-se igualmente as nossas que Vossa Excelência denomina usurpações que teriam ocorrido em tempo de paz.

Tendo em vista o acima referido, Vossa Excelência há de desculpar-me se insisto para que vossos destacamentos em São Carlos, São Filipe e outras localidades abaixo do Caciquiari sejam tirados, já que estas pertencem ao distrito do Rio Negro. Essa minha exigência a Vossa Excelência é acompanhada de relatórios meus que serão enviados proximamente a meu Soberano para que Sua Majestade Católica seja notificada.

Com que repulsa não receberíeis uma proposição semelhante se eu exigisse que Vossa Excelência retirasse vossas tropas e índios do distrito do Orinoco?

No tratado sobre a demarcação das fronteiras foi decidido entre nossos soberanos que tudo permanecesse como era antes da eclosão da guerra. Conseqüentemente, somos obrigados a manter tudo no mesmo pé em que estava naquela época.

Se estas razões encontrarem acolhida em Vossa Excelência, estou convencido de que recuareis em Vossas demandas e atitudes, atitudes estas que de todos os pontos de vista devem ser deixadas ao critério do Poder Real e às negociações de nossos monarcas. Com a primeira frota que partir daqui enviarei a carta de Vossa Excelência a meu Soberano, e as deliberações de ambos os monarcas serão comunicadas de parte a parte e suas ordens respeitadas.

Terei então a honra de corresponder-me com maior freqüência com Vossa Excelência e ocasião de vos dar conhecimento de minhas opiniões sinceras.

Deus guarde Vossa Excelência por muitos anos. Grão-Pará, 26 de agosto de 1763.'

Manoel Bernardo de Melo e Castro

Essa resposta esclarece as fundadas pretensões de Portugal ao domínio do Parauá, Caciquiari e parte superior do Rio Negro e de todos os seus afluentes e região circunvizinha; pretensões que se baseiam tanto na primeira descoberta e tomada de posse como em uma real e longa ocupação, como está comprovado através de notícias corretas e autênticas, que do mesmo modo claro e límpido

estabelecem a total falta de fundamento das exigências espanholas ao domínio de São Carlos e diversas outras localidades no Parauá; e que só parte de um abuso de nossa boa vontade, tendo sido feita sob o pretexto de negociações de fronteira, ocasião em que aproveitaram, para maior conforto de sua viagem, para construir casebres, no que depois iriam basear seu título de propriedade, etc.”

TERCEIRA DISSERTAÇÃO

Sobre a população do Bispado de Mariana na Província de Minas Gerais – Especialmente com relação às taxas de crescimento e mortalidade

Já publiquei anteriormente uma tabela populacional de toda a província ou Capitania de Minas Gerais.⁷³ Acrescento agora esta, porque fornece uma elucidação com respeito ao crescimento da população e à mortalidade.

A população do bispado deve naturalmente ser menor do que a de toda a província, já que ocupa apenas cerca de dois terços dela, enquanto a outra parte pertence aos bispados das províncias vizinhas da Bahia, Pernambuco, Goiás e São Paulo. Todavia, a diferença entre esta e aquela tabela deveria ser maior, não levando-se em conta a população mais rarefeita daquela região da província que pertence a outros bispados. Ou os registros dos comandantes de distrito estão muito incompletos, ou as informações dos vigários das paróquias estão exagerados. Estas últimas deveriam na verdade ser mais precisas do que aqueles, pois o interesse dos vigários os leva a obter uma relação precisa dos confessados, já que cada um deles deve contribuir anualmente com 187 ½ réis (7 ½ Ggr.⁷⁴). Por outro lado, não se pode confiar neles, pois em geral ninguém trabalha por puro zelo profissional, e também a maioria dos vigários tem o hábito de embolsar a contribuição e despachar a autorização para a confissão sem manter um livro-caixa. Em caso de uma pessoa que já pagou, cobram novamente, quando então o atestado de confissão é decisivo.

147 —

⁷³ *Journal von Brasilien*, 1818, v. 1, p. 209 e prancha 5. (Uma edição em português está em preparação pela Fundação João Pinheiro.)

⁷⁴ Ggr = *Guter Groschen*, divisão do *Reichsthaler*.

**População do Bispado de Mariana na Província
de Minas Gerais no ano de 1816**

	Cor	Masculino	Feminino	Soma
Homens livres	Branco	40.979	42.815	83.794
	Mulatos	51.272	55.341	106.614
	Índios	4.433	4.303	8.736
	Pretos	20.326	22.665	42.991
Soma		117.011	125.12	242.135
Escravos	Mulatos	11.607	11.093	22.700
	Pretos	72.849	53.001	125.850
Soma		84.456	64.094	48.550

Total da população: 390.685

Nascimentos

	Cor	Masculino	Feminino	Soma
Livres	Branco	1.859	1.633	3.432
	Mulatos	1.825	1.904	3.729
	Índios	178	178	356
	Pretos	1.001	1.082	2.083
Soma		4.863	4.797	9.660
Escravos	Mulatos	455	505	960
	Pretos	1.786	1.875	3.661
Soma		2.241	2.380	4.621

Total de nascimentos: 14.281

Óbitos

	Tipos	Masculinos	Femininos	Soma
Livres	Branco	1.226	1.025	2.251
	Mulatos	1.532	1.422	2.954
	Índios	160	163	323
	Pretos	1.181	1.201	2.38
Soma		4.099	3.811	7.910
Escravos	Mulatos	707	661	1.368
	Pretos	2.144	1.529	3.673
Soma	2.851	2.190	5.041	

Diferença

Total dos nascimentos:	14.281
<u>Total dos óbitos:</u>	<u>12.951</u>
Crescimento da população	1.230

Esse cálculo, se aplicado a todo o território brasileiro, cuja população civilizada é estimado em cerca de 3 milhões, daria um crescimento anual da população de aproximadamente 9 mil almas, e em cem anos aproximadamente a população duplicaria.

Comparação da fertilidade e mortalidade nos dados acima

	Tipos	nascem	morrem
Livres	Branços	4 de 98	3 de 106
	Mulatos	4 de 109	3 de 109
	Índios	4 de 99	3 de 108
	Pretos	4 de 83	5 de 93
Escravos	Mulatos	4 de 105	6 de 100
	Pretos	3 de 103	3 de 102

Observação – A maior fertilidade e a maior mortalidade encontram-se entre os pretos livres; a maior fertilidade e a menor mortalidade, entre os brancos; a menor fertilidade e menor mortalidade, entre os mulatos livres. A menor fertilidade e a maior mortalidade devem ser procuradas entre os escravos negros, pois o número de 5.041 escravos negros falecidos é certamente a metade do real: primeiro, porque não há nenhum motivo pelo qual os escravos negros deveriam morrer menos do que os escravos mulatos, já que os últimos, em geral, são mais bem cuidados e, depois, onde ficam os escravos importados, cujo número chega a 4 mil por ano, pois sabe-se com certeza que os escravos na capitania diminuem a cada ano? A explicação deve ser encontrada no seguinte: a maior parte dos escravos negros não é, como as pessoas mais honradas, enterrada na igreja, e sim em cemitérios especialmente dedicados a esse fim, não apenas para não ter maiores custos com o enterro, mas também porque muitos morrem sem terem sido batizados e, portanto, não têm direito a jazer em solo sagrado. Assim, a maioria dos vigários não toma notícia deles nem registra o óbito em seus livros. Além disso, os fazendeiros vivem em geral afastados da igreja matriz e enterram seus negros falecidos em cemitérios particulares ou os sepultam no campo sem dar conhecimento aos vigários. O mesmo não acontece com os escravos mulatos. Como esses são criados por seus amos, depois da morte são tratados como cristãos e ainda se manda rezar uma missa para sua alma.

A reduzida fertilidade dos escravos negros tem diversas razões. Em primeiro lugar, há uma tal desproporção entre homens e mulheres: o número mulhe-

res é mais de 20 mil menor do que o dos homens. Além disso, vigora entre as mulheres o bárbaro costume de matar os filhos ainda no ventre, em parte para se pouparem à assistência e ao cuidado com o filho quando já têm tantas obrigações, em parte porque as casadas vivem a incerteza sobre a cor que o filho terá, pois nunca são fiéis aos maridos. E, ainda, as mulheres abortam frequentemente, devido aos maus-tratos que recebem e ao trabalho pesado que lhes cabe. O motivo principal, porém, é a satisfação demasiada do impulso sexual, que diminui a fertilidade.

Com relação aos índios, as tabelas são também muito imprecisas; o motivo se deve buscar no seguinte: os índios que podem ser considerados civilizados, e que são comandados por vigários – pois não se pode levar em conta aqui os índios selvagens que habitam nas matas –, estão pelo menos tão integrados à civilização a ponto de saberem se valer muito bem dos privilégios terrenos que a prática de hábitos cristãos lhes faculta, mesmo não dando muita importância aos religiosos.

A isso acrescenta-se o fato de que fazem batizar seus filhos com prazer, pois desse modo conseguem para eles padrinhos portugueses, ganhando não apenas presentes, como também a perspectiva de poderem se dirigir aos seus compadres nos momentos de aperto.

De todos os recém-nascidos o vigário tem notícia, mas o mesmo não se dá com os falecidos. Como não há vantagem, além da fadiga resultante, em anunciar o falecimento nem em arrastar os mortos até o cemitério de igreja, distante muitas milhas, para serem ali sepultados, enterram-nos normalmente na mata, sem informar o padre.

A incorreção da relação entre nascimentos e óbitos dos índios brasileiros é patente diante do fato de que sua população diminui cada vez mais, estando mesmo muitas nações já totalmente extintas.

QUARTA DISSERTAÇÃO

Algumas notícias sobre as nações indígenas do sul do Brasil⁷⁵

Sem dúvida, o sul do Brasil, até o Rio da Prata, oferece mais notícias interessantes sobre os habitantes nativos e sua civilização do que as províncias do norte e do interior.

Tratar-se-ia de mero acaso? Teriam sido as amplas atividades dos jesuítas ou a maior capacidade desses índios o que facilitou a civilização desse território? Quem poderia responder definitivamente a essas perguntas? No que me diz respeito, tendo a supor que o motivo principal foi a capacidade mais elevada desses índios. Pois não há dúvida de que os habitantes das regiões mais planas do Brasil, próximas aos campos, têm muito maior inteligência e caráter mais manso do que as tribos que vivem nas montanhas sombrias e matas impenetráveis. A luz clara do sol, que tanto beneficia todos os seres vivos, perdeu ali seu efeito suavizante... O olhar, restrito a uma distância de poucos passos, espreitando sem pouso pela selva à procura de caça passando às pressas, rodeado de penhascos mortos e gigantescas árvores estarecidas, deve ficar de olhos fitos e de alma insensível, pois nada aparece à luz verdadeira.

Sei por experiência própria, de quando vivi durante meses na escuridão da mata, como parecia diferente a meus olhos o movimento dos homens vistos de longe. Tudo era vazio, sem importância e inútil para mim. Vivendo de raras frutas e de caça abatida com dificuldade, acampado junto a uma fogueirinha chamejante, os galhos em arco das árvores sobre minha cabeça, em minha fantasia avistava os homens constrangidos em roupas estreitas, lutando para satisfazer suas múltiplas necessidades com grande esforço em uma luz bastante ridícula. E, de fato, quando se pensa que todo o tipo de empenho humano destina-se somente a mitigar as exigências do estômago e a garantir um bem-estar temporário, um homem que não tenha pretensões a uma cultura mais elevada pode bem preferir a vida guerreira e selvagem à labuta incessante do mundo civilizado. Muitas vezes, cortado por espinhas e envolto em trapos que quase não cobriam a

⁷⁵ Nessa dissertação, Eschwege apresenta um resumo de alguns capítulos da *Corografia Brasileira* do padre Manoel Aires do Casal (1754-1821), publicada em 1817 no Rio de Janeiro. O autor é considerado o pai da geografia brasileira. A sua obra teve diversas reimpressões, a última em 1976 (Itatiaia/EDUSP, 342 p.).

nudez, degustando refeições frugais, compostas de macacos e papagaios assados com folhas de palmeira e raízes silvestres, debaixo da sombra eterna da espessa folhagem da copa de árvores da selva, não conseguia descobrir o lado amável e belo da humanidade civilizada. Para fugir desse estado de espírito sombrio, procurei sempre, espontaneamente, galgar colinas e montanhas, até mesmo escalar árvores altaneiras para colher uns poucos raios de sol e lançar um olhar longínquo sobre a distância.

Como o mundo mudava, entretanto, se me deparava com um solo desprovido de matas! Que alegria se apossou de minha alma uma certa vez, depois de três meses de permanência nos sertões enflorestados do Rio Abaeté e de abrir caminho com mil de dificuldades, quando pisei novamente a campina livre! Todos os meus pensamentos soturnos desapareceram; tive vontade de ver gente, de comunicar-me. Sentimentos que na selva se haviam cochilado despertaram com novo vigor.

Não é de admirar se os selvagens que habitam as matas e que não conhecem outras necessidades além das que podem suprir com facilidade e não percebem em si qualquer indicação de uma origem mais elevada se opuserem a tudo o que denominamos civilização. De temperamento sombrio, não toleram a luz do sol; preferem estar diante de um fogo a se extinguir e observá-lo com o olhar fixo, à espera de um miserável pedaço de carne assado que ali se prepara.

Muito diferentes são os habitantes dos campos, cujo olhar acostumou-se com um horizonte mais aberto e sobre o qual o céu claro atua com benéfica magia, uma magia que produz seus resultados, cobre de verde os campos e lhe desperta no peito o sentimento de um ser superior. Em vez de viverem apenas da caça e seguirem com mãos sujas de sangue e mentalidade sanguinária as trilhas fugidias da caça, acabam por se tornar tranqüilos povos pastores e, como antes, o sangue, passa a ser o leite o alimento dos povos.

Experiências centenárias demonstram como resultou infrutífero o esforço dos jesuítas nas matas, por exemplo, no Orinoco, e como foi bem compensado nos campos do Rio da Prata.

Na escuridão das matas desenvolvem-se a discórdia, a desconfiança e o ódio, e as raças vivem divididas em centenas de pequenos grupos, que, entretanto, têm uma descendência comum. Os territórios abertos e planos, ao contrário, facilitam a aproximação e a comunicação entre seus habitantes. A descendência de um patriarca permanece unida, crescendo até tornar-se uma nação.

Lembro aqui somente os Maracotos que habitam a margem direita do Rio da Prata, lá onde hoje fica Buenos Aires. Carlos V enviou, em 1535, Dom Pedro de Mendonça⁷⁶ com 800 homens para lá, para fundarem uma colônia, e esta teve logo um feliz progresso.

Da mesma maneira, os Tapes que habitavam a Província de São Pedro do Sul e o curso superior do Paraná. Eles eram tão poderosos que, em 1635, quando a colônia de Sacramento foi atacada pelos espanhóis, vieram em seu socorro com milhares de guerreiros sob o comando do jesuíta Thomás Bertey. E no ano de 1756 12 mil Tapes lutaram contra 2 mil espanhóis e portugueses. Os últimos venceram, e aquela nação retirou-se completamente para a margem direita do Uruguai.

Os Guaicurus e Paiaguás não serão lembrados aqui, pois já tratei extensivamente deles na primeira parte do meu *Jornal do Brasil*.

Uma menção especial, no entanto, merecem os principais ocupantes da Província do Paraná, os Guaranis ou Guarunís, nome que dizem significar guerreiros. Civilizados pelos jesuítas, fundaram, em conjunto com os Tapes, o império dos Guaranitos que, como alguns afirmam, tinham uma população de 200 mil almas, capaz de colocar em campo um exército de 40 mil homens. Outros dizem: "Nos sertões do Rio Uruguai e Paraguai havia uma poderosa república que, apenas nas margens desses dois rios reuniriam nada menos do que 31 grandes aldeias, habitadas por quase 100 mil almas." (*Deduc. Chronol. Prov. Monumento LXI.*)

Guthrie calcula a população dessas missões em 340 mil famílias, ou 1.360 mil almas (*Edic. XIV*), uma soma certamente exagerada.

Seja como for, era um povo manso, dócil, de poucos vícios e tão poderoso que, sob o cetro dos jesuítas, logo inspirou maior respeito ao governo espanhol.

Na ocasião em que os jesuítas tomaram conhecimento dos Tapes, que provavelmente eram um ramo desgarrado dos Guaranis, habitavam eles as margens do Alto Paraná e na parte sul da Província do Uruguai. Viviam espalhados por diversas aldeias, das quais a mais populosa levava o nome da nação. O número de aldeias é desconhecido. Depois, porém, que os jesuítas levaram a efeito a união dos Tapes com os Guaranis, as aldeias se reduziram para 7, motivo pelo qual são também conhecidas pelo nome de Reduções. Possuíam (segundo o autor

⁷⁶ Pedro de Mendoza (1487-1537), em 1534 nomeado governador das terras conquistadas na região do Rio da Prata, obrigou-se por contrato a abrir o caminho até o Peru e chegar pelo oriente até avistar o mar. Fundou em 22 de fevereiro Buenos Aires. Morreu no caminho de volta à Espanha.

da *Corografia Brasilica*) na época de sua conquista, uma população de 14.010 almas. Seus nomes são:

São Miguel	1.900
São João	1.600
São Lourenço	960
Santo Ângelo	1.960
São Luiz	2.350
São Nicolau	3.940
São Francisco de Borja	<u>1.300</u>
	14.010

São Francisco de Borja, a mais meridional das Reduções, sofria, antes das mudanças de domínio em Portugal, muitos ataques dos minuanos, seus vizinhos.

São Miguel, a mais oriental, foi considerada a capital, e São João possuía, na época de seu florescimento, 40 ruas.

Todas essas missões e reduções levam o nome de vilas, por possuírem um senado. São construídas segundo um projeto, têm ruas retas, que se entrecruzam em ângulos retos, e casas baixas, com varandas laterais para protegê-las do calor e da chuva.

A língua guarani era falada em quase todo o território das missões com poucas alterações; muitos índios falavam também espanhol e português. Enquanto os jesuítas dominaram essas missões havia uma escola em cada uma, na qual, por decreto de 1743, se deveria ler, escrever e falar espanhol.

O sentido da língua, no entanto, os índios não apreendiam, devido a motivos específicos, e assim esclareciam tudo em guarani.⁷⁷ Isso ocorria, decerto, para que eles não se aliassem com os vizinhos espanhóis e nem adotassem seus costumes depravados.

⁷⁷ *Essendo che in ognuna delle Popolazione vi sia stabilita e aperta una scuola di leggere, e di scrivere in lingua spagnuola, in virtù della quale v'há un gran numero d'Indiani molto abili in leggere, e scrivere spagnuolo, ed anche latino, senza capire cio, che leggono, o scrivono [...] Perciò ho stimato bene incaricar in modo speziali i Padri della Compagnia com mio Decreto, che oggi si spedisce, di mantenere assolutamente in quelle Popolazioni le sudette scuole, e di procurar che quegli'Indiani parlino in lingua Castigliana, conformandusi alla lege 18, Tit. 1, Lib. 6. de recapitolazion de Indias etc. etc.*— Muratori [citação segundo Aires do Casal], Ludovico Antonio Muratori (1672-1750), historiador e erudito italiano, em 1695 foi bibliotecário da Ambrosiana de Milan, 1700, em Modena. É considerado o pai da historiografia italiana. Dentre outras obras publicou *Il Cristianesimo felice nelle missioni dei padri della Compagnia di Gesù nel Paraguay en cui relazioni dei missionari ricostruice ed esalta l'opera di cristianizzazione e "comunitaria" dei Gesuiti nell'America del Sud*. Veneza: Gianbatista Pasquali. 1743, 196 p. (com mapa).

Os Guaranis, tribo principal dos índios da Província do Paraná, habitavam, em 1630, 20 grandes aldeias que abrigavam ao todo 70 mil pessoas.

Somente cem anos depois do descobrimento dessa região por Sebastião Caboto⁷⁸ e Diogo Garcia,⁷⁹ em 1520, os jesuítas pregaram ali a cristandade, tomando como regra principal manter os índios totalmente isolados dos europeus para que não presenciassem em seus atos o contrário do que lhes era pregado. Foram recompensados por sua vigilância e zelo com a boa vontade das tribos.

Em curto tempo foi-lhes possível mudar os hábitos nômades dos índios e acostamá-los a uma vida comum sossegada, em domicílios fixos, do que resultaram, como já foi dito acima, as aldeias aglutinadas, ou reduções.

Foram detidos em seu avanço na direção do alto Paraná, onde desejavam ampliar sua *conquista espiritual*,⁸⁰ pelos paulistas; em 1631 marcharam com uma força de 800 homens contra eles, fazendo-os recuar para o sul da Serra Maracaju.

O governo espanhol destinava, a princípio, 40 a 50 mil ducados anuais à catequização, até que as missões pudessem ter meios de se sustentarem por si próprias. Cada índio do sexo masculino com mais de 18 anos tinha então de pagar um imposto de 2 pesos duros. Os caciques, os primogênitos e mais 12 pessoas em cada redução, empregadas na administração da igreja, estavam isentos dessa contribuição.

Em 1634 existiam já 30 reduções com uma população de 125 mil índios cristãos, e o número dos que pagavam imposto chegava a 19.116 almas.

Os portugueses eram vizinhos perigosos e perniciosos; pois, como os índios sob sua proteção não pagavam nada e o imposto de 2 pesos duros era muito

⁷⁸ Sebastian Cabot (ca. 1476-1557), navegador inglês, filho do piloto italiano Giovanni Caboto, descobriu, em 1497, Labrador, junto com seu pai; em 1512, cartógrafo de Henry VIII, entrou no serviço da Coroa da Espanha; em 1518, foi membro do Consejo das Índias; em 1525, deixou Sevilha com uma expedição de três navios e explorou a região do Rio da Prata durante três anos; em 1544 desenhou um famoso mapa-múndi; em 1547 nomeado por Edward VI governador dos "Merchant Adventurers." Morreu em Londres.

⁷⁹ Diogo Garcia (1471-1535), piloto português a serviço da Espanha, em 1512, foi encarregado da exploração da costa da América do Sul, encontrou a embocadura do Rio da Prata em 1526, subiu até o Paraná, na confluência com o Paraguai, e, subindo este até o lugar do atual Ascención, encontrou-se com Sebastian Cabot.

⁸⁰ Aires de Casal (1817) refere-se à obra *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Uruguay e Tape*, de Antonio Ruiz de Montoya, SJ (Madrid 1639, 103 p.) Pe. Montoya era testemunha ocular do assalto dos paulistas sob o comando de Antônio Raposo Tavares (1598-1659).

alto, muitos guaranhuitas deixaram sua república e passaram para o território português. Para evitar esse mal, foi-lhes diminuída a taxa para a metade, em 1649, e eles deixaram de ser tratados como um povo conquistado, passando a ser verdadeiros súditos espanhóis.

Já quatro anos antes, para aliviar-lhes o pagamento do imposto, foi facultada aos índios a livre exportação de mate (também chamado chá-do-paraguai; em Minas conhecido como congonha). O espírito mercantilista dos jesuítas causou grandes prejuízos entre os comerciantes da cidade de Assunção, que logo se queixaram de que essa permissão, sob o pretexto de promover o bem comum das missões, servia ao comércio dos padres em benefício próprio. Dessa maneira, o governo viu-se diante da necessidade de baixar dois decretos ao Provincial do Paraguai: um no qual se ordenava que os índios não enviassem mais de 12 mil arrobas do chá para aquela cidade; outro, onde se proibia aos religiosos tirar proveito desse comércio.

As reduções dos guaranhuitas eram construídas da mesma maneira que as dos tapes. Em cada missão havia uma igreja matriz construída de pedras, em cuja decoração interna era usado até mesmo o ouro. Um vigário e um cura, ambos jesuítas, eram os únicos padres, aos quais cabia ainda a inspeção civil sobre a economia interna. Sob sua direção eram eleitos anualmente os corregedores; os caciques e outros funcionários eram vitalícios.

Com exceção dos padres e dos funcionários civis, as pessoas de ambos os sexos vestiam-se todas com uma longa camisola branca, ou talar, com a qual podiam executar as tarefas com conforto. Cultivavam erva-mate e algodão, além dos alimentos de que necessitavam para o seu sustento, os quais, de outro modo, lhes seriam providos pelo acaso, a exemplo dos outros indígenas. Esses produtos eram armazenados em depósitos comuns e distribuídos diariamente às famílias. Cada família recebia mais ou menos alimentos, conforme o número de pessoas que a constituíam. Em média, 1 onça de mate, 4 libras de carne, 1 medida de milho e outras coisas de que porventura precisassem. A distribuição desses produtos era controlada pelos corregedores e outras pessoas designadas para tal.

Os padres viviam confortavelmente ao lado da igreja, e contíguos a sua residência erguiam-se dois outros grandes prédios. Em um deles se ensinava a ler, escrever, pintar, além de arquitetura e música, dentre outras; havia ainda oficinas para o ensino dos diversos ofícios manuais. O outro prédio era destinado a crianças do sexo feminino que, sob a supervisão de instrutoras de idade avançada,

aprendiam todo o tipo de trabalho. Essas instituições de ensino eram visitadas diariamente a partir das oito horas da manhã pelo cura, em companhia de outras pessoas ali empregadas e do professor.

O excedente de seus produtos, especialmente uma grande quantidade de sebo, peles e mate, era vendido, e do montante obtido se pagava o imposto e se importavam da Europa artigos que ou não eram fabricados no País, ou eram excepcionalmente caros. O gado de sua propriedade era estimado, na época, em 2 milhões de cabeças.

Assim era organizado naquele tempo o império guarani quando, em 1768, os jesuítas foram expulsos e esses povos foram entregues à direção dos dominicanos, franciscanos e mercenários. Pouco mais de um século precisaram os jesuítas para dar a esses moradores dos pampas uma constituição organizada, afastá-los de seus costumes selvagens e transformá-los em uma nação pacífica.

Outra coisa se passou com os moradores das matas, os quais, apesar de repetidas tentativas e esforços, pouco se pôde influenciar.

O Estado Guarani havia, por meio de suas melhorias e pelo amor que o povo dedicava aos jesuítas, adquirido uma tal força que o governo espanhol não se atreveu a combater os jesuítas abertamente, recorrendo de preferência a astúcias, por temer que os índios reagissem violentamente à expulsão da ordem.

157 —

Por esse motivo, o Marquês de Bucareli,⁸¹ governador de Buenos Aires, queria dirigir pessoalmente, acompanhado das melhores tropas européias estacionadas em Buenos Aires, a execução das ordens reais nas missões. Para maior segurança, porém, seus objetivos foram mantidos em segredo e o marquês escreveu aos vigários que enviassem de cada missão o cacique e o corregedor para receberem ordens do rei diretamente de suas mãos.

Os jesuítas, que não suspeitaram de traição, enviaram até lá esses homens, e o governador não se pôs em marcha até que todos eles tivessem chegado e fossem tomados como reféns.

Na primeira missão Yapegu apresentou-se a ele o famoso cacique Nicolau, que naquele tempo era conhecido na Europa como o soberano do chamado Estado Guarani. Devido à sua idade avançada, não pudera empreender a viagem até Buenos Aires e esperou na aldeia as ordens que lhe deveriam ser comunicadas.

⁸¹ D. Francisco de Paula Bucareli y Ursúa, governador da Província do Rio de la Plata de 1766 a 1772.

Dessa maneira, o governador pôde avançar sem obstáculos e destruiu, com a expulsão dos jesuítas, uma organização que até aquele momento só fizera a felicidade desses povos. Se os jesuítas realmente tinham em mente fundar um Estado totalmente autônomo aqui, como temia o governo, é uma questão que não ousou responder, e que talvez jamais possa ser respondida de forma decisiva.

Com a expulsão dos jesuítas e com o afastamento de seus sábios e rígidos regulamentos, acelerou-se a decadência das missões.

Muitos europeus visitavam agora as missões, e com eles chegavam os vícios de que os jesuítas a haviam protegido com tanto zelo.

As aldeias se transformaram, a prosperidade desapareceu, os templos foram abandonados e até o dia de hoje essa decadência só faz aumentar, à medida que cada vez mais portugueses, espanhóis e negros vão para lá e usurpam as terras dos índios.

Além das 4 capitais – Assunção, Correntes, Coruguati e Vila Rica – existem apenas mais 24 aldeias ou vilas como remanescentes da atividade jesuítica.

QUINTA DISSERTAÇÃO

Determinações geográficas de latitudes e longitudes estabelecidas por diversos matemáticos e astrônomos

As seguintes informações, que até agora só existiam em manuscritos, devem ser bem-vindas aos geógrafos, pois as cartas que se têm do Brasil ainda são muito deficientes. Lamentável é apenas que as medidas de longitude, sem as quais as latitudes se tornam inúteis, sejam tão poucas. Entretanto, permanecendo de grande ajuda, a qual não se pode desprezar.

Conservei medidas levemente discrepantes de diversos observadores por não saber qual era a correta.

Determinações de latitudes dos principais portos, ilhas, cabos e localidades ao sul da Capitania do Espírito Santo, na costa, nos anos de 1730 e 31, por Diogo Soares⁹² e Domingos Capaci, matemáticos régios no Brasil

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Santa Catarina de Moz, último termo para o norte	21	20	18
Paraíba do Sul	21	18	44
Cabo de São Tomé	21	59	0
Praia de Carapebas	22	14	35
Macaé e Ilha de Santa Ana	22	21	25
Cidade de Cabo Frio	22	52	37
Saquarema	22	58	20
Marica	23	0	37
Rio de Janeiro	22	55	20
Aldeia de Mangaratiba	22	57	5
Vila de Angra dos Reis	22	59	1
Ilha Grande, na Praia Vermelha	23	9	24
Vila de Parati, último termo para o sul	23	12	42

⁹² Os jesuítas Diogo Soares (1684-1748) e Domingos Capassi (ou Domenici Capacci, 1694-1736) eram os famosos padres matemáticos enviados por D. João V em 1729 ao Brasil para produzir um *Novo Atlas do Brasil*. As latitudes de Minas Gerais constam também do *Códice Costa Matoso* (Fundação João Pinheiro, 1999), porém, às vezes, com valores diferentes.

Capitania do Rio de Janeiro, pela costa e no sertão

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Santa Catarina de Moz, último termo para o norte	21	20	18
Barra do Paraíba do Sul	21	38	44
Vila de São Salvador no mesmo rio	21	44	59
Aldeia de Goitacases	21	50	56
Aldeia de Campos Novos	21	41	10
Vila de Macacu	22	41	12
Aldeia de São Barnabé, na enseada do rio	22	43	46
Aldeia de São Pedro, na enseada de Cabo Frio	22	50	57
Fazenda de Santa Cruz	22	52	3
Passagem do Paraíba para Minas e termo para o sertão	22	9	18
Rio de Janeiro, Cidade de São Sebastião	22	55	20
Freguesia de Saquarema	22	58	20
Aldeia de Mangaratiba, na Baía da Ilha Grande	22	57	5
Freguesia de Maricá	23	0	37

**Capitania de São Paulo na costa,
segundo observações feitas nos anos de 1731, 1736 e 1737**

Vila de Ubatuba, último termo para o norte	23	24	15
Vila de São Sebastião	23	48	11
Fortaleza de Santo Amaro, na Barra de Santos	23	59	37
Vila de São Vicente	23	58	42
Vila de Santos	23	56	20
Vila de Nossa Senhora da Conceição de Itanhaém	24	11	6
Vila de Iguape	25	29	53
Vila de Cananéia	25	29	53
Vila de Paranaguá	25	29	53
Barra de Guaratuba	25	29	53
Rio de Saí	25	29	53
Vila do Rio de São Francisco	26	13	16
Enseada de Tapacoroya [<i>sic</i> , deve ser Itapema do Norte]	26	47	54
Enseada e Rio Itajaí	26	56	24
Enseada e Rio Camboriú-Guame	27	0	24
Baiteperá, ponta do rio e enseada dos Garoupas	27	5	24
Vila e Ilha de Santa Catarina	27	34	41
Campinhas de Ibiraquera	28	8	42
Vila de Laguna	28	30	40

Capitania de São Paulo, na direção do sertão

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Arraial de Piedade	22	4	30
Vila de Guaratinguetá	22	46	0
Vila de Pindamonhagaba	22	55	0
Vila de Taubaté	22	55	0
Vila de Mogi das Cruzes	23	29	50
Aldeia de Nossa Senhora da Graça	23	25	34
Cidade de São Paulo	23	33	10
Aldeia e Capela do Tietê	23	30	24
Vila do Parnaíba	23	32	6
Fazenda de Araçariguama	23	31	6
Vila de Sorocaba	23	31	14
Vila de Itu	23	27	2
Sítio do Pedroso	23	48	20
Fazenda de Itanguá	24	1	14
Vila de Curitiba	25	25	43

**Capitania de Minas Gerais:
de Ouro Preto ao Distrito Diamantino e, pelo Sertão
Comarca de Vila Rica e Ouro Preto**

161 —

Passagem do Rio Carandaí e Engenho de Miguel da Costa	20	57	52
Passagem de Parabuco, último termo do sertão para o sul	22	0	0
Registro da Borda do Campo	21	15	34
Arraial de Suaçuí, termo para o Rio das Mortes	20	37	14
Passagem das Congonhas, na Conceição	20	32	14
Dito no Peixoto	20	34	49
Engenho do capitão-mor Manoel de Seixas	20	34	14
Engenho do capitão-mor Dimongos Moreira	21	31	50
Arraial de Congonhas do Campo	20	30	0
Arraial de Ouro Branco	20	29	45
Arraial de Nossa Senhora da Soledade	20	29	34
Arraial de Itatiaia	20	28	30
Chiqueiro	20	28	52
Arraial de Santo Antônio do Morro	20	27	30
Arraial das Lavras Novas	20	26	41
Vila Rica de Ouro Preto	20	23	56
Arraial da Cachoeira	20	22	4
Arraial de São Bartolomeu	20	21	3
Morro da Itabira	20	17	59
Gravatá, último termo para o norte	21	16	7

Comarca do Ribeirão do Carmo, Cidade de Mariana, e Mato Dentro

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Ribeirão do Carmo Cidade de Mariana	20	21	27
Arraial de São Sebastião	20	19	58
Arraial de São Caetano	20	19	58
Arraial do Bom Jesus de Furquim	20	20	0
Arraial de Antônio Pereira	20	17	58
Barra do Gualaxo e passagem do Gualaxo do sul	20	30	14
Arraial de Guarapiranga	20	40	40
Arraial do Pinheiro	20	32	5
Arraial dos Camargos	20	15	13
Arraial do Inficionado	20	9	58
Arraial das Catas Altas e termo para o Caeté	20	4	54

Comarca de Caeté

Vila do Caeté	19	54	49
Arraial de Santa Bárbara	19	56	48
Barra de Caeté	19	57	55
Arraial do Brumado	19	58	13
Arraial de São Miguel	19	54	3
Rio de São Francisco-Mirim	19	55	33

Comarca do Sabará

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Gravato, último termo para o Sul	20	16	7
Ribeiro dos Machados	22	6	45
Arraial dos Raposos	19	57	15
Vila do Sabará	19	52	35
Roça Grande	19	53	48
Curral del-Rei	19	56	3
Arraial das Congonhas	19	59	32
Lavras do Desembargador Diogo Cotrim [de Souza]	19	47	22
Arraial de Santa Luzia	19	45	38
Convento das Macaúbas	19	41	11
Três Barras	19	25	20
Taquaruçu	19	36	0
Taquaruçu-Mirim	19	19	40
Rotaço [Rotação?]	19	17	22
Rio do Cipó, último termo para o norte	19	0	0

Comarca de Pitangui

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Vila de Pitangui	19	41	7
Bernardo Vieira	19	59	59
Tenente Borba	19	58	24
Encruzilhada, passado o Córrego das Guardas	19	46	0
Passagem do Paraopeba	19	0	12
Pompeu	19	21	57
As Almas	18	57	27
Prazeres	18	37	47
Morro da Garça	18	34	18
Arraial de Santo Antônio	18	42	27
Riacho Fundo	19	52	12
Rodeador	19	5	27
Pega-Bem	19	15	37
Sete Lagoas	19	25	57
Buriti	19	37	12
Bento Gonçalves	19	46	27
Itatiaiuçu	20	20	57
Vera Cruz	20	3	29
Paraopeba	20	10	0

Comarca do Serro do Frio e Minas Novas

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Serra da Lapa	19	6	4
Pé da Serra	18	51	0
Paraúna	18	38	33
Arraial do Milho Verde	18	29	3
Arraial do Tijuco	18	14	3
Caeté-Mirim	18	14	30
Passagem do Jequitinhonha	18	7	56
Ribeiro Manso	18	3	18
Capão Grosso	17	51	36
Pé do Morro	17	41	36
Currallinho	17	34	48
Vila de Nossa Senhora do Bom Sucesso do Fanado	17	14	48
Chapada	17	6	37
Água Suja	16	59	8
Contagem	16	47	36
Passagem do Jequitinhonha	16	44	12
Morro de Itacambira	17	15	45
Córrego de São Domingos	16	48	42
Passagem do Rio de Sucuruí	17	0	27
Engenho de Pedro Paulino	17	6	27
Olhos d'Água	17	21	30
Caiçara	17	4	0
Santana	17	4	30
Bigodes, último termo para o sertão da Bahia	17	31	15
Vila do Príncipe	18	37	28
Arraial dos Córregos	18	55	27
Arraial de Nossa Senhora da Conceição	19	14	39
Arraial do Morro de Gaspar Soares	19	14	58
Arraial de Itaverava	20	39	50

Comarca do Rio das Mortes

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Catas Altas da Noruega	20	40	30
Lagoa Dourada	20	55	22
Passagem de Camapuã	20	42	20
Vila de São José	21	5	30
Prados	20	58	0
Vila de São João del-Rei	21	7	4
Rio das Mortes pequeno	21	10	50
Rio Grande, nas passagens	21	19	20
Encruzilhada de Aiuruoca	21	50	55
Arraial de Aiuruoca	21	57	56
Arraial da Lagoa	22	2	0
Arraial de Baependi	21	55	56
São Gonçalo	22	6	42
Rio Verde	22	17	57
Serra da Mantiqueira, último termo para o sul	22	30	0
Paracatu	17	37	0

Capitania de Goiás

	Latitude		
	Grau	Min.	Seg.
Arrendidos	16	48	
Santa Luzia	16	49	
Meia Ponte	15	50	
Córrego do Jaraguá	15	48	
Vila Boa	16	19	
Anta	15	51	
São Miguel	14	46	
Crixás	14	14	
Guarinos	14	15	
Pilar	14	17	
Amaro Leite	13	10	
Buriti	14	47	
Água Quente	14	21	
Coral	14	25	
Traíras	14	16	
São José	14	13	
Santa Rita	14	11	
São Félix	13	10	
Barra da Palma	12	0	
Chapada de São Félix	13	0	
Arraias	12	23	
Conceição	11	59	
Natividade	11	21	
Chapada	11	18	
Carmo	10	54	
Pontal	11	30	
São Miguel e Almas	11	19	
Taboca	11	20	
Duro	11	12	
São Domingos	13	15	
Cavalcanti	13	28	
Flores	14	8	
Itiquira	15	20	

**Determinações de longitude e latitude das principais localidades
das Capitanias do Grão-Pará e Mato Grosso, corrigidas e
colligidas pelos astrônomos encarregados da demarcação de
fronteiras nos anos de 1750 e 1780.**

		Latitude			Longitude ¹³		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Pará	A*	1	27	2	329	2	
Macapá	B*	0	3	0	326	38	
Mazagão	A	0	22	0	326	15	
Furo do Limoeiro		1	52	41			
Rio das Areias		1	9	39			
Gurupa		1	27	37			
Porto da Moz		1	41	45			
Alto do Chão		2	29	0			
Santarém		2	24	50	323	15	0
Barra do Paricatuba		2	6	54			
Óbidos, ou Pauris		1	45	0			
Segundo outras medições		1	55	0			
Boca do Rio da Madeira		3	23	43	318	52	
Vila do Portil		1	53	0			
Casa Forte no Rio Guamá		1	34	30			

* A = austral; B = boreal

¹³ O meridiano de origem das latitudes é o da Ilha do Ferro (Ilhas Canárias).

Rio Negro

		Latitude			Longitude ⁸³		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Fortaleza da Barra		3	9				
Vila de Moura	A	1	26	45			
Pedras Grandes	A	1	23	23			
Lugar de Poiães	A	1	7	8			
Carvoeiro	A	1	23	0			
Boca do Rio Branco	A	1	24	0			
Barcelos	A	0	58	0	314	45	0
Lugar de Moreira	A	0	35	0			
Vila de Tomás	A	0	24	0			
Lamalonga	A	0	18	0			
Rio Urubaxi	A	0	26	0			
Rio Ucucuixi	A	0	27	0			
São João Nepomuceno	A	0	22	0			
São Gabriel	A	0	5	0			

Rio Branco

		Latitude			Longitude		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Furo Amayau	A	1	15				
Serra do Carmo	A ou B	0	17				
Princípio da Cachoeira	B	1	51	40			
Serra Curumani	B	2	34	43			
Santa Bárbara	B	2	55	0			
Fortaleza de São Joaquim	B	3	1	3	316	56	
Boca de Parime	B	3	30	0			
Aldeia da Conceição	B	3	27	0	316	25	30
Boca de Xuruma	B	3	21	36			
Barra do Maú		3	33	50			
Cachoeira do Pirara		3	39	20			
Lago Amacu		3	39	0	317	52	45
Penedo da Boa Vista		3	23	0			
Majari, Cachoeira Ancha	B	3	46				
Majari, cachoeira última	B	3	55	0			
Santa Rosa	B	3	44	30	314	44	38

Rio Solimões

Ega	A	3	31	0	312	44	45
Paraguari ou Nogueira	A	3	19	0	312	40	15
Coari	A	4	9				
Foz do Rio Jauari	A	4	17	30	308	4	30

Rio Madeira

Foz no Amazonas	A	3	23	43	318	52	0
Borba	A	4	23	0	318	7	15
Ilha dos Muras	A	6	34	15	315	55	45
Cachoeira de Santo Antonio	A	8	48				
Salto Teotônio	A	8	52				
Cachoeira do Givaí	A	9	21				
Pederneira	A	9	31	21			
Cauda do Ribeirão	A	10	10				
Cabeça do Ribeirão	A	10	14				
Confluência do Mamoré no Madeira	A	10	22	30			
Cauda da Bananeira	A	10	35				
Cabeça da Bananeira	A	10	37				
Ilha das Capivaras	A	11	14	30			
Confluência do Guaporé no Mamoré	A	11	54	46	312	28	30

		Latitude			Longitude		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Boca das Cantarias	A	12	13	30			
Destacamento das Pedras	A	12	52	35	314	37	30
Forte do Príncipe	A	12	26	0	312	57	30
Povoação de Santo Antonio dos Guarajús na Serra	A	13	36	0			
Porto dos Guarajús	A	13	29	40	315	55	30
Boca do Rio Paraguau	A	13	33				
Torres	A	13	39				
Boca do Rio Verde	A	14					
Porto do Cubatão	A	14	31				
Sazazé [sic]	A	14	51				
Vila Bela		15	0	0	317	42	0
Casal Vasco		15	19	46			
Morro das Salinas		15	46				
Baliza do Paragau		15	48				
Passagem do Paragau		15	45				
Engenho do padre Fernando [Vieira]		15	16				
Borda da Serra do Aguajú, 4 léguas ao Sul de Santa Bárbara		15	52				
Registro do Jauru		15	44	32			
Fazenda del-Rei		15	4	43			
Vila Maria		16	3	33			
Salinas, Tapera do Almeida		16	19	0			
Pau-a-pique		16	21				
Borda Oriental do Mato, ou Estiva		15	27	38			
Marco na Foz do Jauru		16	25	0	320	10	0
Morro Escalvado		16	42	58			
Ponta Boreal da Serra da Ínsua		17	33	0			
Letreiro da Gaíba		17	43				
Pedras de Amolar		18	1	44	320	13	30
Povoação de Albuquerque		19	0	8	320	3	15
Presídio de Coimbra		19	55	0	320	1	45
Confluência do Rio Caiaba com o de São Lourenço		17	13	43	320	50	0
Boca do Piraim		16	28	52			
Vila do Cuiabá		15	36	0	321	35	15
São Pedro del-Rei		16	16		321	2	15

**Localidades observadas pelos astrônomos Simões¹⁴
e Vitorino no ano de 1782**

		Latitude			Longitude		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Vila da Ega	A	3	20		312	41	0
Marapi	A	1	52				
Macupiri	A	1	55				
Foz do Rio Aparoris	A	1	22	0	308	0	0
Cachoeira do Cupaté	A	1	18				
Mamicaru, povoação dos Tabocas	A	1	32				
Foz do Rio dos Enganos	A	0	36	0	305	0	0
Cachoeira Grande, a primeira no Rio Japura	A	0	38				
Primeira cachoeira invadeável no Rio Aparoris	A	0	55				
Primeira Cachoeira Grande no Rio dos Enganos	A	0	15				
Segunda Cachoeira Grande no dito rio	A	0	12	0	304	37	
Primeira invadeável no Rio Cunhari	B	0	20				
Rio Aura	B	0	2				

172

Rio Jauri

Marco de pedra na margem sul desse rio, a leste da foz, distante 1.815 braças							
A foz fica a	A	4	17	30	308	6	30
ou, do meridiano de Paris					71	53	30

¹⁴ José Somões de Carvalho e José Joaquim Victória da Costa, "doutores em matemática etc.", eram empregados na demarcação da Capitania do Rio Negro nos anos 1780 a 1789, segundo as divisas definidas pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777). Participaram também os astrônomos Antônio Pires da Silva Pontes e Francisco José Lacerda de Almeida.

Observações feitas no Rio de Janeiro, no ano de 1781

	A	Latitude			Longitude		
		Grau	Min.	Seg.	Grau	Min.	Seg.
Cidade do Rio de Janeiro	A	22	54	15	334	45	0
(A longitude é da porta mais ocidental da Ilha do Ferro)							
(Desvio da agulha magnética - 1781: NE 6° 40')							

Cabo Frio							
(Desvio da agulha magnética 7° 5')		22	58	8	335	59	
Ponta do norte da ilha de Santa Catarina		27	22	30			
Vila de Nossa Senhora do Desterro na dita ilha		27	35	36	329	24	0
Ribeirão		27	41	48			
Ponta do sul da ilha		27	50	0			
A ponta oeste da ilha fica 20° 30' a oeste de Paris. Se a diferença de Paris à Ilha do Ferro é de 20°, valem as seguintes longitudes							
Para o Rio de Janeiro: 334° 15'							
Cabo Frio 335° 29'							
Santa Catarina 328° 56'							

Observações de Oliveira⁸⁵

Cidade de São Paulo ⁸⁶	A	23	33	15			
Longitude da ilha do Ferro 331° 24' 30"							
e do Observatório de Paris 330° 54' 30"							
(Desvio da agulha magnética NE 7° 15')							

Observações de Dr. Lacerda⁸⁷

Cidade de São Paulo	A	23	32	58	320	52	30
Boca do Rio Taquari (1789)		19	15	16	320	28	18
Boca do Rio Coxum		18	33	58	322	37	18
Fazenda de Camapuã		19	35	14	323	38	45
Salto Curau		20	5				
O istmo de Camapuã tem 6.230 braças							

⁸⁵ Francisco de Oliveira Barbosa.

⁸⁶ Segundo o IBGE (1958), a sede do município de São Paulo apresenta a seguinte posição: 23° 32' 36" S e 46° 37' 59" W de Greenwich, sendo a posição de Paris a 2° 20' E de Greenwich.

⁸⁷ Francisco José de Lacerda e Almeida (1750, São Paulo - 1802, África), matemático e astrônomo, foi comissionado pelo governo português para a demarcação das fronteiras do Brasil. Deixou o *Diário da viagem, que fez o Dr. Astrônomo Francisco José de Lacerda e Almeida, da Villa Bella de Matto Grosso, e Cuyaba, até a Cidade de São Paulo pelo ordinário derrota dos Rios, em o anno de 1788* (manuscrito na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) e o *Diário da viagem do Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida pelas Capitâneas do Pará, Rio Negro, Matto Grosso Cuyaba e São Paulo nos annos 1780 a 1790* (publicado São Paulo, 1841, 89 p.).

*E*ste livro foi confeccionado no formato 21 x 26 cm,
com texto principal em tipo Fenice 11/18, papel Pólem 120g.
Capa em Supremo 240g.
Impressão Rona Editora.
Tiragem de 1.000 exemplares.

Belo Horizonte
Verão de 2001
CEHC/FJP

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY
540 EAST 57TH STREET
CHICAGO, ILLINOIS 60637
TEL: 773-936-3000
WWW.CHICAGO.EDU

Doach
14/05/01

Minas

Generais

